

MENSAGEM SUPREMA

DE

NATAL

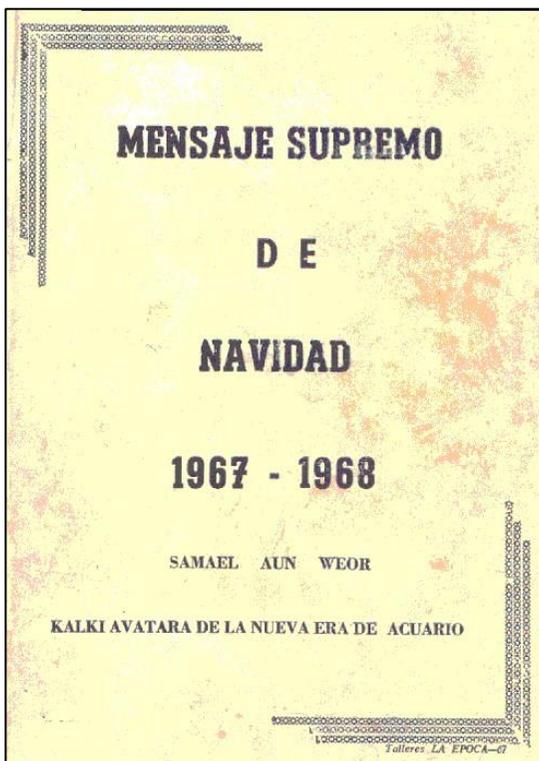
1967 – 1968

SAMAEL AUN WEOR

KALKI AVATARA DE LA NUEVA ERA DE ACUARIO

Tradução: Bernardo Lopes

Livro conhecido pelo nome Los Cuerpos Solares e Noite dos Séculos



Capa Original

ÍNDICE

PREFÁCIO DA EDIÇÃO ORIGINAL.....	5
CAPÍTULO 1 A ATLÂNTIDA.....	11
CAPÍTULO 2 A RAÇA ARIANA.....	15
CAPÍTULO 3 A NOVA CATÁSTROFE	19
CAPÍTULO 4 PERIGOSOS SINTOMAS	25
Falha Geológica do Atlântico	26
Ramal do Oriente	26
CAPÍTULO 5 A CIÊNCIA ATÔMICA.....	29
CAPÍTULO 6 AVISOS DA NATUREZA.....	35
CAPÍTULO 7 O GRANDE JUIZ	41
CAPÍTULO 8 O REINO MINERAL SUBMERSO	47
CAPÍTULO 9 OS CORPOS PROTOPLASMÁTICOS.....	53
CAPÍTULO 10 O EU PLURALIZADO	59
CAPÍTULO 11 A CONSCIÊNCIA	63
CAPÍTULO 12 REENCARNAÇÃO E RETORNO.....	67
CAPÍTULO 13 A LEI DE RECORRÊNCIA	73
CAPÍTULO 14 A MÁQUINA HUMANA	79
CAPÍTULO 15 EVOLUÇÃO E INVOLUÇÃO.....	85
CAPÍTULO 16 A REVOLUÇÃO DA CONSCIÊNCIA	91
CAPÍTULO 17 A LUA	97
CAPÍTULO 18 O LIMBO.....	103
CAPÍTULO 19 MERCÚRIO.....	109
CAPÍTULO 20 AS GLÂNDULAS SEXUAIS	115
CAPÍTULO 21 O CADUCEU DE MERCÚRIO	121
CAPÍTULO 22 TANTRISMO BRANCO.....	127
CAPÍTULO 23 OS CHAKRAS.....	131
CAPÍTULO 24 O MAGISTÉRIO DO FOGO.....	137
CAPÍTULO 25 O PRANAYAMA	143

CAPÍTULO 26 TANTRISMO NEGRO	147
CAPÍTULO 27 TANTRISMO CINZENTO	153
CAPÍTULO 28 ABSTENÇÃO SEXUAL.....	159
CAPÍTULO 29 LEIS SOLARES E LEIS LUNARES.....	163
CAPÍTULO 30 O CORPO ASTRAL	169
CAPÍTULO 31 O CORPO MENTAL	175
CAPÍTULO 32 O CORPO CAUSAL	181
CAPÍTULO 33 O SEGUNDO NASCIMENTO.....	185
CAPÍTULO 34 PEDRO, JUDAS E JOÃO	191
CAPÍTULO 35 O CAMINHO DE JOÃO	197
CAPÍTULO 36 A HISTÓRIA DO MESTRE CHINÊS KAO FENG.....	203
CAPÍTULO 37 A PAIXÃO DE AL-HALLAJ.....	209
SAUDAÇÕES FINAIS	213

PREFÁCIO DA EDIÇÃO ORIGINAL

No ano de 1950 foi julgada a Grande Rameira, a humanidade terrestre. Naquela época, tudo era alegria e felicidade. O mundo dos negócios prosperava, grandes eventos sociais embelezavam todas as classes sociais, os eruditos fascinavam o mundo com seus axiomas brilhantes, os especialistas e estadistas fixavam novos princípios em seu empenho de comandar a natureza. Dizia-se então que o desmatamento traria como consequência grandes secas. E que as chuvas desapareceriam se continuasse o desmatamento dos bosques. Anos depois vimos a resposta da natureza: as chuvas são tão abundantes que os rios transbordam e os vales se inundam pela abundância da água em todo o continente. Estamos em Aquário, e Aquário traz muita água. Isso é tudo.

Publicamente suportamos a estrondosa gargalhada de Aristófanes quando informamos, por meio de nossos livros, a triste sorte de nossa espécie humana. Com a divulgação do Arcano AZF uniram-se a burla e a recriminação altaneira porque divulgar esse método seria acabar com o mundo. Nossos críticos, no afã de menosprezar o ensinamento, recorriam à expressão bíblica: “crescei e multiplicai-vos”. Meus amigos pessoais me garantiam que se divulgássemos a sabedoria da castidade científica o mundo se acabaria. Confundiam nossos estudantes assegurando-os que tal castidade acabaria com o mundo. Atualmente voltei a me aproximar desses amigos pessoais que em tom airoso me atormentavam por difundir esse ensinamento, para pedir-lhes para pedirem aos grandes jornais e à imprensa mundial que parem de falar em favor das pílulas anticoncepcionais, mediante as quais se pode controlar a natalidade e acabar com o mundo. Porém, vejo que agora isso já não mais lhes interessa; não dizem nada porque é ‘a ciência’ que afirma ser necessário controlar a reprodução da espécie humana.

De nossa parte, sabemos aproveitar as falhas humanas, e, por isso, hoje podemos falar publicamente sobre a castidade

científica, que efetivamente inclui o controle da ‘concepção’ que é bem diferente do controle da ‘natalidade’, fator que exime a humanidade dos perigos dos anticoncepcionais.

Certa ocasião, falando na Rádio Fronteira, na Venezuela, sobre o problema da guerra atômica que se tornou ‘o grande tema do momento’, um dos repórteres ali presentes me perguntou: “Sendo a bomba atômica algo tão destrutivo e mortífero ainda assim seriam lançadas sobre as grandes cidades”?

Respondi: “Se querem exterminar os que vão nascer com as pílulas anticoncepcionais por que não se dariam ao prazer de também exterminar os já nascidos que, segundo eles, se tornaram tão odiosos? Meus amigos, os que sobreviverem à catástrofe saberão perfeitamente bem que tipo de gente somos nós”.

Já estamos nos ‘últimos dias’ dos quais falou o profeta João no Apocalipse. A destruição não poderá ser total porque a raça humana é um órgão da própria natureza, e sua extinção seria também a extinção do planeta.

No passado, a humanidade foi castigada pela água; agora, será castigada pelo fogo. Ambos os lados em conflito possuem armas semelhantes. Com a chegada do homem na Lua será dado um grande sinal, o qual será entendido pelos preparados.

No momento estamos plantando a semente que dará frutos após a Grande Catástrofe, quando o homem, aturdido, desorientado e sem ilusões de tudo e de todos, se veja obrigado a buscar internamente o que nunca encontrou fora de si. Saibam os castos e puros de coração que as cinzas atômicas não entrarão nos templos vivos devidamente sinalizados com o Sangue do Cordeiro.

Novamente se repetirá o caso do Povo Escolhido, do povo santo e casto, que Moisés conduziu após os egípcios serem atacados pelas forças destrutivas que caíam do céu. Nossa semente não serve apenas para perpetuar a espécie, mas também para nos fazer indestrutíveis diante das potências do mal.

Quando o Cristo veio ao mundo a mulher era mero butim de guerra, vendida nos mercados como fonte de prazer. O Cristo resgatou a mulher desse destino imposto pelos homens. É que com o tempo o homem perdeu a sabedoria da castidade; o resultado disso é visto hoje em todas as partes; comumente muitas mães dão à luz quadrigêmeos, hexagêmeos ou mesmo octagêmeos. O homem passou a temer a reprodução e trata de destruí-la.

Governos, estadistas e economistas temem pelo fim da pouca comodidade conquistada pela ciência moderna e nos fazem crer que dentro de alguns anos o descontrole natal feminino complicará nosso sistema de vida.

A ciência ateuista criou a pílula para o controle da natalidade valendo-se da mulher; e dentro desse cenário o homem figura apenas como enfermeiro e conselheiro. E, novamente, a mulher voltou a ser local de prazer. Ontem era escrava e butim de guerra; hoje, com as pílulas, assegura-se o comércio de seu corpo sem temor de engravidar, dando-se a ela a liberdade de destruir sua própria criação.

O homem está fazendo consigo o que não foi capaz de fazer com as plantas e animais. Por que não fazer melhorias humanas tal qual se faz com os animais e vegetais?

Não mancomunamos com a maldade do mundo; pregamos aos quatro ventos que existe uma ciência divina por meio da qual o casal que se une em matrimônio tem em suas mãos o controle da concepção, sem apelar para as malditas drogas que envilecem e destroem a mulher.

A mulher foi criada para ser a eterna companheira do homem; hoje quer ser conspurcada e envilecida pela ciência humana. Todos os religiosos do mundo temos que nos unir para defendê-la. Essa será a primeira batalha a ser travada contra os cavaleiros do apocalipse.

Existem leis divinas que o homem comum e corrente desconhece; ensinar esta lei é romper com a ordem social e

econômica atual. É requerida uma educação intelectual que nos proporcione melhor sustentação e manutenção, porém se tornou também indispensável a sabedoria interna, a sabedoria que cultiva e transforma ambas as personalidades: a que desenvolve os poderes do Mestre Interno e a que melhora as capacidades humanas.

Se quisermos ser úteis aos nossos semelhantes temos que encarnar a doutrina do Redentor do Mundo. Três são os fatores de Revolução da Consciência:

Saber morrer de momento a momento – isso é guerra ao ‘eu psicológico’, contra nossas legiões satânicas; para obter a individualidade é preciso acabar com todos os defeitos ou alimentos de Satã.

Saber nascer de instante a instante – para isso nos valemos de nossa própria semente; devemos transmutar essa energia genética em luz e fogo; com ela vamos modificando nossos débeis corpos lunares em fortes corpos solares.

Saber sacrificar-se pela humanidade – temos que nos sacrificar pelos semelhantes, em favor da pobre órfã, como é sinalizado pelos que puderam servi-la.

Aquele que jamais perde sua própria semente aprende a sair e a entrar à vontade em seu corpo, convertido em templo vivo; pode locomover-se por todos os espaços siderais e se dar conta que poderão nascer aos milhões os filhos dos homens sem que jamais consigam preencher o universo infinito.

O homem já conheceu a sua vida pluralizada; com ela formou o seu labirinto. Agora, com a sabedoria da castidade, ensinaremos a acender a sua lâmpada votiva, o lábaro do templo, que se alimenta com seu próprio azeite, ou seja, sua própria semente. Assim, à medida que formos saindo de nosso próprio labirinto, também iremos formando a individualidade; deixaremos de ser legiões governadas pelos demônios e nos tornaremos homens confiáveis.

Para tanto se requer o estudo ordenado e metódico dessa ciência que o Avatar de Aquário está nos apresentando nestas Mensagens de Natal. Já conhecemos a mística vocacional, conhecemos muito de religião e agora nos toca conhecer esta grandiosa ciência divina que nos permitirá ser julgados e sair vitoriosos como os Deuses do futuro.

Que a paz mais profunda reine em teu coração para que participes da luz!

Gargha Kuichines
Summum Supremum Sanctuarium
Dezembro de 1967

CAPÍTULO 1

A ATLÂNTIDA

Amadíssimos irmãos gnósticos!

Nesta noite de NATAL de 1967, vamos começar esta Mensagem lembrando o antigo e submerso continente chamado ATLÂNTIDA. No antigo Egito dos faraós, os sacerdotes de SAIS disseram a SÓLON que a ATLÂNTIDA tinha sido destruída 9.000 anos antes de conversarem com ele.

Num antigo manuscrito MAIA, conservado no Museu Britânico, lê-se o seguinte:

“No ano 6 de KAN, o II MULUC, no mês Zrc, ocorreram terríveis terremotos que continuaram sem interrupção até o 13 CHUEN. O país das COLINAS de BARRO, a terra de MU, foi sacrificado. Após duas comoções, desapareceu durante a noite, sendo constantemente estremecida pelos fogos subterrâneos que fizeram a terra afundar e reaparecer várias vezes e em diversos lugares. Por fim, a superfície cedeu e dez países separaram-se e desapareceram. Afundaram 64 milhões de habitantes há 8.000 anos antes de se escrever este livro”.

O famoso doutor PAUL SCHLIEMANN, que teve a alta honra de haver descoberto as RUÍNAS da velha TRÓIA, achou no TESOURO de PRÍAMO um estranho jarro de forma muito peculiar, no qual estava gravada uma frase com caracteres FENÍCIOS, cujo texto diz: “DO REI CRONOS DA ATLÂNTIDA”.

Entre os objetos desenterrados em TLAHUANACA, AMÉRICA CENTRAL, foram encontrados jarros muito parecidos com os do TESOURO DE PRÍAMO.

Quando essas misteriosas peças foram intencionalmente quebradas com propósitos científicos, nelas foram encontradas

certas moedas em que se podia ler claramente: “EMITIDA NO TEMPLO DAS PAREDES TRANSPARENTES”.

Falando esotericamente, diremos que cada TEMPLO DE MISTÉRIOS, cada LUMISIAL GNÓSTICO é, de fato, um templo de paredes transparentes, tendo como teto o infinito estrelado; porém o templo mencionado nesses misteriosos jarros era a TESOURARIA NACIONAL ATLANTE.

Nos arquivos do antigo TEMPLO BUDISTA DE LASSA, pode-se ler ainda uma inscrição caldaica bem antiga, escrita 2.000 anos antes de Cristo e que diz: “Quando a estrela BAL caiu no lugar onde agora só existe mar e céu, as sete cidades com suas portas de ouro e TEMPLOS TRANSPARENTES tremeram e sacudiram como folhas de árvore movidas pela tormenta. E eis que uma onda de fogo e fumaça surgiu dos palácios, e os gritos de agonia da multidão encheram o ar e foram buscar refúgio em seus templos e fortificações, porém o sábio MU, o sacerdote de RA-MU, apareceu frente a eles e disse: Não vos predisse isto? E homens e mulheres, cobertos de pedras preciosas e brilhantes vestes, clamaram: MU, SALVA-NOS! E MU replicou: Morrereis com os vossos escravos e vossas riquezas e de vossas cinzas surgirão novas nações, e se elas se esquecerem de que devem ser superiores não pelo que possuem, mas pelo que dão, a mesma sorte lhes caberá. E o fogo e a fumaça sufocaram as palavras de MU e a terra partiu-se em pedaços submergindo com seus habitantes nas profundezas em poucos meses”.

A civilização Atlante ainda não foi superada pela nossa tão cacarejada civilização moderna. Os atlantes conheceram a energia atômica e a utilizaram na paz e na guerra.

A ciência Atlante teve a enorme vantagem de estar unida à MAGIA. Fabricavam robôs extraordinários. Certo tipo de elementais superiores controlavam tais robôs. Esses robôs, dotados de inteligência, pareciam seres humanos, e serviam fielmente seus amos. Qualquer robô podia informar seu dono sobre os perigos que o ameaçavam e sobre múltiplas coisas da

vida prática. Os Atlantes tinham máquinas extraordinárias e maravilhosas como, por exemplo, uma que podia transmitir telepaticamente à mente de qualquer ser humano, valiosa informação intelectual.

As lâmpadas atômicas iluminavam os palácios e os TEMPLOS DE PAREDES TRANSPARENTES.

As naves marítimas e aéreas do velho continente submerso eram movidas por energia nuclear. Os Atlantes sabiam desgravitar os corpos à vontade. Com um pequeno aparelho, que cabia na palma da mão, podiam fazer levitar qualquer corpo, por mais pesado que fosse.

O DEUS NETUNO governou sabiamente a Atlântida. Causava admiração ver o sacratíssimo templo desse santo Deus. As paredes ou muros prateados do templo assombravam por sua beleza e as cúpulas e tetos eram de todas de ouro maciço da melhor qualidade. O marfim, a prata, o ouro e o bronze luziam no interior do templo de Netuno com todos os raios esplendores das antigas épocas.

A gigantesca escultura sagrada do venerado e sublime DEUS NETUNO era toda de ouro puro. A inefável e misteriosa estátua montada em seu belo carro puxado por exóticos corcéis e o respeitável séquito de cem nereidas infundiam profunda veneração na mente dos devotos atlantes.

As cidades atlantes seguiram florescendo enquanto seus habitantes permaneceram fiéis à religião de seus pais, enquanto cumpriram com os preceitos do DEUS NETUNO, enquanto não violaram a lei e a ordem. Mas quando profanaram as coisas sagradas, quando abusaram do sexo, quando se mancharam com os sete pecados capitais, foram castigados e submergiram com toda sua riqueza no fundo do oceano.

Os sacerdotes de SAIS disseram a SÓLON: “Todos os corpos celestes que se movem em suas órbitas, sofrem perturbações que determinam, no devido tempo, uma destruição periódica das coisas terrestres por um grande fogo”.

O continente Atlante estendia-se e orientava-se para o AUSTRO e os lugares mais elevados, para o SETENTRIÃO. Suas montanhas eram bem maiores em tamanhos, alturas e números a tudo que conhecemos atualmente.

A história do DILÚVIO UNIVERSAL, cujas versões encontram-se nas tradições de todas as raças humanas, é simples recordação da GRANDE CATÁSTROFE ATLANTE.

Todos os ensinamentos religiosos da primitiva América, os sagrados cultos dos incas, maias, astecas, os deuses e deusas dos antigos gregos, escandinavos, fenícios, hindus, etc., são de origem atlante.

É urgente saber, é necessário compreender que os deuses e deusas citados por Homero na Ilíada e na Odisseia foram Heróis, Reis e Rainhas na Atlântida. Os povos antigos veneraram e adoraram aqueles deuses santos que viveram na Atlântida e que agora moram no Empíreo. A Atlântida unia geograficamente a América com o velho mundo. As antigas civilizações indo-americanas têm origem atlante. As religiões egípcia, inca, maia etc., foram as primitivas religiões dos atlantes.

O alfabeto fenício, pai de todos os famosos alfabetos europeus, tem sua raiz num antigo alfabeto atlante que foi corretamente transmitido aos maias pelos atlantes. Todos os símbolos e hieróglifos dos egípcios e dos maias provêm da mesma fonte atlante. Assim fica explicada sua semelhança, muito grande, para ser resultado da casualidade.

Antigas tradições afirmam que os atlantes dispunham de um metal mais precioso que o ouro, chamado de Oricalko.

A catástrofe que acabou com a Atlântida foi pavorosa. Não resta nenhuma dúvida que o resultado da violação da lei é sempre catastrófico.

CAPÍTULO 2

A RAÇA ARIANA

Na época da submersão da Atlântida foi de fato um período de muitas transformações geológicas. Emergiram do seio profundo do imenso mar outras terras firmes que formaram novas ilhas e continentes. Alguns sobreviventes atlantes refugiaram-se no pequeno continente de Grabontzi – a atual África – o qual aumentou de tamanho e extensão devido a que outras áreas de terra firme emergiram das águas vizinhas e se somaram a ele.

O Golfo do México antigamente era um belo vale. As ilhas Canárias, as Antilhas e a Espanha são pedaços da submersa Atlântida. O antigo mar de Kolhidius, situado a noroeste do continente recém-formado e conhecido como Ashartk (Ásia), mudou de nome e hoje é conhecido como Mar Cáspio. As margens do Mar Cáspio eram formadas por terras que, ao emergirem do oceano, uniram-se ao continente asiático. A Ásia, o Mar Cáspio e aquele bloco de terra é o que hoje em dia se conhece como Cáucaso. Esse bloco chamava-se naqueles tempos Friantzandarali e mais tarde Kolhidishissi, porém hoje em dia, como já dissemos e repetimos, forma o Cáucaso.

Por aquelas épocas, um grande rio que fertilizava a rica terra de Tiklialis desembocava no Mar Cáspio. Esse rio chamava-se Oksoseria e ainda existe, porém já não desemboca mais no Mar Cáspio devido a um tremor secundário que o desviou para a direita.

O rico caudal de águas desse rio precipitou-se violentamente pela zona mais rebaixada do continente asiático dando origem ao pequeno Mar de Aral, porém o antiquíssimo leito desse rio, agora chamado Amu Darya, ainda pode ser visto como um sagrado testemunho do curso dos séculos.

A Atlântida passou por terríveis e espantosas catástrofes antes de desaparecer totalmente. A primeira catástrofe aconteceu

há 800.000 anos, pouco mais ou pouco menos. A segunda grande catástrofe ocorreu há uns 200.000 anos; e a terceira, há uns 11.000 anos. Desta última, bem como de seu dilúvio, os povos guardam mais ou menos uma confusa recordação. Depois da terceira catástrofe, que acabou com a Atlântida, o antigo país Tikliamis, com sua formidável capital situada às margens do já citado rio que desembocava no Mar Cáspio, e que mais tarde deu origem ao Mar de Aral, foi coberto com as suas cidades e aldeias pelas areias; agora é apenas um deserto.

Por aquelas épocas, desconhecidas para um Césare Cantu e sua História Universal, existia outro belo país, conhecido com o nome de Maralpleicie. Esse país comerciava com Tikliamis e entre eles havia muita competição comercial. Mais tarde, Maralpleicie veio a tomar o nome de Goblândia devido a sua grande cidade de Gob.

Goblândia e a sua poderosa cidade foram tragadas pelas areias do deserto. Sob as areias do deserto de Gobi acham-se ocultos riquíssimos tesouros atlantes e poderosas máquinas desconhecidas para os atuais povos da raça ariana. De quando em quando, as areias deixam descobertos esses tesouros, mas ninguém se atreve a tocá-los porque aquele que o tentar será instantaneamente morto pelos gnomos que os guardam. Somente os homens da futura sexta grande raça poderão conhecer esses tesouros e isso sob a condição de reta conduta.

Muitos comerciantes de pérolas da Atlântida se salvaram refugiando-se em Perlândia, país hoje em dia conhecido como Índia.

Foram os atlantes que construíram as pirâmides egípcias e astecas; eles fundaram a civilização inca e estabeleceram os Mistérios na Índia, na China, no Egito, em Yucatan, etc.

A raça atlante desapareceu tragada pelo mar. A raça atlante teve sete subraças, sendo que a sétima, a última delas, corresponde aos sobreviventes da grande tragédia.

A semente da nossa raça ariana é nórdica; porém, ao se misturar com os sobreviventes atlantes, deu origem às sub-raças do tronco ariano.

A primeira sub-raça floresceu na Ásia Central. A segunda, desenvolveu-se na Índia e sul da Ásia. A terceira, criou as poderosas civilizações da Caldéia, Babilônia, Egito, etc. A quarta, desenvolveu-se em Roma, Grécia, Itália, etc. A quinta sub-raça é formada pelos anglo-saxões e teutões.

Grandes tratadistas da antropogênese moderna, como H.P.B., Rudolf Steiner, Max Heindel e outros cometeram o lamentável erro de supor que nos momentos atuais estamos na quinta sub-raça da quinta raça raiz, como se nós, latino-americanos, não existíssemos, como se fôssemos anglo-saxões, teutões ou algo equivalente.

É absurdo ignorar o fenômeno racial da América Latina. Sob todos os aspectos é lógico que a mistura dos conquistadores espanhóis com as tribos indo-americanas resultou de fato e por direito próprio em uma nova sub-raça: o sexto ramo do tronco ariano.

O trabalho de formação da sexta sub-raça no território pele-vermelha foi muito difícil porque os conquistadores ingleses, ao invés de se misturarem com os nativos indígenas, os destruíram e assassinaram. A mistura de sangue realizou-se de forma insignificante e incipiente. A Fraternidade Oculta que governa os destinos do mundo viu-se na necessidade de converter o território norte-americano num crisol de fundição de raças. Nos Estados Unidos, todas as raças do mundo misturaram-se para formar a sexta sub-raça com enorme dificuldade.

A sexta sub-raça formou-se facilmente na América Latina. Isto é algo que os tratadistas de antropogênese e ocultismo não deviam ignorar. Quanto à sétima sub-raça ariana, esta ainda não existe, mas existirá e será formada pelos sobreviventes do novo grande cataclismo que breve destruirá a raça ariana.

Naqueles reinos da Ásia Central, hoje desaparecidos, cujas ruínas ainda existem nos Himalaias, em torno do Tibete, bem como em outros países como Goblândia, Maralpleicie, etc., todos eles situados no coração da Ásia, existiram poderosas civilizações espirituais da primeira sub-raça ariana.

Na antiga Índia (Perlândia), a sagrada terra dos Vedas, e em todas essas regiões do sul da Ásia, existiram formidáveis culturas esotéricas e tremendas civilizações, onde a segunda sub-raça se desenvolveu.

A Babilônia, antes de sua decadência, a Caldéia e os seus augustos Mistérios, o Egito e suas pirâmides, todos foram cenários de ricas e poderosas civilizações da terceira sub-raça ariana.

Atenas, a grande cidade fundada pela Deusa Atena, e Roma, antes de sua degeneração e destruição, foram cenários maravilhosos para o desenvolvimento de poderosas civilizações da quarta sub-raça ariana.

As duas guerras mundiais com sua barbárie e corrupção moral assinalam com seu dedo acusador os homens e mulheres da quinta sub-raça ariana.

A América Latina é o cenário da sexta sub-raça, já que nossos primos do norte, os 'gringos', são ainda muito anglo-saxões.

A raça ariana, ao invés de evoluir, involuiu; sua corrupção agora é pior que a dos atlantes. Sua maldade é tanta que já chegou aos céus. A raça ariana será destruída para que se cumpra a profecia que Ra-Mu fez na submersa Atlântida: Se eles se esquecerem que devem ser superiores não pelo que adquirem, mas pelo que dão, a mesma sorte lhes caberá.

CAPÍTULO 3

A NOVA CATÁSTROFE

Amadíssimos irmãos gnósticos!

Neste Natal de 1967 é urgente que todos estudemos e analisemos com muito critério o tremendo momento que vivemos. Impossível negar que estamos em instantes de crise mundial. Nunca antes na história da nossa raça ariana houve um momento mais terrível. Em todas as partes do mundo escutam-se ais e lamentos. Por todas as partes existem paredões de fuzilamentos e infelizes criaturas que esgotam seus últimos instantes de vida em trabalhos forçados, recordando com suprema angústia seus entes queridos, viúvas que morrem de fome com seus filhos, etc.

Toda a Terra está cheia de exércitos e por todas as partes há guerras e rumores de guerras. O caos atual é espantoso e os tiranos, sentados em seus tronos de blasfêmia, tentam inutilmente estabelecer uma nova ordem à base de sangue e álcool.

Paris, como uma grande rameira, continua revolvendo-se imunda em seu leito de prazeres. Londres converteu-se numa nova Sodoma e até tenta estabelecer vínculo legal no casamento de homossexuais. Os Estados Unidos da América caíram na loucura coletiva, pois não só destroem os outros povos como também a si próprios. A China, a venerável China de Confúcio e de Lao-Tsé, como uma prostituta caiu nos braços do marxismo-leninismo; acabou importando uma doutrina corrompida do mundo ocidental, e, no entanto declara-se inimiga do ocidente.

A terceira guerra mundial é inevitável. Aqueles que planejaram e realizaram as duas guerras mundiais já estão trabalhando ativamente para dar forma e realidade à terceira grande guerra que será milhões de vezes mais horrível que as duas anteriores.

Todo o sentimento de piedade desapareceu. Agora até se considera um luxo possuir coração de pedra, coração empedernido. Em muitas escolas e colégios ensina-se aos alunos que a caridade é uma fraqueza e que jamais se deve dar esmolas; eis como os alunos tornam-se perversos e cruéis desde os bancos escolares.

Depois da segunda guerra mundial, caiu sobre a humanidade inteira a epidemia moral dos chamados ‘rebeldes sem causa’. Esses juvenis da ‘nova onda’, sem Deus e sem lei, andam em bandos por todas as partes; matam, ferem, violentam, embriagam-se etc., e nenhum governo consegue controlá-los. O mais grave desses chamados ‘rebeldes sem causa’ é o seu estado de absoluta irresponsabilidade moral. Quando conduzidos aos tribunais, nunca sabem por que feriram, porque mataram, e o que é pior: não lhes interessa saber.

O sublime mundo da arte chegou ao máximo da degeneração. O templo da arte converteu-se num bordel, num prostíbulo, onde homossexuais, drogados, alcoólatras, meretrizes, ladrões e assassinos buscam refúgio.

É tão grave a corrupção humana que já se fez do homicídio uma arte e, para o cúmulo dos cúmulos, existem atualmente clubes de assassinos e abundante literatura sobre a arte do assassinato.

Todos os setores da arte atual ostentam luxúria, drogas, alcoolismo, homossexualismo, sangue e horror. Os autores clássicos são olhados com o mais profundo desprezo. Tocar Beethoven ou Mozart numa festa moderna significa abandono geral dos convidados. Mas os quatro palhaços blasfemos da música degenerada da Inglaterra são condecorados pela rainha do império e as multidões de imbecis beijam até o chão que eles pisam.

Por todas as partes abundam os assassinatos, os roubos, infanticídios, matricídios, parricídios, uxoricídios, assaltos, violações, genocídios, ódios, prostituição, vinganças, feitiçarias,

comércio de almas e de corpos, cobiça, violência, inveja, orgulho, soberba, gula, preguiça, calúnias, etc.

Efetivamente, a raça ariana é uma fruta podre que cairá da árvore da vida devido ao peso de sua podridão.

Os estudantes ocultistas enchem-se de infinito horror quando revisam a história da Atlântida nos registros akáshicos da natureza; mas os atlantes tiveram religião. Nesse sentido, foram menos degenerados que os sequazes do marxismo-leninismo, os quais odeiam mortalmente os princípios religiosos.

Os Iniciados sentem pavor psíquico quando recordam aquela mulher de maligna e sedutora beleza da antiga Atlântida, a rainha Katebet dos tristes destinos, que governou soberana todos os estados do sul do continente submerso e a poderosa cidade das portas de ouro. Realmente, não existe na história dos Bórgias e dos Médicis perversidade semelhante. Aquela beleza maligna cativava com sua necromancia e seduzia com seus encantos a príncipes e reis. Muitas donzelas e crianças foram imoladas em seu nome às tenebrosas entidades dos mundos inferiores.

A medicina sacerdotal atlante havia descoberto naquele tempo aquilo que hoje podemos chamar cientificamente de “opoterapia humana”. Ou seja: eram feitas aplicações em enfermos e caducos de extratos glandulares de pituitrina, tiroidina, adrenalina, etc.

Os sacerdotes médicos não só usavam a química, os hormônios e os extratos dessas glândulas endócrinas, como também usavam sua hiperquímica: os fluidos vitais e psíquicos dos chacras ou centros magnéticos do organismo humano intimamente relacionados com esses centros endócrinos.

As vítimas das imolações, após serem removidas dos altares de sacrifícios, eram levadas às câmaras secretas, onde os sacerdotes médicos extraíam dos cadáveres as preciosas glândulas endócrinas tão necessárias para conservar o corpo da rainha fatal com todo o encanto e beleza de uma juventude que

suportou o peso de muitos séculos. O mais espantoso era aquele momento em que os sacerdotes atiravam o cadáver já sem suas glândulas às fanáticas multidões que envilecidas e sedentas o devoravam. Eis como esses povos tornaram-se antropófagos.

Refletindo muito sobre todas essas coisas, ficamos espantados e horrorizados, mas todas essas barbáries tornam-se pequenas e até parecem ridículas quando as comparamos com as atrocidades cometidas durante as duas guerras mundiais e também com a monstruosa explosão da bomba atômica nas cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki.

Todas as barbaridades dos atlantes tornam-se insignificantes diante das câmaras de gás, onde milhões de mulheres, velhos e crianças, despojados de suas roupas, morreram no mais terrível desespero.

Podemos nos horrorizar com a bestialidade atlante, porém milhões de vezes piores foram os bombardeios sobre a martirizada Londres, os campos de concentração, os fuzilamentos, os enforcamentos, as cidades destruídas por bombas criminosas, as enfermidades, a fome e o desespero.

Nunca na história dos séculos houve perversidade maior do que a desta raça ariana caduca e degenerada. Para o cúmulo dos males, levantaram novamente a Torre de Babel com o propósito de conquistar o espaço.

Se Aquilo que é o divino não intervesse na conquista do espaço, em pouco tempo as hordas terrícolas assaltariam Marte, Vênus, Mercúrio, etc., e se repetiriam nesses mundos habitados todos os crimes de Hernán Cortez no México ou de Pizarro no Peru. Se Isso que não tem nome, se Isso que é o Real, o divino, não intervesse agora, converter-se-ia em cúmplice do delito.

No mundo dos absurdos, não existe coisa mais espantosa que supor, mesmo que por um único momento, a existência dessa mulher vestida de púrpura e escarlata, da qual nos fala o Apocalipse, essa Grande Rameira humana, cujo número é 666,

indo conquistar outros mundos habitados com seus famosos foguetes e coroada de rainha e senhora do espaço infinito.

A nova catástrofe, que acabará com a raça ariana, é totalmente justa e absolutamente indispensável.

CAPÍTULO 4

PERIGOSOS SINTOMAS

Eminentes homens de ciência da famosa Universidade de Colúmbia lançaram ao vento a notícia de que existe uma monstruosa falha geológica no fundo dos mares, resultado fatal das diversas comoções telúricas dos últimos anos. Esses cientistas calculam que essa falha tem pelo menos 90.000 quilômetros de comprimento, largura média de 40 e profundidade média de 2,5 quilômetros.

Tivemos notícia de que um velho lama tibetano antes de sua morte informou a certo cavalheiro sobre essa falha; sem dúvida, os lamas também a conheciam.

As informações científicas dizem que a referida falha se estende do Atlântico ao Índico e do Antártico ao Ártico, costeando os continentes americano e asiático; portanto, encontra-se no centro do espantoso anel de fendas submarinas que envolve todo o oceano Pacífico.

As últimas investigações realizadas pelos cientistas vieram demonstrar que a falha geológica parte da Antártida, segue até bem perto do famoso Cabo Horn e bifurca-se a seguir em dois ramais principais: um se dirige para o oriente e o outro para o ocidente.

É dito que o ramal do Pacífico segue uma trajetória muito sinuosa, praticamente costeando todo o continente americano, de maneira que passa pelo Chile, Peru, Equador, Nicarágua, São Salvador e Guatemala; Oaxaca e Guerrero no México; Golfo da Califórnia e Seattle nos Estados Unidos; Vancouver, no Canadá, e Alasca.

Foi informado também que no Alasca esse ramal se quebra para continuar seu curso ao longo das ilhas Aleutas e que um ramal parece atravessar todo o Alasca, pois os tremores de terra nas Fairbanks, situadas no centro da península, têm sido muito fortes como o que ocorreu em março de 1964.

A existência desse ramal já está demonstrada, verificado e comprovado até a saciedade. O bastante conhecido ramal das ilhas Aleutas vai até Tóquio, no Japão, tocando perigosamente as ilhas Hokkaido, Oahua, Waohua, Kawailoa e outras. Um sábio autor diz que do Japão parecem partir alguns ramais secundários que se dirigem para o Havaí.

Não resta nenhuma dúvida de que a principal rachadura geológica orienta-se para as Filipinas e Nova Zelândia, de onde regressa ao seu ponto de partida na Antártida, fechando assim um círculo mágico tremendamente perigoso.

Falha Geológica do Atlântico

Os cientistas dizem que a rachadura do Atlântico parece ter sua origem no Mar da Noruega. Em seu percurso, bastante enigmático, passa em frente a Espanha, Portugal e parte da África para terminar bem próximo da Guiné portuguesa.

Ramal do Oriente

Não há dúvida que a falha geológica que se desloca para o mundo oriental nasce na misteriosa Antártida, passa em frente do Cabo da Boa Esperança, Madagascar, Mar da Arábia, terminando em algum lugar desconhecido do Oceano Índico.

Está bem claro que a falha mais perigosa, que produzirá inevitavelmente um tremendo cataclismo, encontra-se no Oceano Pacífico. As notícias dadas constantemente pela imprensa demonstram que os lugares mais castigados pelos terremotos encontram-se no Pacífico. Essas rachaduras do solo marítimo indicam e assinalam sintomas perigosos que, sem dúvida alguma, estão advertindo sobre a aproximação de uma grande tragédia.

Os tempos finais já chegaram e estamos neles. A espada da justiça cósmica paira ameaçadora sobre a cabeça da Grande Rameira (a humanidade). É urgente saber que existe um enorme

sistema de rachaduras no profundo solo submarino, resultado concreto de uma ação geológica mundial e totalmente definida.

Algumas dessas rachaduras já são tão profundas que até conseguiram pôr em contato a água do mar com o fogo interior da Terra. Consequentemente, nesses instantes de crise mundial está sendo produzido no interior do organismo planetário vapor de água com tal pressão que chegará seguramente o dia em que nenhuma montanha, por mais poderosa que seja, conseguirá resistir, e voará pelos ares desfeita em pedaços, como foi profetizado por Maomé no Alcorão.

Os terremotos em série já começaram e serão cada vez mais e mais intensos. As cidades cairão como castelos de cartas, virarão pó, e a terra tragará toda a humanidade.

Esta humanidade está perdida; já não tem mais remédio. Devemos reconhecer esse fato; portanto, irá perecer. Já de imediato, como para ir dando início a Grande Catástrofe, é inegável que vemos a costa chilena afundando lentamente; a mesma coisa vem ocorrendo noutras partes deste afligido e martirizado mundo.

Os especialistas sabem muito bem que em diversos lugares do Atlântico e do Pacífico o mar diminuiu de profundidade porque o seu leito vem subindo rumo à superfície, como consequência da pressão interna que produziu uma elevação no solo submarino. Os cientistas sabem muito bem que enquanto as montanhas afundam o fundo do mar se levanta.

Grandes volumes de água já estão, fora de qualquer dúvida, em contato com o fogo líquido que corre no interior da Terra. O resultado não se fará esperar por muito tempo; as pressões e os vapores produzirão inevitavelmente uma intensa atividade vulcânica acompanhada de terríveis e espantosos terremotos e grandes maremotos.

A pressão no interior da Terra é terrível agora; o pior de tudo é que está aumentando de minuto a minuto. O instante culminante se aproxima e a pressão interna chegará

inevitavelmente ao seu limite máximo. A catástrofe está para acontecer; qualquer fenômeno externo pode causar o final, como, por exemplo, uma explosão atômica, a passagem de um corpo celeste qualquer que se aproxime muito da Terra ou um fenômeno de atração solar e lunar devidamente combinado, etc.

A explosão no fundo dos mares será espantosa; devido à fumaça e às cinzas, o Sol será visto negro como silício, e a lua parecerá vermelha como sangue, devido ao fogo que se levantará da superfície terrestre.

A terrível espada de Dâmocles paira ameaçadora sobre a horrível cabeça da Grande Rameira, cujo número é 666.

Os pecados da Grande Rameira já chegaram ao céu e a flamejante espada da justiça cósmica feri-la-á mortalmente.

Cairá Babilônia, a grande, a mãe de todas as fornicções e abominações da Terra porque todas as nações beberam o vinho do furor de sua fornicção. Os reis da Terra fornicaram com ela e os mercadores se enriqueceram com ela, com o poder de seus prazeres.

Esta perversa civilização de víboras, esta grande Babilônia, será queimada com fogo porque se tornou milhões de vezes mais corrompida que a Atlântida.

A grande Babilônia, a abominável civilização moderna, tornou-se o lar dos demônios, o abrigo dos espíritos imundos e albergue de todo tipo de ave asquerosa e detestável.

O mundo está estremeendo com os terremotos; os perigosos sintomas de grande tragédia anunciam uma catástrofe ou várias catástrofes piores, mil vezes piores do que aquelas que acabaram com a Atlântida.

CAPÍTULO 5

A CIÊNCIA ATÔMICA

O átomo em si mesmo é um universo em miniatura. Todos os processos mecânicos que se realizam no fundo do átomo repetem-se em nosso sistema solar.

As investigações atômicas evidenciaram que nas regiões externas do átomo existe uma verdadeira nuvem de cargas elétricas negativas (elétrons), os quais, dissociados dos átomos, aglomeram-se em densos caudais para formar as correntes elétricas.

O átomo tem sido muito investigado; ele assombra e maravilha. O centro vital desse pequeno mundo esférico é o núcleo, de carga positiva. Ao redor dele gravitam os elétrons tal como os planetas gravitam ao redor do Sol.

Não resta dúvida alguma que o núcleo atômico possui uma carga elétrica considerável que utiliza para manter o cortejo de elétrons periféricos sob seu domínio, porém à respeitável distância.

O núcleo é o coração do próprio átomo e já se adivinha que dentro desse corpúsculo nuclear básico e fundamental deve existir um mecanismo vital, o qual ainda está para ser investigado.

Toda a razão de ser desse universo em miniatura chamado átomo encontra-se no núcleo. Toda a herança do átomo e o seu porvir residem precisamente no núcleo. Graças a esse corpúsculo central pode-se explodir o átomo ou, pelo contrário, mudá-los em outros tipos atômicos.

Os físicos admitem atualmente dois constituintes fundamentais do núcleo: o próton e o nêutron.

Sob todos os aspectos resulta absolutamente claro que o próton é o núcleo básico do hidrogênio, isto é, a parte mais

central do mais leveiro e mais simples de todos os elementos conhecidos: o hidrogênio.

Já o cientista Prout admitia em seu tempo que os diferentes elementos da natureza estão formados por condensações do mais simples: o hidrogênio.

Existem doze hidrogênios fundamentais que correspondem a doze categorias de matéria contidas no universo, desde o Absoluto até os mundos inferiores, estes últimos simbolizados por Dante em sua Divina Comédia e que se encontram no reino mineral submerso do interior da Terra.

Interessante também é estudar o segundo constituinte do núcleo, o já mencionado 'nêutron'. Ele tem o mesmo peso que o próton, isto é, que o núcleo do hidrogênio, porém, diferentemente de todas as partículas conhecidas pela ciência até agora, não tem carga elétrica. Trata-se de um corpúsculo neutro; por isso foi dado o nome de 'nêutron'.

Nós gnósticos, depois de havermos descoberto os três aspectos da energia elétrica, depois de havermos classificado esses três modos da eletricidade com os termos positivo, negativo e neutro, temos considerado o nêutron como carregado de eletricidade neutra.

Isso de eletricidade em estado neutro e estático dentro do nêutron pode não parecer bem claro, mas os cientistas modernos, cedo ou tarde, irão evidenciá-lo.

Um dos maiores enigmas da ciência atômica atual é o dos elétrons. Se ainda não se conhece o íntimo mecanismo do núcleo atômico, menos ainda se conhece a intimidade do elétron.

Existem elétrons negativos e elétrons positivos. Isto já não é segredo para os cientistas, mas nada sabem sobre o mecanismo interno dos elétrons.

O animal intelectual equivocadamente chamado homem conseguiu fracionar o átomo para liberar energia, porém

felizmente não conhece o mecanismo interno do elétron no qual residem tremendos poderes.

Calcula-se que são produzidos dois fótons de meio milhão de volts cada vez que um elétron positivo é absorvido ao penetrar na platina. Isso corresponde a uma produção de energia fotônica de um milhão de volts por elétron positivo.

O elemento ativo no Sol é o hidrogênio. Fora de dúvida, isso é muito interessante porque o átomo de hidrogênio, com um único elétron girando ao redor de um núcleo, encontra-se na fronteira entre a matéria em estado eletrônico e a matéria em estado molecular.

O hidrogênio e toda a matéria mais densa combinam-se com outras matérias, átomo com átomo, para formar moléculas. Um estado superior da rarefação do hidrogênio dá como resultado elétrons livres, matéria em estado eletrônico, luz, ondas magnéticas, etc.

Empregando o cobiçado urânio, os modernos cientistas têm obtido um franco e indiscutível êxito ao separar um elétron de um átomo de densidade não natural, quase patológica. É lógico dizer que assim liberaram energia atômica de um poder incomparavelmente superior a tudo que foi até agora concebido pela mente humana.

Os cientistas a idealizaram para fazer com que os átomos de hidrogênio se combinassem para formar átomos de hélio, produzindo-se com tal processo energia de um poder espantoso e praticamente ilimitado.

Sem dúvida alguma, a bomba atômica é milhões de vezes mais terrível que a dinamite, porém menos pavorosa que a bomba de hidrogênio.

Na bomba de hidrogênio existe prostituição da energia solar; há magia negra da pior qualidade. O resultado tem de ser uma horrível devastação, e a redução do material vivo para inerte, numa escala totalmente nova.

Se uma bomba de hidrogênio chegasse a explodir nas zonas superiores da atmosfera, onde está o depósito de hidrogênio puro, a Terra seria queimada com fogo vivo e toda criatura e toda forma de vida pereceria.

Querendo usar a energia atômica, isto é, tentando descobrir a ciência da transmutação dos átomos, a forma ou maneira de mudar um átomo em outro, o animal intelectual quer se meter no mundo onde a matéria tem todas as possibilidades, mas quer entrar por uma porta falsa. Referimo-nos ao uso das leis científicas sem ética de espécie alguma, sem haver despertado a consciência e sem ter chegado à verdadeira espiritualidade.

Nós, gnósticos, temos procedimentos legítimos para entrar nesse mundo misterioso, onde a matéria tem infinitas possibilidades, nessas regiões atômicas, moleculares e eletrônicas, onde são gerados todos os processos da vida universal.

A radiação atômica já alterou a camada superior da atmosfera terrestre; se as explosões atômicas continuarem, breve não poderá mais filtrar e analisar os raios solares para decompô-los em luz e calor, e então veremos o Sol negro como silício.

Conforme a camada superior da atmosfera da Terra for se alterando, devido às explosões atômicas, os terremotos se intensificarão. Acontece que essa camada é sustentáculo para a vida do nosso planeta Terra.

O ar que respiramos e a água que bebemos já vêm carregados de radiações atômicas. Isso, em vez de melhorar, irá de mal a pior. Quando estalar a guerra atômica, cenas dantescas serão vistas nas ruas. As pessoas perderão a razão devido ao abuso da energia atômica e os hospitais estarão cheios de dor e não haverá remédio.

As explosões atômicas estão liberando o elemento mineral dos mundos inferiores. Trata-se de matéria infernal, átomos do abismo, tais como o netúnio (93), o plutônio (94), o

amerício (95), o cúrio (96), etc. Os resultados desta blasfêmia já podem ser percebidos.

Dentro de todo átomo existe um trio de matéria, energia e consciência. Nesses átomos abismais citados há consciência diabólica, inteligência terrivelmente maligna.

Esses demônios atômicos já estão envenenando as mentes débeis, e a vida das grandes cidades tornou-se espantosamente criminosa, monstruosa, horrível, arrepiante, terrivelmente maligna; em breve, nas praças e nas ruas, serão escutados berros, mugidos, silvos, relinchos, chiados, uivos, grasnidos, miados, latidos, bufares, roncos e crocitaras. Estamos nos tempos do fim...

CAPÍTULO 6

AVISOS DA NATUREZA

Nestes momentos de crise mundial, os cientistas descobriram com assombro que o polo magnético da bússola não coincide com o polo físico do norte da Terra. Uma coisa é o polo magnético e outra o polo físico.

Já não cabe dúvida alguma que o eixo da Terra está modificando sua inclinação e que os polos se desviam cada vez mais para o Equador.

Estas interessantíssimas mudanças geológicas são de origem exclusivamente cósmica, mas podem ser precipitadas pelas loucuras científicas do animal intelectual, suas experiências atômicas, suas espantosas explosões com a bomba de hidrogênio, etc.

Do modo como esta ordem de coisas vai, precisamos nos acostumar a pensar na revolução dos eixos terrestres como uma catástrofe inevitável, a qual converterá os polos em Equador e este em polos. Onde hoje só existem enormes montanhas de gelo, amanhã haverá imensas e profundas selvas equatoriais e vice-versa; as atuais terras equatoriais serão cobertas por montanhas de gelo no futuro.

A revolução do eixo terrestre é um fenômeno natural, cósmico, que poderá ser precipitado pelas loucuras científicas do animal intelectual.

A revolução do eixo terrestre de forma precipitada acabou com a famosa Atlântida.

Resulta muito singular e significativo que chova atualmente no Saara e em muitos outros lugares onde antes não chovia.

Comprovou-se que o gelo do polo norte está derretendo. Isso traz como consequência os terríveis furacões e ciclones que atualmente açoitam o mundo. Recordemos o furacão que açoitou

Sonora no México, o que açoitou Manzanillo no Pacífico e esses outros que têm devastado o Japão e os Estados Unidos.

Os terremotos sucedem-se de forma encadeada. Tão logo treme a Turquia, em seguida estremece a Índia. Hoje há tremor na América do Norte e amanhã na Itália, ou na América Central, ou na América do Sul, etc. Isso nos está demonstrando que o fogo planetário entrou em terrível ebulição no interior desta aflita Terra em que vivemos.

Os velhos vulcões, como leões adormecidos, estão despertando de seu sono milenar e começam a rugir. Recordemos o Vesúvio, que acabou com Pompéia; o Monte Fuji, no Japão; o Etna, e muitos outros.

O mais curioso de tudo é que não só os velhos leões começam a despertar, mas também apareceram novos vulcões; alguns com vida efêmera, e outros, com vida intensa. Mencionemos por ora o Paricutin, em nosso querido México, e aquele outro, lá na fria e martirizada terra da Sibéria.

Os expedicionários encontraram, com grande surpresa, lagos de águas temperadas no polo sul, e eles crescem dia após dia. O crescimento desses lagos deve-se, fora de qualquer dúvida, a uma atividade subterrânea intensa e crescente, a qual irá bem longe. Três vulcões que lançam um tipo muito raro e especial de lava estão agora em atividade no polo sul, em plena Antártida. Apesar disso, várias nações apressam-se em plantar suas bandeiras naquele continente. Assim é a humanidade.

Todos esses fenômenos da Antártida nos convidam a pensar. Não cabe dúvida alguma que os recentes terremotos do Chile, que sacudiram também o fundo do Pacífico até o Japão, estão intimamente associados com os processos catastróficos do polo sul. O resultado final de tudo isso será pavoroso.

Comprovou-se de forma definitiva que certas correntes marítimas no Atlântico estão esquentando assustadoramente no golfo da Guiné que está sobre o Equador de maneira que, ao viajarem para as regiões do norte, no conhecido Gulf Stream,

essas correntes marítimas vão socavando secretamente o gelo, fracionando montanhas de gelo em pedaços que passam a viajar em direção ao Equador, a fim de preencher com ansiedade o vazio deixado pela gigantesca evaporação.

Não há a menor dúvida que isso produz uma corrente inversa a do Gulf Stream, porém muito fria, a qual altera profundamente o clima das regiões costeiras por onde passa, terminando por dar vida aos ciclones, furacões, tempestades, chuvas torrenciais e demais transtornos climáticos que causam alarme ao gênero humano.

Profundas investigações permitem-nos deduzir logicamente que essas águas, desusadamente quentes no equador, estão intimamente relacionadas com os vulcões da Antártida. Torna-se perfeitamente claro compreender que as correntes quentes do Pacífico, em última instância, provêm da Antártida. Essas águas chegam ao golfo da Guiné produzindo um aumento na temperatura equatorial.

O sentido comum (como alguém já disse, é o mais incomum dos sentidos) faz-nos compreender que referidas correntes de água quente, ao chegarem ao polo norte, têm de socavar e gretar as enormes montanhas de gelo, reduzindo, nessa parte do citado Gulf Stream, os gelos que outrora eram compactos.

Os enigmáticos vulcões do polo sul intensificarão sua atividade ígnea; como consequência, os lagos de águas quentes da Antártida crescerão desmesuradamente. As correntes marítimas tornar-se-ão cada dia mais quentes, o que lhes permitirá entrar cada vez com maior poder nos solenes gelos do polo norte até que se verifique o degelo total.

Seria absurdo supor que o polo sul, com os seus vulcões em erupção, permaneceria num estado imutável. É claro que o seu gelo será derretido como o do polo norte, e o resultado será o horror apocalíptico.

A lógica faz-nos compreender que com o derretimento dos gelos polares, os mares e oceanos aumentarão seu volume. Se o recipiente, o leito marítimo, não for suficientemente fundo, haverá um vazamento; as águas transbordarão e derramar-se-ão sobre a superfície terrestre, tragando países inteiros. Isto é óbvio!

Lembremos o que já dissemos aqui nesta Mensagem de Natal de 1967 que, em alguns lugares do Atlântico e do Pacífico, o fundo do mar está se aproximando cada vez mais da superfície, o que significa que a profundidade de alguns mares está diminuindo.

Sem o menor temor de nos equivocarmos ou de meter os pés pelas mãos, como se diz vulgarmente, podemos afirmar com toda solenidade que a causa do formidável gretamento marítimo encontra-se na atividade vulcânica do polo sul.

Por tudo que ficou dito neste capítulo e nos anteriores, podemos estar bem seguros que a Terra regressará novamente a uma idade primária, onde toda a vida animal será impossível.

Os astecas disseram que:

Os filhos do primeiro Sol (a primeira raça de tipo protoplasmático polar) foram devorados pelos tigres.

Os filhos do segundo Sol (a segunda raça hiperbórea) foram arrasados por fortes furacões, e os homens se converteram em macacos.

Os filhos do terceiro Sol foram destruídos pelo Sol e pela chuva de fogo, e os homens converteram-se em pássaros; esses filhos do terceiro Sol foram os lemurianos, cujo continente, situado no Pacífico, foi destruído por terremotos e vulcões.

Os filhos do quarto Sol (a quarta raça raiz, os atlantes) foram submergidos nas águas e os homens converteram-se em peixes.

Os filhos do quinto Sol (nós, os arianos) perecerão por isto que se chama de movimentos e terremotos.

As sagradas escrituras astecas não mencionam nenhum símbolo referente aos degenerados da nossa atual quinta raça raiz, como foi dado às quatro raças precedentes. No entanto, o evangelho cristão fala de dois rebanhos: o das ‘ovelhas’ (para os salvos) e o dos ‘cabritos’ ou ‘bodes’ (para a quase totalidade dos seres humanos da raça ariana).

Os astecas disseram ainda que os filhos do sexto Sol (a futura sexta raça raiz) teriam a ressurreição dos Deuses.

Eles profetizaram coisas inefáveis para a sétima raça raiz, para os filhos do sétimo Sol.

CAPÍTULO 70 GRANDE JUIZ

Os sábios hindus fazem menção a Prakriti em todos os seus livros sagrados. Prakriti é a substância primordial de onde provém, por sucessivas condensações ou cristalizações, os doze hidrogênios básicos, fundamentais, que servem de cimento aos sete cosmos.

A variedade, no fundo, é a Unidade. Tattwas, sentidos, mente e toda essa multiplicidade de seres e coisas são resultantes dos diversos modos de cristalização da substância primordial.

O fogo que flameja, o ar sem o qual nenhuma criatura pode existir, as águas do borrascoso oceano e a perfumada terra são Akasha condensado, Mulaprakriti materializado, Prakriti condensado.

A Mãe-Espaço é, pois, a substância primordial, a matéria primordial da grande obra.

O espaço como Mãe é o ventre fecundo de onde tudo sai e para onde tudo volta. Fica definitivamente esclarecido neste capítulo que a Mãe Espaço é a mesma Prakriti dos hindus, a mesma Mãe Divina.

Durante o pralaya (noite cósmica), a Prakriti é Uma, única, indivisível, íntegra.

Durante o mahanvantara (dia cósmico), como resultado do Primeiro, Segundo e Terceiro Logos, a Prakriti desdobra-se em si mesma assumindo três aspectos.

Os três aspectos de Prakriti são:

1. Imanifestada.
2. Manifestada como natureza.
3. Como Rainha do Inferno e da Morte.

A Prakriti imanifestada não tem simbolismo entre os astecas.

A Prakriti manifestada tem o simbolismo asteca de Tonantzin, a Mãe Adorável. Os gregos simbolizaram este segundo aspecto da Mãe Cósmica como a casta Diana.

O terceiro aspecto da Mãe Divina entre os astecas é conhecido como Coatlicue; é a mesma Proserpina romana e a Hécate grega, a senhora dos encantamentos e da morte.

A Mãe Espaço é a mesma Ápia romana, a Urwala nórdica, a Erda escandinava, a Urganda dos cavaleiros, a Sibila primitiva da Terra...

Qualquer um dos três aspectos da Prakriti pode, se assim o quiser, revestirse de uma forma feminina para comunicar algo a qualquer místico iluminado.

Numa noite qualquer de verão achava-me nesse estado conhecido no mundo oriental como ‘nirvi-kalpa’ ou ‘samadhi’; a meditação fora muito profunda e o que me aconteceu foi algo maravilhoso: O terceiro aspecto da Prakriti assumiu diante de mim a espantosa figura terrivelmente divina de Proserpina ou Hécate, como a chamam os gregos. Em seguida Ela me comentou em linguagem apocalíptica:

Esta perversa civilização de víboras, essa grande Babilônia, será destruída e de todas as suas cidades não ficará pedra sobre pedra. O mal do mundo é tão grande que já chegou aos céus. Essa humanidade já está totalmente perdida; não tem mais remédio.

Então, cheio de grande temor, disse-lhe:

Mãe, então estamos diante de uma rua sem saída. Proserpina retomou sua parábola:

Quer fazer um pacto comigo?

Sim, Mãe! Estou disposto a fazer o pacto – foi a resposta que saiu da minha boca com grande firmeza.

Então, a Rainha dos Infernos e da Morte reatou novamente a sua parábola, e me disse:

Tu abres o beco e eu os mato.

Aceito, Mãe, Senhora minha – respondi de imediato.

Pouco depois, passaram diante de nós certas damas do Alto Mundo. Aquelas damas tinham conseguido o Segundo Nascimento e seus corpos solares emanavam uma esplendorosa luz solar. Infelizmente, aquelas damas não tinham dissolvido o eu pluralizado nem eliminado seus corpos lunares. Saudei-as, porém não responderam. Cheias de orgulho nem sequer se inclinaram reverentes diante da Mãe Divina.

Ainda têm orgulho e levam dentro de si próprias os vestígios da Grande Rameira, cujo número é 666, foi o que me ocorreu dizer.

– Terei de examinar a todas, disse a Mãe Divina, referindo-se evidentemente àquelas Duas-Vezes-Nascidas desta época em que vivemos.

Em seguida, passaram por nós certos cavalheiros vestidos também com corpos solares, porém, diferentemente das damas, eles inclinaram-se cheios de profunda veneração e respeito diante da Mãe Divina e diante da minha insignificante pessoa que nada vale. Esses são Filhos do Sol! –Exclamou a Mãe Cósmica.

Depois de tudo, entrei num período de profunda reflexão. Se alguns Duas-Vezes-Nascidos ainda devem ser rigorosamente examinados, que sorte pode aguardar a Grande Rameira? Qual será o destino que aguarda esta raça lunar?

É óbvio que todas as religiões confessionais aguardam o juízo final desta humanidade, desta raça lunar degenerada e perversa. Segundo a cronologia e geometria da grande pirâmide do Egito, isto já ocorreu entre os anos de 1946 e 1953.

Nós gnósticos sabemos por iluminação e experiência transcendental direta que o julgamento das nações ocorreu no

ano de 1950. Os Deuses Santos julgaram a Grande Rameira e a consideraram indigna. A sentença dos Deuses foi:

Ao Abismo! Ao Abismo! Ao Abismo!

É interessante observar que este período do julgamento das nações, de acordo com as medidas da grande pirâmide do Egito, venha a terminar na enigmática câmara subterrânea, uma câmara pétreia obscura e que não tem saída para parte alguma.

É óbvio que com isso os sábios construtores da grande pirâmide do Egito quiseram nos dizer que, depois do juízo final, a humanidade entraria nos mundos inferiores, encontrado por Dante no interior da Terra.

O Apocalipse de São João, falando sobre o grande juízo, diz: “E vi um grande trono branco, e o que estava assentado sobre ele, de cuja presença fugiu a terra e o céu; e não se achou lugar para eles. E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante de Deus, e abriram-se os livros; e abriu-se outro livro, que é o da vida. E os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras. E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras. E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte. E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo”.

Todo o simbolismo da grande pirâmide do Egito começa no grande degrau, de maneira que se torna claro ao iniciar-se a primeira passagem, sob a qual aparece a singular data de 4 para 5 de agosto de 1914. Este terrível simbolismo continua até a entrada da câmara do rei, que marca com inteira precisão a data de 15 para 16 de setembro de 1939.

Estas duas terríveis datas da primeira e da segunda guerras mundiais surpreendem quando alguém as encontra na geometria e na cronologia da grande pirâmide. O curioso é que pelas citadas passagens não é possível se transitar de pé devido à construção ou formato, tornando-se necessário usar as quatro

extremidades para andar, como os animais quadrúpedes. Isto nos recorda os soldados andando de quatro ou arrastando-se como animais nos campos de batalha.

Segundo a grande pirâmide, nossa época atual tem de passar pelos três períodos: morte, preocupação e caos.

“A abominação da desolação que foi predita pelo profeta Daniel estará no lugar santo; haverá então grande aflição, que não foi desde o princípio do mundo até agora, nem será. E se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne seria salva”.

Desde a primeira guerra mundial, esta profecia está se cumprindo de forma dramática. As medidas geométricas da grande pirâmide assinalam a primeira guerra mundial, o intervalo entre a primeira e a segunda guerra, o ano de 1939 com a data 15-16 de setembro como começo da segunda guerra mundial e o tempo de duração de cada uma delas.

Por último, a grande pirâmide coloca a humanidade em frente ao grande juiz na Sala do Juízo das Nações. A câmara do rei termina na data de 19-20 de agosto de 1953. O que continua agora pertence ao trabalho de Proserpina; Ela acabará com a humanidade.

CAPÍTULO 8

O REINO MINERAL SUBMERSO

O Raio da Criação começa no Absoluto e termina no Inferno. Esta palavra vem do termo latino *infernus* que significa lugar inferior.

Alguém, cujo nome não menciono, disse que o lugar inferior era este mundo físico, este mundo celular em que vivemos. Lamentavelmente, o referido autor equivocou-se porque o inferno é o submundo, o reino mineral submerso.

Dante descobriu o inferno, o submundo, no interior da Terra. A descida para o profundo interior do nosso organismo planetário é uma viagem a lugares de maior densidade, de maior materialidade. De fato, esta é a sábia ideia expressa por Dante em sua Divina Comédia.

Dante vê o submundo, analisa-o, compreende-o, descreve-o, de maneira formidável. Dante fala de esferas ou círculos de densidade crescente, que conduzem, segundo suas próprias palavras, “para o meio, em cujo ponto se unem todas as substâncias pesadas. Esse ponto, ao qual é arrastada de todas as partes toda a substância pesada”.

Dante viu estas terríveis palavras escritas com caracteres negros no dintel de uma porta do inferno: “Por mim se vai à cidade do pranto, por mim se vai à eterna dor, por mim se vai à raça condenada; a justiça animou o meu sublime arquiteto, fez-me a divina potestade a suprema sabedoria e o supremo amor. Antes de mim, não houve nada criado, com exceção do imortal e eu não duro eternamente. Ó vós que entráis, abandonai toda a esperança”.

As camadas subterrâneas representam o reino dos minerais, a litosfera. O reino dos metais é a barisfera, a qual envolve um coração de incrível densidade e espantosa inércia.

Devemos fazer uma clara distinção entre o reino dos minerais e o reino dos metais.

O grupo dos metais é um grupo cósmico separado entre os minerais. Um pouco além do reino dos metais, atrás desse reino maravilhoso, existe certo tipo de matéria muito rara que entra em contato com o Absoluto.

Atrás do reino dos metais está o Santo Forte e isto é algo que devemos compreender profundamente.

O Raio da Criação começa no Absoluto e termina no inferno. Porém, o que existe além do inferno? É claro que além do inferno, após o reino dos metais, encontra-se o Absoluto.

A música esclarece tudo isso. O Raio da Criação, como todo processo completo da vida, é uma oitava descendente na qual o Dó passa a Si, o Si passa a Lá, etc.

No Absoluto, com sua única lei, vibra a nota Dó da escala musical. Em todos os mundos do infinito, com suas três leis, ressoa o Si da grande escala. Em todos os sóis com as suas seis leis vibra a nota Lá. No Sol que nos ilumina com as suas doze leis ressoa a nota Sol. Todos os planetas do nosso sistema solar vibram com suas 24 leis nesse Fá que ressoa em toda a natureza. A Terra com as suas 48 leis vibra com a nota Mi, a subterra, isto é, o submundo, vibra com a nota Ré.

O Raio da Criação termina no submundo. Mais além, após o reino dos metais, está o Absoluto com a sua nota Dó vibrando eternamente.

O inferno com suas 96 leis e sua nota Ré é, pois, o fim do Raio da Criação.

Existem sete ordens de mundos no Raio da Criação, sendo o inferno o sétimo e último.

Quanto menor for o número de leis, maior será a felicidade e a espiritualidade. Para um maior número de leis, maior a complicação da vida, a mecanicidade, a dor e a materialidade.

O inferno governado por 96 leis, que se multiplicaram de acordo com a lei do três, é espantosamente materialista, horrível e doloroso.

O reino mineral submerso é o inferno de Dante com os seus nove círculos ou regiões, sendo o último aquele que se encontra no núcleo da Terra, o lugar onde o bom discípulo de Virgílio encontra o assento de Dite, o demônio da traição.

Realmente, o mundo é tríplice. Existe o mundo, o submundo e o supramundo. A epiderme da Terra, a região celular em que vivemos, é tão somente a zona intermediária. Sob a superfície terrestre existe o submundo: o Averno romano, o Tártaro grego, o Hades da Hélade, o Inferno de Dante, os mundos inferiores.

Acima das regiões celulares estão os Campos Elíseos do supramundo, os reinos moleculares e eletrônicos, os céus, Devakan, Amenti, Paraíso, etc.

Tal é o formoso simbolismo pitagórico dos dois círculos secantes: o de cima, o supramundo, e o de baixo, o submundo dando lugar, em sua zona intermediária, a uma terceira região que é o mundo celular onde vivemos.

O Sol, como um gigantesco coração cósmico do nosso sistema, ilumina não só a região celular em que vivemos, como também o submundo e o supramundo.

O astro rei não emite apenas essas ondas luminosas que percebemos com nossos olhos físicos. Ele emite milhões de outras ondas de diferentes tonalidades vibratórias que resultam, de fato e efetivamente, em luz negra que os olhos humanos não conseguem perceber.

Os sofisticados aparelhos de laboratório informam-nos que acima da cor violeta existem sete cores ultravioletas, cujas raias espectrais escuras são claramente percebíveis pela fotoespectrografia. Acima delas existe, sem dúvida alguma, uma

multidão de vibrações químicas e até hiperquímicas, como as de nossa imaginação, de nossa mente, vontade e sentimentos.

Por outro lado, os cientistas sabem muito bem que do vermelho para baixo, o Sol lança as ondas caloríficas dos raios X, as eletromagnéticas, etc. Fora de dúvida, seriam de fato luz plena se os seres humanos tivessem o terceiro olho desenvolvido, aquele olho dos lacértidas, citados por Homero na Odisseia.

As criaturas que habitam as profundas regiões dos mares e as escuras cavernas da Terra desenvolveram esse terceiro olho, esse sexto sentido.

Pôde-se verificar amplamente que as formigas e outros insetos veem muito bem com os raios infravermelhos e que, em troca, ficam na mais completa obscuridade com os raios de cor violeta.

As trevas exteriores mencionadas pelos quatro evangelhos cristãos são realmente luz negra, outro modo de luz. Não exageramos ao afirmar que os mundos inferiores são iluminados por raios infravermelhos.

Não é indispensável que se seja totalmente perverso para se ingressar nos mundos inferiores. No submundo ingressam também aqueles que viveram sem merecer louvores ou vitupérios de seus semelhantes, aqueles que jamais foram rebeldes ou fiéis a Deus. São eles os mornos tão numerosos quanto as areias do mar. São seres infelizes que viveram só para si e que jamais se interessaram pela autorrealização íntima do Ser.

No submundo entram as multidões que caminham atrás da bandeira de Esaú, os ruins, aqueles que trocaram seus direitos de primogenitura por um prato de lentilhas. São esses os que dizem: primeiro vou conseguir dinheiro e depois, se der tempo, buscarei a Deus.

Nos mundos inferiores entram os luxuriosos e os que odeiam o sexo; os homossexuais e os abstêmios ignorantes que

não chegaram ao Segundo Nascimento. O céu reprova a usura, a incontinência, a malícia e a bestialidade desenfreada.

A involução nos mundos inferiores, passando pelos estados animais e pseudo-vegetais, termina no reino mineral com o fatal epílogo da segunda morte. Assim e somente assim as almas fracassadas podem se libertar, voltando ao caos primitivo para reiniciar, mais tarde, uma nova ascensão, evoluindo para o estado humano através dos reinos mineral, vegetal e animal.

CAPÍTULO 9

OS CORPOS PROTOPLASMÁTICOS

Os cientistas puderam comprovar que os metais também estão expostos à enfermidade e à morte. Determinados venenos podem produzir enfermidade e morte nos metais.

O Dr. Arnold Krumm-Heller (Huiracocha), coronel-médico do exército mexicano e professor de medicina da Universidade de Berlim, disse em seu livro *Novela Rosacruz* que todo átomo é um trio de matéria, energia e consciência.

Nós gnósticos sabemos que as partículas subatômicas possuem consciência. Nós gnósticos afirmamos enfaticamente que as características elétricas e gravitacionais de uma partícula qualquer representam as suas qualidades mentais.

A substância da mente existe em todos os reinos da natureza, incluindo os reinos mineral, vegetal e animal.

A única diferença que existe entre as bestas e o animal intelectual equivocadamente chamado homem consiste em que este último converteu a mente em intelecto.

Vida e consciência existem também de certa forma nas partículas elementares da natureza. As partículas recebem informação além do tempo e do espaço, o que nos lembra as percepções extra-sensoriais de certos sujeitos muito psíquicos, com quem se tem feito muitas experiências nos laboratórios de parapsicologia.

Quando um elétron e um pósitron se aniquilam para liberar energia, dois raios gama são produzidos. Estes estão intimamente relacionados entre si e quando um deles sofre uma transformação, o outro recebe de forma inevitável a sua influência, sem que nenhum vínculo físico ordinário exista entre os dois fótons gama.

Busquem verificar a semelhança deste fenômeno com aquele que a parapsicologia estuda.

Os chineses Lee e Yang demonstraram cientificamente através de experiências com partículas atômicas que, em nossa região do universo, o espaço não é simétrico e que as menores partículas de matéria tendem a girar nele sobre si mesmas numa direção privilegiada. Os homens de ciência ainda não sabem como relacionar esse efeito com a simetria essencial da matéria viva.

A ciência ótica já está se aproximando da quarta dimensão e não está longe o dia em que o espaço tetradimensional se fará visível através de lentes muito potentes.

Paracelso fala em seus livros de medicina sobre gnomos, ondinas, nereidas, gênios, salamandras, silfos, etc. Como é natural, os imbecis riem de tudo isso.

Nós gnósticos descobrimos nos átomos minerais esses gnomos de que falava Paracelso, o médico medieval. Ainda que se riam de nós, também sabemos trabalhar com os elementais vegetais para curar enfermos, tal como o fazia em seu tempo o bom Paracelso.

A consciência dos elementais está vestida com corpos protoplasmáticos supra-sensíveis.

Quando a vida universal se concentra no reino mineral, os corpos protoplasmáticos ou corpos lunares brotam por geração espontânea. Essa classe de corpos é suscetível de muitas mudanças e transformações.

Os gnomos do reino mineral sofrem sérias transformações em seus corpos protoplasmáticos quando ingressam na evolução do reino vegetal.

Quando os elementais vegetais entram na evolução animal, seus corpos protoplasmáticos passam por novas transformações.

Quando a onda de vida evolutiva passa de animal a homem, novas mudanças e metamorfoses verificam-se nos

corpos protoplasmáticos dos elementais animais que ingressam pela primeira vez nas matrizes humanas.

Os corpos internos que estudam as escolas pseudo-esotéricas e pseudoocultistas são propriedade comum de todos os animais da natureza, são corpos lunares ou corpos protoplasmáticos.

Dentro dos corpos lunares ou protoplasmáticos estão contidas as leis da evolução e da involução.

Os corpos protoplasmáticos evoluem até certo ponto perfeitamente definido pela natureza, depois se precipitam pelo caminho da involução até retornarem ao ponto de partida original.

A evolução dos corpos protoplasmáticos se realiza sobre a superfície da Terra, no mundo celular.

A involução dos corpos protoplasmáticos processa-se no reino mineral submerso.

Não é estranho que os corpos protoplasmáticos iniciem a sua involução no mundo celular, porém os seus complexos processos involutivos desenvolvem-se no submundo.

A morte do corpo físico jamais poderia destruir os corpos protoplasmáticos; eles continuam no mundo molecular.

Os espíritas falam muito do perispírito, pois ele, em si mesmo, está constituído pelos corpos protoplasmáticos.

Realizou-se e com pleno êxito em alguns laboratórios experiências com o ectoplasma e a materialização dos corpos lunares. Até se conseguiu fotografar esses corpos protoplasmáticos.

A alma embrionária que todo ser humano leva dentro de si está vestida com corpos protoplasmáticos.

O animal intelectual equivocadamente chamado homem é uma máquina necessária à economia da natureza.

A evolução dos corpos protoplasmáticos é necessária até aquele ponto em que a máquina humana possa funcionar corretamente.

A máquina humana recebe e transforma automaticamente certos raios cósmicos que logo transmite, inconscientemente, às camadas inferiores da Terra.

Todo animal e planta realizam de forma inconsciente esta mesma função; o animal intelectual não poderia ser uma exceção.

Cada planta e cada animal, segundo a sua espécie, capta e transforma, para o bem do organismo planetário em que vivemos, certos tipos de raios cósmicos. Alguns captam vibrações da própria Terra, raios terrestres que devem ser transformados e transmitidos novamente à Terra.

Outras famílias de vegetais e animais têm a missão de receber e transformar raios solares que em seguida são passados à Terra, que os recebe avidamente.

Existem também múltiplas famílias de vegetais e animais que recebem, transformam e transmitem ao interior do organismo terrestre raios cósmicos do grande infinito.

Os corpos lunares em involução repetem os processos vividos na natureza, mas de forma invertida. Isso significa reviver de forma retrospectiva todo o passado humano, animal, vegetal e mineral.

Quando os corpos protoplasmáticos lunares regressam ao ponto de partida original, situado no reino mineral como ponto básico da escala, esses corpos protoplasmáticos reduzem-se a poeira cósmica.

A destruição dos corpos protoplasmáticos é indispensável para a liberdade das almas perdidas.

Essas almas retornam ao caos primitivo e original, de onde terão que se levantar novamente até alcançarem o estado humano outra vez. Isso depois de terem repetido a comprida e

milenária ascensão evolutiva que se desenvolve através dos reinos mineral, vegetal, animal e humano.

A destruição dos corpos protoplasmáticos lunares nos mundos inferiores é infinitamente dolorosa; Dante a simbolizou maravilhosamente na sua Divina Comédia. É um constante cair para trás, para o passado, em regiões cada vez mais densas onde só se ouve pranto e ranger de dentes.

CAPÍTULO 10

O EU PLURALIZADO

O organismo desse bípede tricerebrado, mal chamado homem, é uma máquina preciosa com cinco centros psicofisiológicos maravilhosos.

A ordem desses centros é a seguinte:

1. Intelecto
2. Emoção
3. Movimento
4. Instinto
5. Sexo

Quando alguém se auto-observa profundamente, chega à conclusão que cada um dos cinco centros tem seu ponto básico e capital em certo lugar da máquina orgânica, ainda que penetrem em todo organismo.

O centro de gravidade do intelecto está no cérebro. O centro de gravidade das emoções situa-se no plexo solar. O do movimento encontra-se na parte superior da espinha dorsal, e o do instinto, na parte inferior. Quanto ao centro de gravidade do sexo, é claro que tem suas raízes nos órgãos sexuais.

Cada um dos cinco centros psicofisiológicos da máquina humana tem funções específicas e completamente definidas. Um estudo de fundo sobre os cinco centros permite compreender que há uma diferença de velocidade entre eles. Isso está comprovado.

Os estudantes pseudo-ocultistas e pseudo-esoteristas creem que o centro do pensamento é extraordinariamente rápido, porém equivocam-se lamentavelmente porque os centros motor e instinto são trinta mil vezes mais rápidos que o centro mental.

Disseram-nos que o centro emocional é ainda muito mais veloz que os centros do movimento e do instinto. Grandes sábios

afirmam que o centro emocional é trinta mil vezes mais rápido que os do movimento e do instinto.

O dualismo da mente, com o seu incessante batalhar das antíteses, que divide o pensamento, as emoções agradáveis e desagradáveis, as sensações instintivas de prazer e de dor, a atração e a repugnância sexual, etc., indicam e assinalam certo dualismo nas funções específicas de cada centro. Não resta dúvida que cada um dos cinco centros é positivo e negativo ao mesmo tempo.

Os cinco cilindros da máquina humana são fundamentais para a vida, mas, fora de qualquer dúvida, o centro sexual, o quinto centro, é realmente o mais importante e o mais rápido. Nele estão as raízes da nossa própria existência.

O centro sexual é extraordinariamente sutil e veloz devido à sua depurada energia. A maior parte de suas manifestações tem lugar num nível molecular, onde os impulsos são transmitidos milhares de vezes mais rápidos que os da mente.

A ideia do amor à primeira vista, que de fato ocorre, está baseada na evidência que a função sexual pode saber instantaneamente, em certos casos, se existe ou não afinidade sexual com uma determinada pessoa do sexo oposto num dado instante.

A busca do complemento sexual ocorre em cada função do organismo humano; o sentido de atração, indiferença e repulsão entre um homem e uma mulher é o resultado do cálculo, altamente complicado, do fator de reciprocidade existente em cada função e da média ou do total de todos esses fatores juntos. Felizmente, esse cálculo, tão difícil e abstruso, jamais é feito pelo centro intelectual, mas sim, pelo centro sexual, que pode obter um resultado correto numa fração de segundo.

Dentro do centro sexual existem infinitas possibilidades que, se desenvolvidas, podem nos converter em anjos ou em demônios.

O quinto centro possui certo fogo eletrônico solar que, despertado sabiamente, pode nos transformar radicalmente.

Nos tempos antigos, devido a certo equívoco de alguns indivíduos sagrados, a humanidade desenvolveu o lado negativo do centro sexual, o seu aspecto luciférico tenebroso.

O fogo eletrônico sexual, dirigido para baixo, para os infernos atômicos do homem, é o abominável órgão kundartiguador, a cauda de satã.

Felizmente, a humanidade perdeu esse órgão luciférico depois de havê-lo desenvolvido, porém restaram-lhe as fatais consequências.

É urgente saber que o desastroso resultado do abominável órgão kundartiguador ficou depositado nos cinco cilindros da máquina.

É indispensável saber que as más consequências do abominável órgão kundartiguador constituem o ego lunar, o eu pluralizado.

É lamentável que os cinco centros psicofisiológicos da besta intelectual erroneamente chamada homem estejam completamente sob o controle dessa legião de eus-diabos que toda pessoa leva dentro de si.

Causa dor saber que a alma, o budhata, a essência que levamos dentro de nós está engarrafada dentro desse ego lunar.

O incorreto funcionamento dos cinco centros psicofisiológicos da máquina humana deve-se às atividades perniciosas do eu pluralizado, isto é, às más consequências do abominável órgão kundartiguador.

Torna-se urgente dissolver o eu pluralizado para liberar a essência, o budhata, a alma embrionária, o material psíquico.

Aqueles que não se preocupam em dissolver o eu pluralizado em nenhuma de suas vidas, aqueles que de maneira alguma querem acabar com as más consequências do abominável órgão kundartiguador, vencido o seu ciclo de tempo, no fim da jornada, terão de ingressar nos mundos inferiores.

O ingresso dos fracassados no reino mineral submerso é indispensável para a desintegração do eu pluralizado, pois dentro dele está engarrafada a essência, a alma.

O ego lunar, esse conjunto de diversas entidades que podem viajar em forma auto-independente pelos mundos supra-sensíveis, vive oculto nos corpos lunares.

A involução dolorosa e terrível do eu pluralizado e de seus veículos protoplasmáticos lunares nos mundos inferiores é um cair para trás, para o caos original e primitivo.

A involução desce pelos escalões animal, vegetal e mineral. No último degrau dessa escada, os egos lunares, fossilizados, são reduzidos a poeira cósmica. Esta é a segunda morte.

A destruição absoluta do eu pluralizado e de seus veículos lunares é indispensável para a libertação da essência.

A raça lunar, esta perversa raça adâmica, já está entrando na involução infernal submersa através dos sucessivos cataclismos.

As guerras, os ciclones, as enfermidades, o fogo, as inundações e os terremotos acabarão com esta raça lunar.

CAPÍTULO 11

A CONSCIÊNCIA

No capítulo esotérico precedente falamos do abominável órgão kundartiguador ou cauda satânica. Dissemos claramente que é um fogo eletrônico sexual luciférico que desce desde o osso do cóccix, situado na base da espinha dorsal, e se projeta para baixo, para os infernos atômicos do pobre animal intelectual equivocadamente chamado homem.

Dissemos também que a humanidade desenvolveu esse abominável órgão kundartiguador devido a um lamentável equívoco de alguns seres sagrados e que felizmente esse órgão foi retirado mais tarde da anatomia humana.

O fogo eletrônico sexual, antigamente projetado para os infernos atômicos do animal intelectual, agora se parece com uma serpente enroscada três voltas e meia, dentro de certo centro magnético situado no cóccix.

O fogo eletrônico sexual em seu aspecto positivo conduz-nos à libertação final, porém nenhum ser humano está livre das chamas negativas do fogo kundartiguador.

Investigações esotéricas vieram a demonstrar que existe o fogo infernal nos baixos fundos atômicos da besta intelectual erradamente chamada homem.

Se os esplendorosos e maravilhosos mundos que povoam o espaço infinito são simples granulações do fohat positivo solar, podemos afirmar, sem temor de errar, que os eus-demônios que levamos dentro de nós são meras cristalizações dessa força fohática negativa e cega do abominável órgão kundartiguador.

A vítima inocente de todas essas granulações do fohat sexual negativo é sempre a consciência, o budhata, o embrião de alma que toda criatura leva dentro de si.

É lamentável que nossa consciência esteja engarrafada dentro desses múltiplos eus-demônios que, em seu conjunto, constituem o ego lunar, o mim mesmo, o si mesmo.

Não há verdadeira individualidade dentro da pobre besta intelectual. Cada ideia, cada sentimento, cada movimento, qualquer sensação, qualquer desejo, etc., nada mais é do que simples manifestação psicológica de eus diferentes, distintos, que nunca estão ligados entre si nem coordenados de forma alguma. Tal eu segue mecanicamente a tal outro; alguns até se dão ao luxo de aparecerem acompanhados, porém, entre eles, não há ordem nem sistema.

Esses eus satânicos, horríveis cristalizações do fogo sexual negativo são, no fundo, espantosamente subconscientes e bestiais.

Cada um desses eus satânicos representa, num dado instante, apenas uma ínfima parte de todas as nossas funções psicológicas, porém acredita ser o senhor único, o todo.

O eu que hoje jura amor eterno a uma mulher amanhã é substituído por outro, que nada tem a ver com o juramento. Como é natural, o sujeito se afasta deixando a infeliz mulher muito decepcionada.

O eu que hoje jura fidelidade diante da ara gnóstica, mais tarde, é substituído por outro eu que nada tem a ver com o juramento. Então, o sujeito esse se retira do Movimento Gnóstico deixando os irmãos surpresos.

O animal intelectual é uma máquina inconsciente sem responsabilidade alguma e sem verdadeira individualidade.

A consciência dorme profundamente em cada eu da legião satânica; a consciência sonha dentro de cada eu.

As pessoas estão hipnotizadas por essa força fohática cega do abominável órgão kundartiguador.

Existem quatro estados de consciência: sonho, consciência de vigília, autoconsciência e consciência objetiva.

Imaginem uma casa de quatro pavimentos; o animal intelectual vive nos dois pavimentos inferiores.

De maneira alguma é exagerado dizer que os dois pavimentos superiores dessa casa são completamente desconhecidos pelo pobre animal intelectual.

O primeiro estado de consciência é o sonho normal, comum e corrente. Durante o sono, o eu pluralizado, envolto em seus corpos lunares protoplasmáticos, abandona o corpo físico e perambula pelo mundo molecular.

O segundo estado, equivocadamente classificado como estado de consciência de vigília, no fundo é apenas uma simples continuação do sonho, mas certamente bem mais perigoso que o primeiro estado. O animal intelectual, erroneamente chamado homem, é sonhador cem por cento. Alguém disse que a vida é sonho, e não se equivocou.

O animal intelectual trabalha, dirige carros, nasce e morre sonhando.

Os quatro evangelhos de Jesus Cristo insistem na necessidade de despertar, porém o animal intelectual crê que já está desperto. Quando alguém aceita que está adormecido, é sinal inconfundível de querer despertar.

O mundo tem sete dimensões, porém o animal intelectual só percebe três porque está adormecido.

O animal intelectual tem uma idiossincrasia psicológica espantosamente tridimensional. Por isso, seu sentido espacial deficiente só percebe longitude, latitude e altura.

O desenvolvimento do sentido espacial só é possível com o despertar da consciência.

A clara percepção das dimensões superiores do espaço torna-se possível com o despertar da consciência.

A linha é resultante do deslocamento de um ponto no espaço. A superfície é resultante do deslocamento de uma linha

no espaço. O sólido é resultante do deslocamento de uma superfície no espaço. O que resulta do deslocamento de um sólido no espaço é o hipersólido, a quarta dimensão de um corpo qualquer. O hiper-sólido, o hiper-volume e o hiper-espaço só são perceptíveis pelos que despertam a consciência.

Foi-nos dito que em seu aspecto exclusivamente temporal a quarta dimensão é o tempo. Igualmente fomos informados que a quinta dimensão é a eternidade. Sem dúvida, a sexta dimensão está além da eternidade e do tempo.

Existe ainda o zero absoluto na questão dimensional. Essa dimensão zero é espírito puro, a sétima dimensão.

O animal intelectual está engarrafado na geometria de Euclides porque jamais despertou sua consciência. A consciência que dorme contenta-se com a geometria tridimensional de Euclides.

As criaturas unidimensionais possuem apenas sensações de prazer e dor, gosto e desgosto. Exemplo disso é o caracol.

As criaturas bidimensionais, como cachorros, gatos, cavalos e outros, possuem sensações e representações.

O bípede tridimensional, equivocadamente chamado homem, possui sensações, representações e conceitos; jamais conseguirá desenvolver o sentido espacial sem despertar a consciência.

O sentido espacial inclui, de forma absoluta, todos os cinco sentidos e muitos outros que os fisiólogos ignoram totalmente.

As pessoas dormem e estão, nos tempos atuais, ingressando no submundo completamente convencidas de que estão indo muito bem.

CAPÍTULO 12

REENCARNAÇÃO E RETORNO

Entre os anjos da morte há graus de diferentes esplendores e hierarquias, porém todos eles dependem das supremas ordens do terceiro aspecto da Prakriti, a Mãe Espaço, a bendita Deusa Mãe Morte, Hécate, Proserpina, Coatlicue, Káli, etc.

Esses ministros (anjos) da morte, de aparência espectral e esquelética, com suas gadanhas na mão direita, e revestidos com seus trajes fúnebres, têm realmente uma aparência gloriosamente divina.

Os anjos da morte cortam o fio da vida, no seu dia e sua hora, de acordo com a sábia lei do destino.

Ao sepulcro vão parar o corpo físico e a personalidade. Esta última desintegra-se lentamente, e nem sempre permanece dentro da sepultura; costuma vagar pelo cemitério ou panteão.

Fala-se muito na literatura pseudo-ocultista sobre o corpo vital ou linga sarira, o assento da vida orgânica sem o qual, a existência do corpo físico não seria possível. No entanto, esse fundo vital não é a personalidade.

O corpo vital desintegra-se pouco a pouco conforme o cadáver vai se desintegrando. A personalidade perambula pelo panteão e a sua dissolução é mais lenta que a do corpo vital.

Quem afirma que a personalidade se reencarna, mente lamentavelmente, porque a personalidade é filha de seu tempo. Nasce em seu tempo e morre em seu tempo; não há amanhã algum para a personalidade do morto.

Isso que continua além da morte é o ego revestido dos seus corpos lunares. Aquilo que não morre é a essência, o budhata, a alma, infelizmente engarrafada dentro do ego.

A visão retrospectiva da vida que acaba de passar tem como único objetivo fazer um inventário da existência que terminou para saber o que temos e o que nos falta.

O juízo ante os tribunais do karma depois do inventário é o resultado preciso da existência que terminou.

Nos tempos antigos, quase todas as almas saíam temporariamente de dentro do ego para passar umas férias nos reinos inefáveis do mundo molecular e do mundo eletrônico. Depois voltavam, como o gênio da lâmpada, para a mesma garrafa, a fim de reincorporar neste Vale de Lágrimas.

Por estes tempos de angústia e perversidade, quase não há férias nos mundos superiores. Agora, os desencarnados entram nos mundos inferiores ou retornam imediatamente a este Vale de Lágrimas para terminarem, o quanto antes, o seu ciclo de vidas sucessivas.

Na literatura pseudo-ocultista afirma-se erradamente que a todo ser humano são atribuídas milhões de vidas para que consiga chegar à perfeição. Esse conceito é falso; a cada ser humano só se dá um número determinado de existências, de acordo com a lei do número, medida e peso.

Em verdade são atribuídas a cada ser humano apenas 108 vidas em cada ciclo; estas são as 108 contas do colar de Buda.

Os brâmanes simbolizam o ciclo de vidas sucessivas com o ritual da Vaca Sagrada. Eles dão 108 voltas litúrgicas ao redor da vaca enquanto rezam num colar de 108 contas as mágicas palavras OM MANI PADME HUM.

As almas que terminam seu ciclo de 108 existências sem terem alcançado o estado angélico, entram nos mundos inferiores.

Por estes tempos, já realizado o Juízo Final de 1950, quase todas as almas já cumpriram seu ciclo existencial ou estão para cumpri-lo.

Agora, os desencarnados estão ingressando maciçamente nos mundos inferiores, porque os tempos estão vencidos.

Fala-se muito na literatura pseudo-ocultista sobre a lei da reencarnação; no entanto, esta só existe para os indivíduos sagrados. ‘Reencarnação’ implica na existência da ‘individualidade reencarnante’; se tal individualidade não existir, então não existe reencarnação.

Ainda que os textos pseudo-ocultistas afirmem que o animal intelectual já alcançou a individualidade, esse conceito é tão falso como aquele outro que afirma que o ser humano já possui os autênticos veículos solares astral, mental e causal.

O ego é um conjunto de várias entidades diferentes que sequer se conhecem entre si; isso não é individualidade. Dizer que essas entidades reencarnam é um absurdo. Melhor é dizer que o eu pluralizado ‘regressa’, ‘reincorpora’ ou ‘retorna’ a este Vale de Lágrimas.

O ego continua em nossos descendentes. A agonia de um homem é semelhante ao êxtase de sua concepção. Morte e concepção estão intimamente unidas e formam um todo único.

O caminho da vida está formado com as pegadas dos cascos do cavalo da morte. Morte e concepção são unas. Morte e juízo são unos. Juízo e concepção são unos. Morte, juízo e concepção são unos.

O desenho psicológico do agonizante entra com o espermatozóide no óvulo no instante da concepção. A agonia de um homem é idêntica ao êxtase da sua concepção.

Da desintegração dos elementos do velho corpo, origina-se uma vibração que passa invisível através do tempo e do espaço. Essa vibração carrega a configuração do homem que agonizou, assim como a onda de uma estação transmissora de televisão emite a imagem invisível do artista que atua, a qual é recebida por um aparelho apropriado fazendo-se visível a

centenas ou milhares de quilômetros do lugar onde realmente se encontra.

O óvulo fecundado é o órgão de recepção para o desenho do homem que agonizou.

Depois da morte, as diferentes entidades, que constituem o ego, vão e vêm pela região molecular, mas nem todas elas retornam a uma nova matriz humana. Umas ingressam no submundo e outras entram em matrizes inferiores do reino animal; outras ainda ingressam no reino vegetal, e há também aquelas que, revestidas com os corpos lunares, continuam em nossos descendentes.

Em certa ocasião, Pitágoras repreendeu um discípulo que queria dar pontapés num cachorro que uivava, dizendo-lhe: “Não maltrates esse animal porque em seu lastimoso latido reconheci um amigo que morreu há algum tempo”.

Esta é a sábia lei da metempsicose, tão odiada pelos fanáticos do dogma da evolução.

Também se entra nos mundos inferiores por partes. Muitas pessoas que vivem atualmente no mundo físico, já possuem partes suas vivendo também nos mundos inferiores.

Dante encontrou esses condenados à segunda morte em meio ao símbolo que lhes corresponde no abismo – que é o sepulcro. Como suas lousas estavam levantadas, Dante perguntou ao seu Mestre a razão disso, e Virgílio, o poeta de Mântua, respondeu: “Todos serão fechados quando as almas dos corpos que ficaram lá em cima tiverem voltado do vale de Josafat”.

São Josafat é o Buda; o vale de Josafat é este mundo de Samsara. O juízo final já foi realizado, e os egos, em sua totalidade, estão entrando nos mundos inferiores. Assim, os simbólicos sepulcros vistos por Dante, estão se fechando.

O objetivo final dos mundos inferiores é destruir o ego e os corpos lunares para que a alma se liberte pela porta da segunda morte. Os sofrimentos das almas fracassadas nos mundos inferiores foram descritos simbolicamente por Dante na Divina Comédia.

Os magos negros mais perversos vivem nos mundos inferiores durante milhões ou bilhões de anos antes de chegarem à segunda morte. As pessoas comuns e normais podem alcançar a segunda morte em 800 ou 1000 anos, mais ou menos.

A cada cem anos paga-se uma letra kármica nos mundos inferiores. Neles, o tempo é demasiado longo e terrivelmente aborrecido; é tempo de rochas milenares.

A segunda morte é necessária para que as almas fracassadas regressem ao caos primitivo, de onde devem recomeçar a jornada, repassando as evoluções minerais, vegetais e animais, até atingirem outra vez o estado humano.

CAPÍTULO 13

A LEI DE RECORRÊNCIA

Analisando de modo profundo e criterioso o tema da reencarnação, tal qual tem sido apresentado atualmente pelos diversos pensadores pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas, concluímos que esses autores estão completamente confusos.

A doutrina da reencarnação vem do antigo culto de Krishna, que é uma antiga religião védica. Infelizmente, essa sublime doutrina foi muito adulterada pelos inúmeros reformadores.

No culto de Krishna é dito sabiamente que só os Deuses, Semi-Deuses, Heróis, Titãs, Reis Divinos, Mestres e Guias da humanidade se reencarnam. Contudo, as diversas escolas de tipo pseudo-esotérico e pseudo-ocultista propagaram uma ideia equivocada, pregando às multidões que todo mundo reencarna.

Junto com a ideia da reencarnação há, na Índia, o conceito da transmigração das almas ou a reincorporação das almas humanas em criaturas animais.

É claro que o orgulho humano é terrível, e, como é natural, a teoria da transmigração das almas jamais foi aceita; até mesmo a consideram uma alteração ou distorção da sábia doutrina da reencarnação.

Jesus o Cristo enfatiza, nos quatro evangelhos, a dificuldade de entrar no reino. O grande Mestre jamais disse que todos os seres humanos iriam entrar no reino. Nisso entra a lei de seleção natural: Muitos são os chamados e poucos os escolhidos.

A espécie humana, com exceção de uns poucos, ingressa nos mundos inferiores, onde termina com a segunda morte. Esse acontecimento se repete em todos os mundos do espaço infinito.

Já dissemos que só pela segunda morte as almas perdidas se libertam dos mundos inferiores. A lei do eterno retorno

sempre traz a uma nova manifestação cósmica as almas fracassadas que viveram no submundo e que passaram pela segunda morte.

A lei do eterno retorno dá base à doutrina da transmigração. Milhões de almas fracassadas de passados ciclos de manifestação são agora elementais dos reinos mineral e vegetal ou criaturas animais que aspiram reconquistar o estado humano outrora perdido.

A sábia concepção do eterno retorno de todas as coisas está invariavelmente unida à sabedoria e à cosmogonia sagrada da Índia.

Toda a doutrina sobre a vida de Brahma, manvantaras, pralayas, kalpas, respiração de Brahma etc., está intimamente associada com a doutrina de Pitágoras e com a lei de recorrência ou do eterno retorno.

Uma análise de fundo sobre o budismo leva-nos à conclusão de que Buda ensinou a lei do eterno retorno ou de recorrência em sua doutrina sobre as vidas sucessivas.

Simplicio, citado por Ouspenski, escreve: “Os pitagóricos disseram que as mesmas coisas se repetem uma e outra vez”.

Em conexão com tudo isso, é interessante observar as palavras de Eudemo, discípulo de Aristóteles, no terceiro livro de Física:

“Algumas pessoas aceitam e algumas negam que o tempo se repita. Entende-se essa repetição em diversos sentidos. Uma classe de repetição pode acontecer na ordem natural das coisas, como a repetição dos verões, dos invernos e outras estações, quando uma nova vem depois que outra desapareceu. A esta ordem de coisas pertencem os movimentos dos corpos celestes e os fenômenos produzidos por eles, tais como os solstícios e os equinócios, que são produzidos pelo movimento do Sol”.

“Porém, se devemos crer nos pitagóricos, existe outro tipo de repetição. Isto quer dizer que eu vos falarei e me sentarei exatamente assim e terei em minha mão o mesmo pau e tudo será igual ao agora, e o tempo, como é de se supor, será o mesmo. Porque se os movimentos (dos corpos celestes) e muitas outras coisas são os mesmos, o que ocorreu antes e o que ocorrerá depois são também os mesmos. Isso se aplica também à repetição que é sempre a mesma. Tudo é o mesmo”.

À lei de recorrência exposta magnificamente por Eudemo nos parágrafos precedentes, só temos que acrescentar a espiral que, segundo Pitágoras, é a curva da vida. O tempo é redondo e tudo se repete, seja em espirais mais elevadas, seja em espirais mais baixas.

Torna-se interessante e ao mesmo tempo dolorosa a repetição incessante dos mesmos dramas, das mesmas cenas, dos mesmos acontecimentos em cada uma das 108 vidas que a lei cósmica atribui às almas humanas. Cada vida é a repetição da vida anterior mais suas consequências kármicas, boas ou más, agradáveis ou desagradáveis.

Um homem morre e os angustiosos momentos de sua agonia, seus últimos instantes, suas realizações, suas últimas sensações, seu último penar, tornam-se intimamente associados aos gozos do amor que originam o seu novo nascimento.

A nova vida começa exatamente nas mesmas condições da anterior. É claro que não poderia começar em nenhuma outra condição. Ao renascer neste Vale de Lágrimas, o passado converte-se em futuro, de acordo com a lei de recorrência.

O animal intelectual equivocadamente chamado homem não pode mudar as circunstâncias. Ele é vítima delas. Tudo lhe acontece como quando chove ou como quando troveja. Tem a ilusão de que faz, porém não tem o poder de fazer. Tudo acontece através dele.

Somente o Ser pode fazer. Somente o Ser pode criar novas circunstâncias. Somente o Ser pode mudar esta ordem de coisas, porém o animal intelectual ainda não encarnou o Ser.

Neste vale de amarguras há homens-máquinas de repetição absoluta, tipos cem por cento mecânicos, sujeitos que repetem tudo, até os mais insignificantes detalhes das vidas anteriores.

Neste vale de São Josafat, nesta terra de Samsara, estão constantemente se reincorporando indivíduos de repetição variada; eles revivem suas vidas precedentes, seja em espirais mais elevadas, seja em espirais mais baixas.

Existe também em nosso interessantíssimo mundo certo tipo de pessoas com crescente tendência à degeneração. São pessoas que marcham resolutamente pelo caminho espiral descendente: bêbados, suicidas, homossexuais, prostitutas, toxicômanos, assassinos, ladrões etc. Esse tipo de gente repete de forma mais e mais descendente, em cada vida, os mesmos delitos, até que, ao fim, entram nos mundos inferiores.

Em aparente e brilhante contraste com esse tipo de via de descenso ou fracasso, mas numa posição igualmente abominável, encontram-se os cavalheiros do alto mundo, os grandes triunfadores que adoram a Grande Rameira.

São os milionários e multimilionários, os cientistas perversos que inventam armas destruidoras, os tenebrosos sequazes da dialética materialista que tiram da humanidade os valores eternos, os fanáticos do esporte, os grandes competidores, os boxeadores, os vaidosos quebradores de recordes, os cômicos que jogam com o monstro das mil caras, as famosas estrelas de cinema que justificam seus adultérios com inumeráveis divórcios e casamentos, os artistas degenerados da nova onda, pintores, dançarinas do rock, do twist, do mambo, os fundadores de seitas prejudiciais, os escritores de livros pornográficos, os céticos de todo tipo, etc.

O tipo triunfador está hipnotizado pelo êxito; é este precisamente o seu maior perigo. Tais pessoas ignoram que estão baixando pela espiral descendente e entrando nos mundos inferiores, embriagados de triunfo.

O tipo triunfador sabe exatamente o que tem de fazer cada vez que retorna a este cenário do mundo e repete sempre as mesmas aventuras.

A involução de todas essas pessoas nos mundos inferiores deve-se à lei de recorrência. No abismo são repetidos, de forma involutiva, todos os processos animais, vegetais e minerais que outrora atravessamos de forma evolutiva.

A desintegração final no submundo é necessária e indispensável para a libertação das almas perdidas. Depois da sua espantosa e milenar viagem pelo submundo, elas retornam para uma nova manifestação, a qual deve começar pela escala mais baixa: a do reino mineral.

CAPÍTULO 14

A MÁQUINA HUMANA

Quando tratamos de imaginar de forma clara e precisa o resplandecente e alongado corpo do sistema solar, com todas as suas formosas tramas e fios entrelaçados, que se formam a partir da trajetória dos mundos, vem à nossa mente em estado receptivo, a vívida imagem do organismo humano com seus sistemas esquelético, linfático, arterial, nervoso etc., os quais, fora de qualquer dúvida, são constituídos e reunidos de modo semelhante.

O sistema solar de Ors, este sistema no qual vivemos, nos movemos e temos a nossa existência, quando visto de longe, parece um homem caminhando através do inalterável infinito.

O microcosmo homem é, por sua vez, um sistema solar em miniatura, uma máquina maravilhosa com várias redes distribuidoras de energia em diferentes graus de tensão.

A estrutura da máquina humana consta de sete ou oito sistemas sustentados por uma armação esquelética formidável e reunidos em um todo sólido graças ao tecido conectivo.

A ciência médica pode verificar que todos esses sistemas do organismo humano estão devidamente unidos e harmonizados com o Sol do organismo, o vivificante coração do qual depende a existência do microcosmo homem.

Cada sistema orgânico abarca o corpo inteiro, e sobre cada um reina soberana uma das glândulas de secreção interna.

Realmente, essas maravilhosas glândulas são verdadeiros micro-laboratórios colocados em lugares específicos sob a forma de reguladores e transformadores.

Fora de qualquer dúvida podemos afirmar enfaticamente que esses microlaboratórios glandulares têm a altíssima missão de transformar as energias vitais produzidas pela máquina humana.

Foi-nos dito que o organismo humano obtém os seus alimentos do ar que respiramos, da comida que comemos e da luz do Sol.

Os micro-laboratórios glandulares devem transformar precisamente as energias vitais dos alimentos. Este é um trabalho surpreendente e maravilhoso.

Cada glândula deve transformar a energia vital dos alimentos precisamente ao grau de tensão requerido por seu próprio sistema e função.

O organismo humano possui sete glândulas superiores e três controles nervosos. A lei do sete e a lei do três trabalham intensamente dentro da máquina humana.

O cérebro espinal produz essas raríssimas funções conscientes que às vezes se manifestam no animal intelectual.

O simpático estimula maravilhosamente as funções inconscientes e instintivas, e o para-simpático ou vago freia as funções instintivas e atua como complemento.

Temos plena razão para afirmar, sem temor de equívocos, que esses três controles nervosos representam a lei do três, as três forças primárias dentro da máquina humana, assim como as sete glândulas endócrinas e os seus produtos representam a lei do sete com todas as suas oitavas musicais.

Claramente se percebe um controle para a soltura dos impulsos nervosos ativos, outro para soltar impulsos nervosos passivos e um terceiro para soltar os impulsos nervosos mediadores do pensamento, da razão e da consciência.

Os nervos, como agentes da lei do três, controlam as glândulas que, como já dissemos, representam a lei do sete.

Os nervos controlam as glândulas, porém, por sua vez, também são controlados. Isso é semelhante às funções

específicas dos planetas que se movem ao redor do Sol. Esses mundos controlam e são controlados.

Já dissemos e voltamos a repetir que a máquina humana tem cinco cilindros: intelecto, emoção, movimento, instinto e sexo. Explicamos muitas vezes que os cinco cilindros da máquina humana estão, infelizmente, sob o controle do eu pluralizado, dessa legião de eus que vive nos centros psicofisiológicos.

A máquina humana, como qualquer outra máquina, move-se sob os impulsos das forças sutis da natureza.

As radiações cósmicas em primeiro lugar e o eu pluralizado em segundo lugar são os agentes secretos que movem as máquinas humanas.

A radiação cósmica está formada por dois grandes grupos de componentes que, assim como agem dentro do grande laboratório da natureza, trabalham também dentro da máquina humana.

O primeiro grupo está formado por raios de grande dureza e elevado poder de penetração, procedentes do espaço sideral; possuem energias que oscilam ao redor dos cinco bilhões de eletrovolts. São esses raios que dão lugar aos impactos com as partículas da alta atmosfera, dividindo-se em nutridos feixes ou estrelas de raios.

A parte dura da radiação cósmica está formada por prótons, nêutrons e mésons. Estes últimos já estão devidamente classificados entre positivos, negativos e neutros, de acordo com a lei do três.

O segundo grupo ou radiação branda está formado por raios secundários que são produzidos na própria atmosfera terrestre. Esses raios são o resultado dos impactos da radiação dura contra os átomos do ar. Dão lugar a feixes ou estrelas de raios, alguns até formados por 500.000 partículas que, em seu

desenvolvimento, chegam a cobrir extensas áreas, de acordo com as investigações realizadas pelos cientistas.

Foi-nos dito que a energia dos componentes da radiação branda oscila entre um milhão e cem mil milhões de eletrovolts.

Qualquer conjunção planetária negativa, qualquer quadratura nefasta de mundos, qualquer tensão produzida pela exagerada aproximação dos planetas, é suficiente para lançar milhões de máquinas humanas à guerra, a qual justificam, cheios de razão, com muitos lemas e bandeiras, com os motivos pelos quais têm de brigar, têm de defender, etc.

A tolice mais grave dos animais intelectuais é crer que fazem quando na verdade nada podem fazer. São simples marionetes humanas movidas por forças que desconhecem.

As radiações cósmicas produzem infinitas mudanças na mente subjetiva do animal intelectual. Em sua idiossincrasia psicológica surgem certos eus e submergem outros; alguns eus-diabos emergem enquanto outros se perdem nas 49 regiões submersas do subconsciente.

Então vêm os assombros, as surpresas: retira-se quem havia jurado amor eterno e trai a gnose quem havia jurado fidelidade; quem não bebia álcool, agora bebe; quem havia proposto realizar certo negócio, de repente perde todo o interesse, etc.

As máquinas humanas não têm sentido algum de responsabilidade moral. São simples marionetes que pensam, sentem e trabalham de acordo com o tipo de eu que controla os centros capitais da máquina num dado instante. Se esse tipo de eu é substituído, a marionete humana modifica seus procedimentos mentais e sentimentais, resultando daí ações diferentes e até opostas.

Às vezes, metem-se dentro da máquina humana alguns eus-diabos que não são da pessoa, que têm outros donos, e ali se acomodam em qualquer um dos cinco cilindros da máquina.

Então, o honrado cidadão converte-se em ladrão ou, quem antes não se atrevia a matar um passarinho, em cruel assassino.

O eu que cada ser humano leva dentro de si mesmo é uma pluralidade; seu verdadeiro nome é legião. A ronda desses eus-diabos e sua contínua luta pela supremacia dependem de muitas influências externas e internas; em última síntese, das radiações cósmicas.

O Sol, com seu calor e o bom ou mau tempo, dão de imediato lugar para que surjam determinados eus, que se apoderam da máquina; alguns deles costumam ser mais fortes que outros.

A chuva, as contrariedades, as vãs e passageiras alegrias dão origem a novos e incômodos eus, porém a pobre marionete humana não tem noção dessas mudanças porque tem a consciência adormecida e vive sempre no último eu.

Certos eus dominam outros porque são mais fortes, porém a sua força é a força dos cilindros da máquina.

Todos os eus são resultado de influências externas e internas.

No animal intelectual não existe a verdadeira individualidade; ele é uma máquina.

CAPÍTULO 15

EVOLUÇÃO E INVOLUÇÃO

De acordo com a definição comum e corrente do dicionário, “evolução significa um desenvolvimento ordenado e progressivo, governado por certas leis exatas, mas desconhecidas”.

Para os porcos de Epicuro os sequazes da dialética materialista a ideia de evolução, antes de tudo, exclui a ideia de um plano inteligente e de um Logos Criador.

Os tontos e fanáticos adeptos dessa farsa escrita por Karl Marx, chamada dialética materialista, creem de forma estúpida que a evolução é um processo independente e mecânico, sem Deus e sem leis.

Já para os estudantes das diferentes escolas pseudo-esotéricas e pseudoocultistas, a ideia de evolução, antes de tudo, inclui a ideia de um plano inteligente e de um Logos Creador.

A palavra evolução contém em si mesma um significado dogmático e este é precisamente seu traço característico.

As bases científicas da evolução são: 1) as nebulosas teorias sobre a origem do universo com todas as suas inumeráveis alterações, modificações, adições e restrições que nada mudam na original e errônea concepção do processo mecânico de construção, e 2) a caprichosa teoria de Darwin sobre a origem das espécies com todas as suas correções e mudanças posteriores.

Na questão das concepções nebulares, há muito que se comentar. Sobre a origem do universo, por estes tempos foram inventadas muitas teorias engenhosas, porém não passam de puras especulações fantásticas sem comprovação alguma; brincadeiras da mente, idiotices.

A evolução e a transformação das espécies no sentido estritamente darwinista fundamentam-se em fatos selecionados

artificialmente. Para se provar a teoria, recorre-se à anatomia comparada, à morfologia, à embriologia, à paleontologia, etc. Porém, cada década nega os fatos da década anterior e os substitui por novos fatos; não obstante, a teoria permanece imutável.

Na realidade, a aparição de novas espécies como resultado da lei da evolução, não passa de mais uma simples hipótese porque jamais se pôde verificar e ninguém jamais viu aparecer uma nova espécie.

O pensamento moderno, ao criar a teoria da evolução, esqueceu-se dos processos destrutivos da natureza. A razão disso estriba-se no campo da visão intelectual muito limitado dos tempos atuais. Teorias superficiais muito bonitas são elaboradas, porém com um número insuficiente de fatos. Nenhum dos processos é conhecido de forma integral; observando-se só uma parte, os homens dizem que esse processo consiste de mudanças de tipo evolutivo.

A mente humana já está tão degenerada por estes tempos modernos que se tornou incapaz de compreender o processo inverso, o processo involutivo, em grande escala. A mente dos eruditos está de tal maneira engarrafada no dogma da evolução que só sabe pensar em função do seu próprio engarrafamento; aos fenômenos de destruição, decadência e degeneração aplica os qualificativos de evolução, desenvolvimento e progresso.

Os povos e as culturas da idade da pedra não são o princípio nem o fim do mundo; são apenas o declínio e a degeneração de riquíssimas civilizações anteriores. Isso ficou demonstrado pelos restos de culturas pré-históricas, pelos dados da filologia comparada, que mostram a surpreendente riqueza psicológica das línguas arcaicas, pelos documentos irrefutáveis da arte e da literatura antigas, etc.

Nem todos os povos isolados da tão cacarejada civilização moderna são selvagens. Rechaçar a barbárie

civilizada não é sinal de selvageria, o que também não significa que não existam povos isolados em franco estado de selvageria.

Os povos selvagens ou semi-selvagens encontrados pelos exploradores modernos são, fora de dúvida, descendentes degenerados de povos extraordinariamente cultos que existiram antes da idade da pedra.

Nenhum dos povos verdadeiramente selvagens encontrados pelos exploradores mostrou algum sinal de evolução. Ao contrário, em todos os casos, sem exceção, observaram-se sinais inconfundíveis de degeneração e involução.

Todos os povos selvagens ou semi-selvagens têm lendas e tradições de uma idade de ouro ou de uma etapa heróica, porém, na realidade, essas lendas e tradições falam do seu próprio passado, da sua própria civilização antiga.

O mesmo fato explica com clareza meridiana a superioridade indiscutível dos desenhos paleolíticos; quer dizer, dos mais antigos encontrados nas profundas cavernas da Terra, em relação com os neolíticos, isto é, os mais recentes.

O irmão gnóstico C. Iturralde V. enviou-me uma interessante carta procedente do seu país a Bolívia em que diz:

“Algo interessante e curioso aqui é a lenda, a qual não é apenas uma criação fantasiosa de algumas mentes, mas que parece ter uma realidade objetiva: a de que existiram seres humanos de proporções pequeníssimas alguns casos de mais ou menos 25 centímetros e outros de até 15 centímetros, os quais viviam numa espécie de aldeia ou povoado, com casas e utensílios (panelas, etc.) construídos por eles. Quando criança, escutei que perto da cidade onde morava, esses seres tinham vivido exatamente em Lipes, um altiplano rodeado de montanhas os Andes e um solar enorme a leste. Agora, soube que perto daqui (Potosi), a uns 120 quilômetros, há um povoado de uns 30 centímetros de altura as vivendas em cujo interior são encontradas vasilhas correspondentes a seres muito pequenos.

Essa povoação, dizem, está rodeada de uns cerros pontiagudos bastante raros, que se elevam no máximo a dois ou três metros, mas que, para o casario, se assemelham a montanhas. Ao redor, levantam-se cerros maiores de centenas de metros. Segundo continuam dizendo, os indígenas da região não permitem que ninguém se aproxime dessa curiosidade”.

Esta é uma raça lemuriana muito involuída; esta é a raça liliputiana e jinas dos míticos siberianos, verdadeiros nibelungos de suas galerias, enfim homens-formigas, dos quais restaram vestígios indelévels nas próprias pinturas rupestres, cujos estudos os cientistas de hoje recém começaram a investigar.

As chamadas raças primitivas europeias da idade da pedra, tais como a raça Cro-Magnon que viveu nas cavernas da Terra, foram muito belas, porém o impulso cíclico descendente, involutivo, assolou terrivelmente essas raças de origem atlante. Finalmente, o homem paleolítico deixou seu posto ao seu sucessor, desaparecendo quase que por completo do cenário.

Dentro de todo processo evolutivo existe um processo involutivo. A lei da evolução, e sua irmã gêmea, a lei da involução, trabalham de forma coordenada e harmoniosa em todo o criado.

As leis da evolução e da involução constituem o eixo mecânico da natureza. Nós, gnósticos, não negamos a lei da evolução; ela existe. O mal, o equivocado, é atribuir a esta lei fatores e princípios duvidosos e falsos.

A autorrealização íntima do homem não é o resultado de qualquer mecânica. A evolução, sim, é uma lei mecânica, assim como também é a lei da involução.

A autorrealização íntima do homem é o resultado de tremendos superesforços autoconscientes, feitos pelo mesmo em si mesmo, aqui e agora.

Negar a lei da evolução seria absurdo, mas atribuir a essa lei fatores que não tem, é estúpido.

Existe evolução em todo o processo criador: na semente que germina e cresce, na criança que nasce, na planta que floresce.

Existe involução em todo o processo destrutivo: na árvore que murcha e que por fim se converte num montão de lenha, na planta que envelhece, no ancião que exala o último suspiro.

Tudo o que existe na criação evolui até certo ponto perfeitamente definido pela natureza; depois, involui até regressar ao ponto de partida original.

Nenhum ser vivo pode se autorrealizar, e, muito menos, se libertar mediante a lei mecânica da evolução.

CAPÍTULO 16

A REVOLUÇÃO DA CONSCIÊNCIA

O Bhagavad Gita, o livro sagrado do Senhor Krishna, diz textualmente o seguinte:

“Entre milhares de homens, talvez um tente chegar à perfeição. Entre os que tentam, possivelmente um consiga a perfeição e entre os perfeitos, talvez um me conheça perfeitamente”.

Jesus, o grande Kabir, disse:

“Esforçai-vos para entrar pela porta estreita; porque eu vos digo que muitos procurarão entrar, e não poderão. Quando o pai de família se levantar e cerrar a porta, e começardes, de fora, a bater à porta, dizendo: Senhor, Senhor, abre-nos; e, respondendo ele, vos disser: Não sei de onde vós sois. Então começareis a dizer: Temos comido e bebido na tua presença, e tu tens ensinado nas nossas ruas. E ele vos responderá: Digo-vos que não sei de onde vós sois; apartai-vos de mim, vós todos os que praticais a iniquidade. Ali haverá choro e ranger de dentes, quando virdes Abraão, e Isaque, e Jacó, e todos os profetas no reino de Deus, e vós lançados fora.

Jesus, o grande Kabir, nos quatro evangelhos, que são realmente quatro textos de alquimia e cabala escritos em chave, dá ênfase à tremenda dificuldade que existe para se entrar no reino.

O Darmapada, o livro sagrado do budismo, diz:

“Dentre os homens, poucos são os que alcançam a outra margem; os demais andam nesta margem correndo de um lado para o outro”.

Todo homem de ciência pode verificar por si mesmo o científico processo de seleção natural.

Apertada é a porta e estreito o caminho que conduz à luz e são muito poucos os que os acham.

O florentino Dante, discípulo de Virgílio, o poeta de Mântua, começa a sua Divina Comédia com estas palavras:

“Da nossa vida, em meio da jornada, Achei-me numa selva tenebrosa, Tendo perdido a verdadeira estrada. Dizer qual era é cousa tão penosa, Desta brava espessura a asperidade,

Que a memória a relembra inda cuidadosa. Na morte há pouco mais de acerbidade; Mas para o bem narrar lá deparado

De outras cousas que vi, direi verdade. Contar não posso como tinha entrado; Tanto o sono os sentidos me tomara, Quando hei o bom caminho abandonado”.

Dante Alighieri também cometeu o erro de se afastar do caminho reto e caiu nessa selva escura da mundanidade. Difícil é encontrar o caminho reto, porém mais difícil é manter-se firme e não abandonar o caminho jamais.

Quem quiser subir, primeiro deve descer; esta é a lei. A Iniciação é morte e nascimento ao mesmo tempo.

Quando Dante quis subir ao cume da augusta montanha da Iniciação, seu guru o fez baixar aos mundos inferiores. Esta é a lei.

No submundo, o poeta florentino viu e ouviu as almas doentes dos antigos condenados; viu também a dos equivocados sinceros, que vivem contentes nas chamas luciféricas de suas próprias paixões aguardando o dia e a hora de ocuparem seu posto entre os bem-aventurados.

Sem essas três mulheres simbólicas, chamadas Lúcia (a graça divina), Beatriz (a alma espiritual) e Clemência (a misericórdia), Dante não teria conseguido descobrir os terríveis mistérios do Abismo.

Dante encontrou no submundo muitos sábios e muitos homens cheios de prestígio e conhecimento, bem como muitos centauros, metade homens e metade animais.

Nos mundos inferiores vivem centauros famosos como o centauro Quíron, o famoso educador de Aquiles, o irascível Éolo, o cruel Átila, o açoite de Deus, e muitos outros que hoje em dia são venerados em países diferentes como heróis nacionais.

O caminho que conduz à autorrealização íntima do Ser começa dentro dos próprios infernos atômicos desse pobre animal intelectual equivocadamente chamado homem; continua no purgatório molecular do Iniciado e termina nas regiões eletrônicas do Empíreo.

Todo neófito deve aprender a distinguir entre o que é uma queda e o que é uma descida. A descida consciente de Dante aos mundos inferiores não é uma queda.

Só no próprio caminho torna-se possível desenvolver, à base de tremendos superesforços íntimos em nós mesmos e dentro de nós mesmos, todas as grandiosas possibilidades ocultas no homem. O desenvolvimento dessas possibilidades nunca foi uma lei.

Fora de qualquer dúvida podemos e devemos afirmar com ênfase que a lei, para o infeliz animal intelectual, é existir miseravelmente neste mundo antes de ser tragado pelo reino mineral, cumprindo o círculo vicioso das leis mecânicas da natureza.

Ainda que isso espante os débeis e os covardes, é importante declarar que o caminho que conduz os valentes à autorrealização íntima é terrivelmente revolucionário e perigoso.

Precisamos nos levantar em armas contra a natureza, contra o cosmo, contra a mundanidade, contra nós mesmos, contra tudo e contra todos, custe o que custar.

Este é o caminho da revolução da consciência; esta é a senda difícil, a via que os perversos da raça lunar tanto odeiam.

O caminho é precisamente o oposto da vida comum e normal de todos os dias. Ele se baseia em outros princípios e está submetido a outras leis; nisso consiste o seu poder e o seu significado.

A vida comum, a vida rotineira de todos os dias, mesmo em seus aspectos mais amáveis e deliciosos, conduz os seres humanos aos mundos inferiores e à segunda morte; não pode conduzi-los a nenhuma outra parte.

O normal e natural é que a raça de Adão sirva de alimento às entranhas do organismo planetário em que vive. O raro, o estranho, o difícil, é que alguém se salve e entre no reino.

Agora, querido leitor, compreendes a espantosa tragédia que vivemos. Felizmente, o Misericordioso, a Infinitude que a tudo sustenta, o muitíssimo sagrado Sol Absoluto, envia periodicamente avatares e salvadores a este vale de lágrimas. Esses indivíduos sagrados, esses mensageiros e salvadores, são encarnações vivas do Onimisericordioso. Mas, a raça lunar, esta perversa raça de Adão, odeia mortalmente esses auxiliares.

Diz o bendito Senhor no Bhagavad Gita:

“Ainda que eu não tenha nascimento, sou imutável e Senhor das criaturas; dominando a minha Prakriti, encarno-me servindo-me de minha própria maya. Oh, Bharata: Toda vez que a religião declina e prevalece a irreligião, eu encarno de novo para proteger os bons, destruir os maus e estabelecer a religião; eu encarno em diferentes épocas. Aquele que assim conhece realmente minha divina encarnação e a minha obra, quando deixar esse corpo não renascerá jamais, ele chegará a Mim, ó Arjuna”.

Avatares foram o santo Krishna, o santo Buda, o santo Lama, o santo Maomé, Ashiata Shiemash, Moisés, Quetzalcoatl e muitos outros.

A doutrina de todos os avatares tem suas raízes nos três fatores básicos da revolução da consciência:

Nascer

Morrer

Sacrificar-se pela humanidade.

Jesus, o grande Kabir, sintetizou magistralmente a doutrina da revolução da consciência ao dizer:

“É necessário que o Filho do Homem padeça muitas coisas e que seja desdenhado pelos anciões, pelos príncipes dos sacerdotes e pelos escribas, que seja entregue à morte e que ressuscite no terceiro dia... Mas, acrescento-vos, em verdade, que alguns não provarão a morte até que vejam por si mesmos o Reino de Deus”.

CAPÍTULO 17

A LUA

É cem por cento falsa a afirmação de que a Lua é um rebento da Terra. A lenda grega sobre Selene é muito sugestiva e vai além das explicações puramente geológicas.

Selene, a raça lunar, esta perversa raça de Adão, nasceu de Téia, a Terra, e de Hipérion, o Sol, doador da vida, e que era amado por Pan, o mundo da natureza.

Diz a lenda grega que a bela e encantadora Selene se enamorou por Endimião, esta raça lunar adormecida por Zeus num sono interminável.

A lenda grega sobre Selene refere-se à raça lunar e não tem relação alguma com essa caprichosa teoria do século vinte que afirma ser a Lua um fragmento arrancado da Terra ainda não formada durante um cataclismo cósmico.

Baseada em antiquíssimos documentos arcaicos e em inumeráveis investigações esotéricas, realizadas nos arquivos akáshicos da natureza, essa grande mártir do século passado, chamada H. P. Blavatsky, afirmou enfaticamente que a Lua é anterior à Terra; que ela é a mãe da Terra e um mundo morto.

No passado manvantara, a Lua foi um mundo densamente povoado, cheio de Sol e de vida; agora é um cadáver.

O Espaço Abstrato Absoluto absorveu a anima mundi lunar durante o grande pralaya (noite cósmica).

A anima mundi lunar tomou nova forma no planeta Terra quando se iniciou a aurora do novo manvantara (dia cósmico).

Considerando os acontecimentos lunares e terrestres deste ângulo cósmico, H. P. B. não se equivocou ao afirmar que a Lua é a mãe da Terra, a antecessora do nosso globo e de quem provém nossos pais ou pitris.

Pois bem, em relação ao seu satélite, a Terra tem uma responsabilidade que parece única no sistema solar; nosso aflito mundo parece suportar dez vezes mais peso que o Sol.

A massa total de todos os planetas do sistema solar é só de um-oitocentos avos da massa do Sol, enquanto que a massa da Lua é nada menos do que um oitenta avos da massa da Terra.

Não só pela massa lunar em si está o nosso mundo oprimido, mas também pela distância em que deve sustentá-la. Apenas o ancião dos céus, o velho Saturno, com seus resplandecentes anéis, sustenta uma Lua grande a uma distância semelhante, e esta, comparativamente, é uma pluma.

Se comparássemos a Terra com um relógio, diríamos que a Lua é o pêndulo, e se a comparássemos a um barco, diríamos que a Lua é o lastro.

Onde quer que a energia motriz seja aplicada a um mecanismo qualquer, algum tipo de peso torna-se indispensável para suavizar e acentuar a força impulsora e para impedir que o todo se precipite no espaço.

Os médicos sabem muito bem que o organismo deste pobre animal intelectual está construído com um número definido de elementos e que é necessário o peso denso do iodo em baixo, para contrabalançar o princípio ativador do hidrogênio em cima.

A Lua atua como comando mecânico para a Terra, igualando e administrando a energia solar.

Sem a Lua, como tremendo equilibrador de pesos, todos os líquidos da Terra, sofrida e necessitada, tenderiam inevitavelmente a ser lançados para fora da superfície, pela atração magnética do Sol, ao girar a Terra.

O efeito da Lua sobre as marés é algo que ninguém pode negar; fatos são fatos e diante deles temos que nos render.

A Lua controla toda a mecânica da natureza. A Lua atua sobre os líquidos incorpóreos e inorgânicos, como também sobre os líquidos incorporados à matéria orgânica. Controla o crescimento das plantas, exerce influência sobre os fluidos sexuais, regula o fluxo menstrual da mulher, governa a concepção, etc.

A Lua é realmente como o pêndulo de um relógio. A vida orgânica da Terra é o mecanismo do relógio que se põe em movimento devido ao vaivém do pêndulo.

Tudo que acontece neste vale de lágrimas deve-se à influência lunar; todos os múltiplos processos da vida orgânica são lunares.

Lunares também são os variados processos do pensar, sentir e obrar de todas as pessoas; lunares são os vícios e as maldades das multidões; as guerras, os ódios, os adultérios, fofocações, invejas, ambições, avarezas, degenerações e abominações dessa Grande Rameira cujo número é 666.

A Lua, tal qual tenebroso vampiro noturno, succiona a sensível película de vida orgânica que cobre o planeta em que vivemos.

Esse pobre bípede animal equivocadamente chamado homem, essa pobre besta intelectual, carrega fatalmente a Lua dentro de si; leva-a no ego e nos corpos protoplasmáticos lunares.

Toda a mecânica terrestre está governada pela Lua, e infelizmente o animal racional não é mais do que uma máquina.

Unicamente através da revolução da consciência podemos nos libertar da mecânica lunar.

A Lua é a grande rameira apocalíptica que o animal intelectual leva dentro de si.

Esta perversa raça de Adão é cem por cento lunar. Esta raça lunar odeia mortalmente a raça solar, os Filhos do Sol, os Profetas, os Mestres de sabedoria.

Foram as multidões lunares que crucificaram o Cristo, envenenaram Buda, encarceraram e caluniaram Cagliostro, deram veneno ao santo Milarepa, queimaram Joana Darc, traíram o onicósmico e santíssimo avatar Ashiata Shiemash, destruindo a sua obra, dentre outras perversidades.

A grande guerra entre as raças solar e lunar, na submersa Atlântida, foi maravilhosamente cantada pelos orientais no Mahabharata.

Dizem as tradições que essa guerra durou milhares de anos. Essa guerra ou série de guerras, quase contínuas, duraram séculos, desde há 800.000 anos, data em que começou a primeira das três catástrofes atlantes, segundo A Doutrina Secreta.

A segunda catástrofe ocorreu há uns 200.000 anos, e a última, a da ilha de Poseidônis, frente a Gades, há uns 11.000 anos. Desta última, os povos guardam uma confusa recordação, como de seu dilúvio.

O Jardim das Hespérides, o centro iniciático da boa lei mais poderoso de toda a Atlântida, foi espantosamente odiado pela raça lunar.

A magia atlante negativa das Ilhas Negras foi espantosa. A Lua é o negro e fumegante espelho. A magia negra é cem por cento lunar.

Os adeptos da mão esquerda, os magos negros, vivem normalmente nas regiões sublunares do reino mineral submerso, nos mundos inferiores.

As escolas, seitas e ordens lunares odeiam mortalmente o tantrismo branco. Antiquíssimas tradições cabalísticas declaram que Adão tinha duas esposas: Lilith e Nahemah; ambas representam a infra-sexualidade lunar.

Lilith é a mãe dos abortos, pederastias, homossexualismos, masturbação, ódio ao sexo e todo tipo de vício contra a natureza.

Nahemah simboliza o adultério, o abuso sexual, a fornicação passional e a luxúria.

A infra-sexualidade é o fundamento da perversa magia lunar. A infra-sexualidade reina soberana nas regiões sublunares do reino mineral submerso.

Dante encontrou nas regiões sublunares a luxuriosa Semíramis, a imperatriz que permitiu em suas leis tudo o que excitasse o prazer; era esposa de Nino I, tendo reinado sobre a Babilônia.

Dante também encontrou nas regiões sublunares a rainha Dido, que se matou por paixão após haver prometido fidelidade a Siqueu. Encontrou Dante também a bela Helena e a lasciva Cleópatra.

Dante encontrou ainda à escassa luz da Lua Nova o famoso Brunetto Latini e muitos outros homossexuais degenerados sequazes de Lilith.

CAPÍTULO 18

O LIMBO

Amadíssimos irmãos gnósticos!

Nesta noite de Natal de 1967, quero que saibam que todas as cavernas conhecidas e por conhecer formam uma vasta e ininterrupta rede que abarca todo o planeta. Elas formam o Orco dos clássicos, o Limbo dos cristãos, enfim, o outro mundo onde vivemos depois de mortos.

Dante vê o Limbo no primeiro círculo dos mundos inferiores. Podemos afirmar enfaticamente que o Limbo é a região dos mortos, o mundo molecular. No Limbo jamais se escutam as queixas e as blasfêmias dos condenados. Lá apenas se ouvem suspiros que procedem da pena sem tormento de uma imensa multidão de homens, mulheres e crianças que não puderam ingressar no reino.

É urgente que os amadíssimos irmãos gnósticos saibam que as almas do Limbo não pecaram; se pecaram, arrependeram-se e até adquiriram na vida muitos méritos, virtudes, beleza e inocência. Porém isso não foi suficiente para conseguirem a entrada no reino, pois lhes faltou o principal: o trabalho com as águas espermáticas da existência. São almas que não conheceram o Arcano AZF, o sahaja maithuna, a magia sexual, e se alguém lhes falou a respeito, rechaçaram, crendo que poderiam entrar no reino sem a água do batismo.

Convém esclarecer, de uma vez por todas, que o batismo simboliza de forma clara e específica o trabalho sexual com o ens seminis, dentro do qual se encontra, em estado potencial, todo o ens virtutis do fogo.

A pia batismal, contendo as águas espermáticas do primeiro instante, é o sexo, a Pedra Filosofal dos velhos alquimistas medievais, e sobre a qual devemos edificar o templo interno.

Pedro, o grande Mestre do sexo, disse:

“Por isso também na Escritura se contém: Eis que ponho em Sião a pedra principal da esquina, eleita e preciosa; e quem nela crer não será confundido. E assim para vós, os que credes, é preciosa, mas, para os rebeldes, a pedra que os edificadores reprovaram, essa foi a principal da esquina, e uma pedra de tropeço e rocha de escândalo”.

Quem quer subir, primeiro deve baixar; esta é a lei. Lembrem-se que o sexo é pedra de tropeço e rocha de escândalo.

É urgente baixar à Nona Esfera (o sexo) para trabalhar com a água e o fogo, origem de mundos, animais, homens e Deuses. Toda a autêntica Iniciação Branca começa ali.

A descida à Nona Esfera sempre foi, desde os tempos antigos, a prova máxima para a suprema dignidade do hierofante. Jesus, Hermes, Buda, Maomé, Moisés e o Santo Lama, dentre outros, tiveram que passar por essa terrível prova.

É urgente fabricar os corpos solares na Forja Ardente de Vulcano porque ao banquete do Senhor é proibido participar com trajes lunares, com trajes de mendigo.

À Forja Ardente de Vulcano, à Nona Esfera, baixam Marte para retemperar sua espada e conquistar o coração de Vênus; Hermes, para limpar os estábulos de Áugias com o fogo sagrado, e Perseu, para cortar a cabeça da Medusa.

Dante encontrou no Limbo muitas crianças inocentes, patriarcas e homens ilustres que jamais baixaram à Nona Esfera. Por essa falta, estão condenados, e sua pena consiste em viver com um desejo sem esperança.

No Limbo vivem pessoas de muito valor, cujo único crime foi não terem forjado seus corpos solares. Ali, Dante encontrou poetas famosos, como Homero, o satírico Horácio, Ovídio e o terceiro e último Lucano.

Flutuando no Limbo, Dante chegou ao pé de um nobre castelo, rodeado sete vezes de altas muralhas e defendido por um

riacho que o circundava. Atravessou sete portas antes de chegar a uma pradaria de fresco verdor, onde encontrou austeros personagens de grande autoridade, porém, infelizmente, vestidos com corpos lunares.

No Limbo Dante encontrou Elektra com muitos de seus companheiros, dentre os quais reconheceu Heitor e Enéias.

Encontrou também Camila e Pentésiléia, bem como o bom rei Latino sentado ao lado de sua filha Lavínia.

Viu ainda Bruto, o qual expulsou Tarquino de Roma, e Lucrecia. Viu também Júlia, Márcia, Cornélio e Saladino; este estava só e separado dos demais.

Encontrou também Sócrates e Demétrio, que defendia a ideia do mundo haver surgido do acaso.

Encontrou Diógenes, Anaxágoras, Tales, Empédocles, Heráclito e Zenon. Todos eles muito sábios, porém vestidos com trajes de mendigos, corpos lunares.

Dante encontrou também no Limbo a Dioscórides o observador da qualidade o moralista Sêneca, o geômetra Euclides, Ptolomeu e muitos outros sábios varões da raça lunar.

No Limbo vivem muitos justos varões que trabalharam pela humanidade e que dissolveram o eu, mas que cometeram o erro de não fabricar os seus corpos solares.

Ficamos surpresos ao encontrarmos o Mahatma Gandhi no Limbo, vestido com corpos lunares.

Certa ocasião, depois de ter verificado que o fogo sagrado jamais subira pela espinha dorsal do Mahatma, não vi inconveniente em dizer-lhe:

Tu não estás realizado. Sua resposta foi:

Não tive tempo para isso.

Essa não é uma desculpa justa, foram as minhas palavras finais.

De fato, o Mahatma Gandhi teria conseguido forjar seus corpos solares porque teve uma magnífica esposa. Porém cometeu o erro da abstinência; acreditou que renunciando ao sexo poderia se autorrealizar. Foi um equivocado sincero.

Num templo do Limbo encontrei a Yogananda vestido com corpos lunares. Honradamente, pensava estar autorrealizado. Quando o fiz ver seu erro, quando lhe disse: Tu não estás autorrealizado, ele se encheu de grande assombro e quis iniciar uma discussão; foi necessária a intervenção de um Mestre Superior do Templo para que compreendesse a sua situação.

Jamais me pesará ter advertido o grande yogue, o nobre Yogananda, o qual terá que se reencarnar para casar e trabalhar na Nona Esfera, caso queira criar seus corpos solares para entrar no reino.

No Limbo vivem milhares de santos ermitões, sublimes yogues e nobres místicos que sentiram asco pelo sexo e que creram inocentemente que poderiam entrar no reino com corpos lunares.

O Limbo é a região dos inocentes, dos místicos, dos santos, sábios e penitentes que não conheceram o Grande Arcano, o maithuna ou que o rechaçaram porque, muito honradamente, pensaram que só à base de abstenção sexual, pranayamas, penitências, exercícios de yoga, etc., poderiam se auto-realizar. Por algum motivo, Pedro disse que o sexo é pedra de tropeço e rocha de escândalo.

No Limbo há milhares de escolas pseudo-ocultistas e pseudo-esotéricas que distribuem aos seus afiliados sublimes lições que a ninguém prejudica e que a todos beneficia, mas que infelizmente não servem para a autorrealização íntima porque não ensinam o evangelho de Pedro, o maithuna.

Somente Mercúrio, o Mensageiro dos Deuses, o Arquimago, com seu caduceu alado, símbolo da espinha dorsal em que se enlaçam as duas serpentes chamadas Ida e Pingala,

poderá, através do maithuna, evocar de novo à vida as infelizes almas precipitadas no Limbo.

Do Limbo saiu a alma do primeiro pai e a de Abel, seu filho; saiu também a de Noé, a do legislador Moisés, a do patriarca Abraão, a do rei Davi, a de Israel, com seu pai e seus filhos, e a de Raquel.

Todos eles se reencarnaram para trabalhar na Nona Esfera e fabricar seus corpos solares, conseguindo assim o Segundo Nascimento. Agora, são anjos de indescritível esplendor.

A gente se enche de assombro quando conversa com o anjo Israel; em sua aura solar ressoam harmoniosos os sublimes versículos do Antigo Testamento.

CAPÍTULO 19

MERCÚRIO

Mercúrio, o Mensageiro dos Deuses, está afastado a uma distância representada por 42 vezes o diâmetro de seu genitor, o Sol. Se traçarmos inteligentemente uma tábua de conjunções menores e maiores, de acordo com as quais se poderia esperar com segurança absoluta que a influência planetária aumentasse ou minguasse, veríamos com assombro que Mercúrio e Vênus repetem o seu efeito máximo a cada oito anos.

As órbitas concêntricas dos planetas estão fora de dúvida intimamente relacionadas com a Lei de Bode. Tomando a progressão geométrica 0 3 6 12 24 48 96 192 384 768 e somando 4 a cada número, conseguimos uma série que representa mais ou menos as distâncias entre as órbitas planetárias e o Sol.

Os planetas variam de tamanho entre si crescendo maravilhosamente desde o menor, Mercúrio, que está mais próximo do astro rei, até o maior, Júpiter, que está na metade da distância entre o centro e a circunferência do sistema. Depois, vai diminuindo até o planeta mais externo conhecido, o terrível Plutão que é algo maior que Mercúrio.

Quanto mais remotos os planetas, mais lentas as suas velocidades aparentes, que diminuem desde os cinquenta quilômetros por segundo de Mercúrio, até os cinco do místico e sábio Netuno.

Sob todas as luzes, é claro que esta é uma característica da diminuição dos impulsos enviados pelo Sol àqueles que se adentram cada vez mais profundamente no espaço, aumentando a distância.

O veloz movimento do planeta Mercúrio influi decididamente sobre a glândula tireoide. A órbita de Mercúrio é tão excêntrica, e tão efêmera o seu período, que qualquer ciclo que possa induzir resultaria demasiado errático para um estudo sério.

Mercúrio, como planeta astrológico, é muito mais misterioso que Vênus. Ele é idêntico ao Mitra masdeísta, o Buda, o Gênio ou Deus estabelecido entre o Sol e a Lua, o companheiro perpétuo do Sol da Sabedoria.

Na mitologia grega, Mercúrio ostentava asas para simbolizar que assistia ao Sol-Cristo em seu curso sideral. Foi chamado noutros tempos de Núncio e Lobo do Sol, Solaris Luminis Particeps. Era o chefe e o evocador das almas, o kabir e o hierofante.

Virgílio, o poeta de Mântua e Mestre do florentino Dante, descreve Mercúrio tomando o seu caduceu ou martelo de duas serpentes para evocar de novo à vida as infelizes almas precipitadas no Orco dos clássicos, o Limbo cristão: tum virgam capit, hac animas ille evocat orco, a fim de fazê-las ingressar na milícia celestial.

Mercúrio é o planeta áureo, a quem os hierofantes dos antigos Mistérios proibiam nomear. Ele está simbolizado na mitologia grega pelos famosos lebréus ou cães guardadores do gado celeste que vinha beber nas fontes inefáveis da sabedoria oculta, motivo pelo qual ainda é conhecido como Hermes-Anúbis e, do mesmo modo, como o bom inspirador ou Agathodaemon.

Como ave de Argos, Mercúrio vela sobre a Terra que o toma equivocadamente como o próprio Sol, sendo ambos respectivamente Saramá e Saraméias hinduístas.

Contam as tradições que o imperador Juliano orava todas as noites ao Sol oculto pela intercessão de Mercúrio, pois, como muito sabiamente disse Vóssius, “todos os teólogos asseguram que Mercúrio e o Sol são um; por isso era considerado como o mais eloquente e sábio dos Deuses, o que não é de se estranhar, pois Mercúrio está tão perto da sabedoria e da palavra (Logos) que com ambos foi confundido”.

Na submersa Atlântida, dentro da cripta divina do misterioso Hermes, o planeta Mercúrio resplandecia

gloriosamente sobre a ara sacra sob as cúpulas e tetos do templo de Hércules.

Mercúrio, o Hermes astrológico, é o Deus da Sabedoria, conhecido no Egito, na Síria e na Fenícia como Thoth, Tat, Ad, Adam-Kadmon e Enoch.

Dentro daquela misteriosa mansão do templo de Hércules, envolta em nuvens cinzentas, só se permitia ao neófito ver o planeta Mercúrio flutuando como o espírito supremo sobre as águas genesíacas do primeiro instante.

Nunca podia faltar nessa cripta de Mercúrio o famoso lago iniciático, onde, como toda representação de mistério, as águas pareciam sinistramente negras como o betume.

Aquele lago aparecia diante da vista dos neófitos atlantes como que enquadrado em quatro típicas colinas, tal qual se costuma ver em certos quadros nobiliários. Esse símbolo sexual lembra-nos o relato das Mil e Uma Noites e que leva por título O Príncipe das Quatro Ilhas Negras.

Este príncipe existiu realmente na Atlântida, na misteriosa Olísis, tendo sido filho de um rei iniciado no Jardim das Hespérides, o centro iniciático da boa lei.

Aquele príncipe não pôde ser coroado rei porque, ao ser submetido às provas iniciáticas, não conseguiu resistir às cruéis tentações sexuais de Katebet, a dos tristes destinos.

Adão e Eva saíram do paraíso por haverem comido da fruta proibida, porém as maçãs de ouro ou de Fréya e o licor de Soma ou o bíblico maná, constituem o alimento fundamental para o corpo astral.

Recordemos que o hierograma sexual de Io corresponde às hostes dos Elohim, os pais ou pitris da humanidade.

O ens seminis é o mercúrio da filosofia secreta dentro do qual se encontra todo o ens virtutis do fogo sagrado.

A suástica nórdica contém em si mesma a chave secreta da transmutação sexual; por isso a citada runa é o molinete elétrico dos físicos.

A suástica é um signo alquímico, cosmogônico e antropogônico, sob sete diferentes chaves interpretativas. Ela é o signo da eletricidade transcendente, o alfa e o ômega da força sexual universal, desde o espírito até a matéria; por isso, quem chegar a compreender todo o seu místico significado, ficará livre da grande ilusão ou maya.

AZF são as três iniciais do Grande Arcano. Quem conhece o Grande Arcano pode transmutar as negras águas do mercúrio da filosofia secreta para liberar energia dentro do quaternário lunar humano.

O reino dos céus só pode ser conquistado pela valentia e pela rebeldia.

Nos tempos antigos existiram cinco célebres Templos de Mistérios que nos recordam o templo de Hércules na Atlântida. O primeiro desses templos levava certamente o nome de Hércules. O segundo foi de Marte Galo, o terceiro foi o de Minerva Meliense, quarto, o de Diana de Éfeso e o quinto, o da Ísis do Nilo.

Todo Templo de Mistérios tem três aras sucessivas: a primeira é a da pobreza do aprendiz; a segunda é a da suprema arte alquimista do companheiro; e a terceira, a da morte, sobre a qual triunfa todo Mestre ressurrecto.

Sahaja maithuna ou magia sexual é a ciência de Pedro e esse santo apóstolo dos Mistérios de Jesus tem as chaves do reino.

O nome original de Pedro é Patar; as três consoantes P T R estão gravadas por cinzel e martelo sobre a pedra viva que serve de porta ao reino.

O P recorda-nos os pais ou pitris da humanidade, o T lembra-nos o homem e a mulher unidos sexualmente e o R místico evoca o Rá egípcio, o fogo sagrado.

A pedra sexual, a Pedra Filosofal dos alquimistas medievais, é o poder mágico em todos os países: lembremos a ostrinha esculapiana com que Macaão curou Filoctetes; lembremos as pedras sibilantes, oscilantes e rúnicas; lembremos os terafins, as pedras do raio, as galactitas órficas, etc.

Só o mercúrio da filosofia secreta, só o Mensageiro dos Deuses, pode tirar os inocentes do Limbo mediante o Sahaja Maithuna, a magia sexual.

CAPÍTULO 20

AS GLÂNDULAS SEXUAIS

As glândulas sexuais da mulher são os ovários, os seios e o útero; os testículos, o pênis e a próstata são as do homem. Elas são glândulas generativas, reprodutivas ou endócrinas sexuais, nas quais se encontra a salvação ou a condenação do homem.

Um estudo de fundo sobre as glândulas sexuais demonstra que essas gônadas estão governadas por Urano, o planeta de Aquário, e que são duplas em seu funcionamento, pois não somente têm secreção externa como também interna.

Os cientistas sabem muito bem que os ovários, além de produzirem o óvulo, geram uma substância endócrina maravilhosa, um elixir riquíssimo, que vitaliza a mulher e a torna feminina.

Os testículos têm o mercúrio da filosofia secreta, o ens seminis, como secreção externa, portador do espermatozoide, o qual se acumula na glândula prostática.

A secreção interna da capa dos testículos é a força maravilhosa que dá energia ao varão e que o torna realmente masculino, no sentido mais completo da palavra.

A grande Iniciada do século passado, chamada Helena P. Blavatsky, declara em sua formidável obra intitulada A Doutrina Secreta, que no princípio a vida se reproduzia e se perpetuava por meio de brotos ou rebentos ou por meio de esporos.

As hostes coletivas de Elohim, simbolizadas pelo hierograma sexual de Io, reencarnaram-se nas três primeiras raças para povoar o mundo sem necessidade do intercuro sexual porque naqueles tempos antigos, a humanidade primeiro foi andrógina e depois hermafrodita.

A separação em sexos opostos, com a reprodução por cooperação sexual, transformou o bípede humano em animal intelectual.

A eletricidade transcendental, essa força criadora universal, é o alfa e o ômega, o princípio e o fim de todas as coisas. Através dela podemos nos converter em anjos ou demônios, em Deuses ou animais.

Em nome da verdade, repetimos que jamais cometeríamos o erro de recomendar a abstenção sexual.

Os indivíduos lunares que querem se Autorealizar intimamente, à força de abstenção sexual, a única coisa que conseguem é acumular vibrações venenoskirianas terrivelmente malignas.

Esse tipo fatal de vibrações produz fanatismo extremo e cinismo velhaco. Sujeitos dessa categoria abundam entre os grandes inquisidores, como Tomás de Torquemada e muitos outros.

Através de muitos anos de observação e experiência, pudemos comprovar que as tenebrosas vibrações venenoskirianas têm o poder de despertar o abominável órgão kundartiguador.

Abstenção sexual obrigatória é só para os membros da Fraternidade Oculta, para os Gênios, como Jesus, Hermes, Zoroastro, Buda e, em geral, para todos os Duas-Vezes-Nascidos, os Filhos do Sol, os selecionados da raça solar.

A autorrealização a fundo só é possível para homens e mulheres normais. Entenda-se por homem normal o que tem gônadas masculinas normais e por mulher normal a que tem gônadas femininas normais. Nenhuma semente degenerada pode germinar. Para os homossexuais, masculinos ou femininos, a autorrealização íntima é impossível.

O excessivo número de engravidamentos indica fornicção. O resultado cármico disso é aquela enfermidade

conhecida como osteomalacia ou deformação de ossos brandos, tão comum nos distritos densamente povoados da Europa e da Ásia.

Os engravidamentos frequentes acabam com as reservas de cálcio e, como é natural, os ossos se ressentem.

Diz um refrão popular que cada gravidez custa um molar. Há muitas mulheres que sofrem dos dentes durante a gestação.

A cooperação entre as glândulas endócrinas é maravilhosa. Algumas endócrinas atuam como aceleradoras das glândulas sexuais e outras diminuem referida atuação.

Está completamente provado que a glândula timo detém o apetite sexual. Os cientistas descobriram que a tireoide e a pituitária exercem certas funções muito íntimas relacionadas com a expressão sexual.

A glândula prostática, que é onde se armazena o fluido seminal, o mercúrio da filosofia secreta, está situada na base da bexiga, cujo colo maravilhoso a rodeia na parte inferior.

Os antigos médicos-magos sempre deram à glândula prostática uma importância excepcional, pois desde tempos arcaicos, os hierofantes ou kabires dos sacros colégios iniciáticos consideravam a referida glândula como um dos órgãos mais importantes para o exercício da alta magia.

A glândula prostática exerce uma influência decisiva sobre os fluidos vitais que circulam pelo sistema nervoso.

Através de observações e experiências, muitos médicos comprovaram que, quando a glândula prostática se inflama, a pessoa torna-se irritável, neurastênica e com marcada tendência para o suicídio. Muitas pessoas desse tipo poderiam ser recuperadas e regressarem às atividades normais se lhes tratassem a próstata.

A hipertrofia da próstata, que é muito comum nos anciões, deve-se à hipersecreção do hormônio masculino.

Fundamentalmente, essa hipersecreção é devida a super-excitação dos testículos pelo hormônio gonadotrópico da pituitária.

O abuso sexual origina enfermidades prostáticas e isso já está demonstrado.

De acordo com o ciclo lunar que governa a concepção, os ovários emitem

um óvulo a cada 28 dias, o qual é recolhido nas trompas de Falópio e sabiamente conduzido ao útero, onde se encontra com o espermatozoide ou germe masculino, se é que uma nova vida irá começar.

É assombroso o esforço que fazem os germes masculinos e femininos para se encontrarem.

Nos seios maternos é formado o rico alimento para a criança recém-nascida e nenhum outro alimento pode substituir o leite materno.

As épocas de atividade sexual feminina estão definidas pelos períodos de menstruação. Durante esses ciclos de impulsos passionais, o óvulo vai adquirindo madureza e prepara-se para ser expelido para a sua fecundação. Ao mesmo tempo, certas mudanças surpreendentes, maravilhosas e funcionais vão se efetuando nos órgãos sexuais internos e externos, incluindo os formidáveis micro-laboratórios chamados glândulas mamárias.

O útero é o sagrado claustro materno, o órgão sexual feminino no qual se desenvolve o feto; ele é o vestíbulo do mundo.

A inflamação uterina produz irritabilidade, tristeza e neurastenia.

A biologia descobriu que existe uma aliança muito íntima entre a pituitária posterior e o útero. Se injetarmos algumas gotas do extrato pós-pituitário na circulação, elas causarão inevitavelmente uma intensa contração do útero.

Os cientistas ainda não conseguiram compreender a razão milagrosa da oportuna intervenção da substância endócrina pós-pituitária, a qual chega às células uterinas no momento exato para produzir as contrações rítmicas do parto, tão necessárias para expelir a criança do útero.

A força sexual é a energia criadora do Terceiro Logos sem a qual ninguém consegue se Autorealizar intimamente. Tocar, mesmo dentro do terreno médico, nas questões mais profundas dos terríveis mistérios do sexo, equivale quase como desatar, como fez Ulisses, os couros que lhe dera Éolo, onde estavam encerrados os ventos.

CAPÍTULO 21

O CADUCEU DE MERCÚRIO

A coluna vertebral ou ráquis está harmoniosamente formada pela perfeita superposição de 33 maravilhosas vértebras que formam um precioso estojo para a medula espinhal, situada com precisão absoluta na parte posterior média do tronco. Com inteira clareza distinguem-se nela cinco partes ou regiões: cervical, dorsal, lombar, sacra e coccígea.

Do total de vértebras, pirâmides ou cânones, como se diz em ciência oculta, sete são cervicais, doze dorsais, cinco lombares, cinco sacras e quatro coccígeas.

Os doutores em medicina sabem muito bem que as vértebras cervicais, dorsais e lombares permanecem independentes umas das outras, enquanto que as sacras e coccígeas unem-se com uma eurritmia surpreendente para formarem respectivamente o sacro e o cóccix.

Um estudo cuidadoso da coluna vertebral permite-nos compreender que todas as vértebras têm uma série de características comuns, enquanto que outras de suas características são específicas de cada região.

Uma vértebra em si mesma constitui uma massa óssea ou corpo mais ou menos cilíndrico, que ocupa a parte anterior. Dessa parte, desprendem-se nas regiões laterais de sua face posterior, duas colunas anteroposteriores, chamadas pedículos, as quais põem sabiamente em comunicação o corpo com uma série de saliências magníficas chamadas apófises transversais, apófises articulares, apófises espinhosas e lâminas vertebrais.

Entre estas últimas e o corpo vertebral, fica um amplo orifício que em união com o das outras vértebras, forma um conduto mais ou menos cilíndrico ou conduto vertebral plenamente conhecido pelos homens de ciência.

Dentro desse tubo aloja-se de forma extraordinária e maravilhosa a medula espinhal.

O corpo vertebral é mais ou menos cilíndrico com uma superfície escavada em sentido vertical nas suas faces lateral e anterior, enquanto que a face posterior está ligeiramente escavada transversalmente para constituir o maravilhoso canal raquidiano.

As bases do cilindro ou faces superior e inferior do corpo são horizontais e algo côncavas, pois a sua periferia é claramente mais saliente que o centro; apresentam múltiplos e maravilhosos orifícios para esta última parte, enquanto que a periferia está extraordinariamente constituída por um tecido compacto.

Segundo os yogues da Índia, na coluna vertebral há duas correntes nervosas, chamadas Ida e Pingala, mais um profundo canal, chamado Sushumna, que corre dentro e ao longo da medula espinhal.

Na extremidade inferior desse canal está o que os yogues da Índia chamam de o lótus do Kundalini. Dizem os sábios hindus que dito lótus é triangular.

Dentro do referido lótus ou centro magnético do cóccix encontra-se enrolada essa força solar, eletrônica e sexual chamada Kundalini.

Quando de uma forma verdadeiramente positiva se desperta o fogo eletrônico solar, ele rompe a bolsa membranosa em que está encerrado e penetra pelo orifício inferior da medula espinhal que nas pessoas comuns e normais está hermeticamente fechado; os vapores seminais abrem o orifício para que o fogo solar entre por ali.

À medida que o fogo eletrônico solar eleva-se de grau em grau, ao longo do canal de Sushumna, as sucessivas camadas do espírito vão se abrindo uma após a outra, e o Iniciado adquire todas as diferentes visões e poderes maravilhosos dos santos.

Quando o fogo eletrônico solar chega ao cérebro, a pessoa está completamente desprendida do corpo físico e das percepções sensoriais externas.

Sabemos que a forma da medula espinhal é bastante especial. Se tomamos o símbolo do infinito, o Santo Oito na posição horizontal, veremos nele duas partes que se reúnem no centro.

Imaginem agora um empilhamento de ‘oitos horizontais’ acumulados uns sobre os outros e alinhados pela raiz; isso daria uma configuração da medula espinhal.

A sabedoria antiga ensina que existe um par de cordões nervosos simpáticos que se enroscam na medula espinhal formando o Santo Oito.

Muitos autores pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas supõem equivocadamente que esses cordões partem da região do cóccix.

Sivananda vai mais longe em seu livro Kundalini Yoga; afirma que eles têm origem nos próprios órgãos sexuais.

A raiz desse par de cordões deve ser buscada nos testículos do homem e nos ovários da mulher.

O lado esquerdo é Ida e o lado direito é Pingala. O profundo canal que corre dentro da medula espinhal é Sushumna.

Na mulher, as posições de Ida e Pingala estão invertidas, ficando Ida à direita e Pingala à esquerda.

A Doutrina Secreta ensina aos seus discípulos que Ida é de natureza lunar e que Pingala é solar.

Os yogues hindus afirmam enfaticamente que Ida está intimamente relacionado com a narina esquerda e que Pingala está relacionado com a narina direita.

Como já dissemos e tornamos agora a repetir, esta ordem está invertida na mulher, porém a ordem dos fatores não altera o produto.

O Movimento Gnóstico ensina aos seus discípulos que pelo canal nervoso de Ida sobem os átomos lunares do sistema seminal durante as práticas esotéricas de transmutação sexual, enquanto que por Pingala sobem vitoriosos os átomos solares.

Ida e Pingala são as duas testemunhas do Apocalipse, as duas oliveiras e os dois candeeiros que estão em pé diante do Deus da Terra.

Investigações de fundo permitiram que compreendêssemos que Ida e Pingala terminam na região frontal, entre as sobrancelhas, formando um nó gracioso. Depois, seguem por certos condutos sutis que partem da raiz do nariz através de finíssimos canais ósseos, por onde são estimuladas certas terminações nervosas, as quais, por sua vez, recebem estímulos durante certas práticas esotéricas.

Esses canais, em última síntese, vêm ligar Ida e Pingala com o coração esotérico ou centro magnético maravilhoso, situado na região do tálamo.

O coração esotérico é o centro capital que controla o coração físico. O chacra do coração tranquilo está controlado pelo chacra capital situado no tálamo.

Os sábios esoteristas do Laya Yoga dizem que na região do tálamo está o misterioso canal nervoso chamado amrita nadi, o qual cumpre a missão específica de ligar o coração esotérico com o famoso chacra Anahata, o lótus magnético do coração físico.

Ida e Pingala continuando até o coração através de todo esse misterioso jogo de sutis canais, ligam de fato os órgãos sexuais com o cárdias.

Através da transmutação sexual podemos e devemos levar a energia sexual até o coração.

Posteriores investigações permitiram ainda que compreendêssemos que o amrita nadi tem, entre outras funções, uma muito singular: a de ligar o coração esotérico do tálamo com

o lótus de mil pétalas, situado na glândula pineal, na parte superior do cérebro.

A espinha dorsal é aquela cana semelhante a uma vara de medir de que nos fala o Apocalipse, o Bastão de Brahma, a Vara de Aarão, o Caduceu de Mercúrio com suas duas serpentes enroscadas.

A medula espinhal termina numa espécie de inchaço, o bulbo raquidiano, que não está fixo no cérebro; flutua num ambiente semilíquido, de sorte que, se a cabeça recebe um choque, a força do choque fica amortecida pelo líquido, e o bulbo não sofre dano algum.

A salvação do homem reside exclusivamente na medula e no sêmen. Tudo que não seja por aí é lamentável perda de tempo.

CAPÍTULO 22

TANTRISMO BRANCO

Alguns viajantes esoteristas estudantes de orientalismo, depois de investigar o mundo asiático, chegaram à conclusão de que o tantrismo é a única escola verdadeiramente prática, tanto no Tibete como na Índia.

Na sagrada terra dos Vedas existem muitos ashrams, onde se estuda e pratica yoga, porém os mais sérios são exclusivamente aqueles onde existe o ensinamento tântrico.

O viajante estudioso poderá encontrar nos mercados hindus maravilhosos livros tântricos, tais como o Kama Kalpa e o Kama Sutra, ilustrados com esplêndidas fotografias de certas esculturas e baixos-relevos sagrados dos templos.

Um cuidadoso exame de tais fotografias permitirá que se recolham interessantes informações sobre o Maithuna tântrico, o yoga sexual. O Hatha Yoga tântrico é extraordinário; conduz o esoterista à autorealização íntima, porém o Hatha Yoga sem tantrismo é como um jardim sem água.

A esotérica escola indiana de Laya Yoga, com a sua famosa Laya Kriya Sadhana Tântrica, é, sob todos os aspectos, maravilhosa, e conduz seus neófitos à autorrealização íntima.

A Kriya de Yogananda está incompleta, pois lhe falta a Laya Kriya Sadhana Tântrica do Tibete. Por isso, não serve; não pode conduzir ninguém à autorealização íntima.

Se Yogananda tivesse aceitado o matrimônio, é claro que seu Guru ter-lhe-ia entregue a Kriya completa. No budismo chinês Chan e no Zen japonês, existe tantrismo profundo. É lamentável que muitos orientalistas se contentem com a mera casca exterior do budismo.

O osso medular do budismo esotérico e do taoísmo é o tantrismo, o maithuna, o yoga sexual.

Os tântricos do Tibete secreto e da Índia sagrada praticam yoga sexual positiva: união do lingham-yoni sem ejaculação do ens seminis.

Os gurus tântricos do Tibete e da Índia são muito exigentes. O casal yogue deve previamente fazer-se perito nos exercícios da Laya-Kriya antes de ter direito à sadhana tântrica (posição sexual) especial para a união sexual entre os tântricos.

Francamente, não podemos nem devemos negar que o Kama Kalpa ensina muitas sadhanas tântricas, porém só citaremos agora aquela em que o varão, sentado em padmasana, ao estilo de Buda, ou simplesmente com as pernas cruzadas no estilo oriental, pratica com a yoguina a união sexual.

A Iniciada tem de sentar-se sobre as pernas do yogue e cruzar habilmente as suas de forma que o tronco do yogue fique envolto por elas. A união sexual do lingham-yoni durante a sadhana tântrica exige um intercâmbio prévio de carícias entre o homem e a mulher até que finalmente a mulher absorve o falo.

Esse conúbio tântrico exige quietude e silêncio mentais absolutos para evitar a tenebrosa intervenção do eu pluralizado.

Fortes correntes eletromagnéticas fluem avassaladoramente nos instantes de suprema voluptuosidade, e o casal entra em êxtase ou samadhi.

Um Guru dirige esse trabalho esotérico fazendo fortes passes magnéticos no cóccix do homem e da mulher, cujo propósito é despertar o fogo eletrônico solar, a serpente ígnea de nossos mágicos poderes.

Este é o sistema para a transmutação da energia sexual em ojas (força crística). O casal deverá refrear o impulso sexual e evitar a ejaculação do sêmen.

O coitus interruptus, o impulso sexual refreado, faz a energia sexual do Terceiro Logos retornar para dentro e para cima pelos canais de Ida e Pingala.

O maithuna produz dentro do microcosmo-homem, no cóccix, perto do triveni, um contato extraordinário entre os átomos solares e lunares do sistema seminal.

O advento do fogo é o resultado do contato entre os átomos solares e lunares do sistema seminal.

A sadhana tântrica gnóstica é bem simples: homem e mulher na posição comum e normal durante o ato sexual; o importante é retirar-se antes do espasmo para evitar a ejaculação seminal. I.A.O. é o mantra tântrico por excelência. I recorda-nos ignis, o fogo. A é aqua, a água. O significa origo, a origem, o espírito. As vogais IAO devem ressoar durante a prática do maithuna.

É muito interessante saber que os órgãos sexuais são governados esotericamente por Urano, planeta de Aquário e rei divino da primitiva Atlântida. Isso nos lembra de Ur-Anas, o fogo e a água primordiais, que determinam o primeiro culto luni-solar da androginia Io, ou seja, o surgimento da astroteologia dos caldeus, e por Assura Maya, o primeiro atlante. Por isso, Urano-AssuraMaya é de fato o primeiro revelador dos mistérios sexuais. É necessário descer à Nona Esfera (o sexo) para se trabalhar com o fogo e a água primordiais, origem de mundos, animais, homens e Deuses. Toda a autêntica iniciação branca começa ali.

O advento do fogo é o evento cósmico mais extraordinário; o fogo transforma-nos radicalmente.

É útil recordar o Kaos dos antigos gregos, o fogo sagrado de Zoroastro, o atash-behran dos pársis, o Fogo de Hermes, o Fogo de Helmes dos antigos germânicos (não confundir Hermes com Helmes).

Recordemos o Raio Fulgurante de Cibele, a tocha de Apolo, a chama do altar de Pan, o inextinguível fogo do templo de Acrópolis e de Vesta, a chama de fogo do elmo de Plutão, as chispas brilhantes nos elmos dos Dióscuros, na cabeça das górgonas, no elmo de Palas e no caduceu de Mercúrio.

É útil recordar o famoso Ptah-Rá egípcio, o Zeus-Catebate grego que desce do céu à Terra segundo Pausânias, as línguas de fogo de Pentecostes, a sarça ardente de Moisés, idêntica ao tunal ardente da fundação do México, a coluna de fogo do êxodo, a inextinguível lâmpada de Abraão, o fogo eterno do abismo sem fundo ou pleroma, os vapores fluídicos do oráculo de Delfos, a luz sideral dos rosacruzes, o akasha dos adeptos hindus, a luz astral de Eliphaz Levi, a aura e o fluido dos magnetizadores, o Od de Reichembach, o psychod e a força ectênica de Thury, análogos aos fluidos dos altos estados hipnóticos de Rochas e Ochorowist, os raios de Blondot e de tantos outros, a força psíquica de Sergeant Cox, o magnetismo atmosférico de alguns naturalistas, o galenismo, e, em suma, a eletricidade. Todos eles não passam de nomes diferentes para as manifestações sem número desse misterioso Proteu chamado pelos gregos de Arkhé (Princípio).

A subida do fogo sagrado pelo canal de Sushumna, grau por grau, e muito lenta e difícil; qualquer ejaculação é suficiente para que o fogo desça uma ou mais vértebras espinhais, de acordo com a magnitude da falta. Jesus, o grande kabir, disse: “O discípulo não deve se deixar cair, porque o discípulo que se deixa cair, depois precisa lutar muito para recuperar o perdido”.

O Maithuna, o yoga sexual ou tantrismo gnóstico, só pode e deve ser praticada entre esposo e esposa, em lares legitimamente constituídos.

O tantrismo branco proíbe seus adeptos ou filiados a prática do maithuna com diversas mulheres. O tantrismo branco proíbe às irmãs gnósticas de praticar maithuna com outros varões; só lhes é lícito praticar a magia sexual com seu próprio marido.

CAPÍTULO 23

OS CHAKRAS

Na literatura ocultista existem abundantes dados e referências muito interessantes sobre todos os chacras, igrejas, flores de lótus ou centros magnéticos da espinha dorsal.

Uma análise cuidadosa sobre esta questão dos sete centros magnéticos da espinha dorsal leva-nos à conclusão lógica de que três são particularmente os mais importantes:

Muladhara (base da coluna, osso cóccix)

Sahasrara (o lótus cervical das mil pétalas)

Manipura (o lótus umbilical)

É urgente eliminar de nossas percepções todos os elementos subjetivos. É indispensável perceber espacialmente e de forma autoconsciente tudo o que vemos e imaginamos. É indispensável despertar a consciência.

Tudo aquilo que as multidões humanas percebem, imaginam ou sonham tem existência real no espaço ordinário, chamado mahakasha, ou espaço elemental.

Quando um Iniciado gnóstico observa os sonhos de cada pessoa que circula pelas ruas com a consciência adormecida, quando lê os pensamentos de outros homens ou percebe objetos ultra-sensíveis, pode verificar por si mesmo, que tudo isso existe realmente numa espécie de espaço superior, chamado chittakasha ou espaço mental.

Quando a percepção ficou sem objeto e a alma brilha em sua própria natureza, tem-se o que se chama chidakasha ou espaço do conhecimento.

Quando o fogo eletrônico solar chamado Kundalini entrou em atividade através do maithuna ou magia sexual, quando a serpente ígnea de nossos mágicos poderes é sacudida

de seu torpor, entrando no canal de Sushumna, todas as percepções encontram-se no espaço mental.

É indispensável saber que, quando o fogo eletrônico solar chega à extremidade do canal que se abre no cérebro, a percepção sem objeto está no espaço do conhecimento.

Qualquer pessoa pode enviar uma corrente elétrica ao longo de um fio, porém a natureza não precisa de fio algum para enviar suas formidáveis correntes.

As sensações e movimentos do corpo chegam ao cérebro ou dele emanam através de certas fibras nervosas ou fios condutores.

Os fios de fibras motrizes e fibras sensoriais da medula espinhal são Ida e Pingala dos yogues hindus, as duas testemunhas do Apocalipse, esses maravilhosos canais por onde circulam as correntes aferentes e eferentes.

O espírito pode enviar suas mensagens, suas notícias, suas informações, sem fio condutor algum.

O gnóstico afirma que pode enviar qualquer corrente mental pelo profundo canal de Sushumna sem que nenhuma fibra nervosa faça o papel de fio condutor.

Todo gnóstico aspira tornar-se amo e senhor desse maravilhoso canal de Sushumna. Assenhorear-se desse canal significa de fato empunhar o cetro do poder.

Fazer chegar uma mensagem mental, uma mensagem telepática a outra pessoa, resulta algo fácil quando a corrente vibratória do pensamento é enviada pelo canal de Sushumna.

No homem comum, o homem da rua, o pobre animal intelectual, esse Sushumna está fechado na sua extremidade inferior e nenhuma ação passa por ele.

O gnóstico conhece os exercícios com os quais qualquer pessoa pode abri-lo e fazer passar por ali as correntes nervosas.

Os vapores seminais possuem o poder de abrir o Sushumna; através do maithuna se abre o Sushumna.

Receber as mensagens do espírito de forma direta, através de Sushumna, significa de fato libertar-se de toda escravidão material.

Transmutar a energia sexual em ojas (força crística) só é possível através dos formidáveis poderes mágicos do chacra Muladhara, no cóccix.

Apenas o homem e a mulher castos podem elevar ojas e armazená-la no cérebro. A castidade sempre foi considerada como a mais alta virtude.

Disseram-nos que quanto mais ojas haja no cérebro de um homem, mais inteligente e espiritual ele se torna.

Um fornicário pode usar palavras bonitas e expressar pensamentos belos sem causar nenhuma impressão nos que o escutam. Já um homem casto, ainda que não tenha uma linguagem muito bonita, poderá encantar com suas palavras a um auditório inteiro, já que seus movimentos, gestos, palavras e olhares, conterão o poder de ojas.

Sem os mágicos e maravilhosos poderes do chacra prostático – Swadhisthana - seria impossível alguém conseguir o completo controle das águas da vida.

Sem os formidáveis poderes ígneos do chacra umbilical – Manipura – nenhum mago consegue dominar o fogo dos vulcões.

Sem os extraordinários poderes do centro magnético do coração – chacra Anahata – os gnósticos não podem desdobrar-se à vontade nem pôr seu corpo físico em estado de jinas para voar ou caminhar sobre as águas, atravessar uma montanha de lado a lado ou andar pelo mundo subterrâneo sem receber dano algum.

Sem os misteriosos poderes do verbo contidos no chacra laríngeo – Vishuddha – não existiria o sintetismo conceitual dos

Grandes Iniciados e seria notadamente impossível o desenvolvimento do ouvido mágico dos sábios, a clariaudiência.

Sem os formidáveis poderes esotéricos do famoso chacra frontal – Ajnaningüém consegue desenvolver a clarividência, essa maravilhosa faculdade que nos permite ler os pensamentos alheios como se fosse um livro aberto.

Sem a coroa dos santos, o famoso lótus das mil pétalas, situado na glândula pineal, na parte superior do cérebro, nenhum Iniciado conquista os poderes da polividência e da intuição.

Sabemos por experiência direta que o fogo eletrônico solar tem o poder de abrir essas flores de lótus, esses chacras magnéticos da espinha dorsal.

A escola hindu de Laya Yoga afirma que a medula espinhal é um prolongamento do cérebro. Sobre isso, nada temos a objetar porque assim o é.

Outra coisa é a explicação, um tanto equivocada, que mencionada escola dá sobre os chacras ou centros magnéticos da espinha dorsal; ela os considera exclusividade absoluta do cérebro. Declara que os centros psíquicos estão radicados exclusivamente no cérebro e que por simpatia fisiológica dão a impressão de estarem em certas partes do corpo.

Seja-nos permitido afirmar junto com H. P. B. que os sete chacras espinhais existem realmente nos lugares indicados pela anatomia oculta, mas estão controlados pelos sete chacras capitais do cérebro.

Aceitamos que o centro magnético do coração físico esteja sob o controle do coração esotérico, situado na região do tálamo cerebral. Qualquer chacra espinhal tem seu correspondente chacra capital no cérebro, porém considerar os chacras espinhais como meros reflexos ilusórios dos centros psíquicos cerebrais, é absurdo.

Os sete chacras capitais vibram intensamente em qualquer cérebro carregado de ojas. O termo sânscrito ojas

significa energia sexual transmutada, força de tipo crístico (Ver capítulo 22).

O sêmen é transmutado através do maithuna em sutis vapores seminais, e estes, por sua vez, em energias que se bipolarizam para subir por Ida e Pingala, até o cérebro.

O sêmen deve ser cerebrizado para se converter em ojas. O cérebro deve seminizar-se para se carregar de ojas.

Maithuna, yoga sexual, permite levar o fogo eletrônico solar à região cerebral chamada Kamakala. Nela se encontram os cinco centros, que em seu conjunto constituem o Sahasrara, o lótus das mil pétalas, situado na glândula pineal, o rei dos chacras.

O primeiro desses cinco lótus do Sahasrara é o lótus de doze pétalas, o segundo é o Tribona, o triângulo de fogo. O terceiro é o nadi Bindu. O quarto é o Manipitan e o quinto é o Hamsa.

O triângulo está sabiamente colocado em cima do manipitan, com nada em cima e bindu em baixo. Hamsa é o lugar da alma e está acima dos anteriores.

As cinco Flores do Sahasrara resplandecem gloriosamente com o KUNDALINI.

CAPÍTULO 24

O MAGISTÉRIO DO FOGO

Almas adoráveis que sinceramente estudam esta mensagem de 1967, chegou a hora de compreender a fundo o que é realmente o Magistério do Fogo.

É urgente descer à Nona Esfera, ao poço sombrio, ao próprio fundo do universo, para trabalhar com o fogo e a água, origem de mundos, animais, homens e Deuses. Toda a autêntica Iniciação Branca começa ali.

Venham em auxílio deste capítulo aquelas boas mulheres dos antigos tempos que ajudaram Anfíon a fundar Tebas, para que meu estilo não destoe da natureza do assunto.

Tu que desces ao escuro poço – o sexo; tu que vais trabalhar no Magistério do Fogo, tu que queres empunhar em tua destra o cetro dos reis, a vara de Aarão, o bastão de Brahama, lembre-se a cada instante da advertência dantesca: Cuidado como andas; procura não pisar nas cabeças de nossos infelizes e torturados irmãos.

Lago de vidro líquido, gelado, flexível, maleável, é o íntimo e secreto aspecto do sêmen nas glândulas sexuais dos perdidos.

Na Nona Esfera do inferno, o florentino Dante encontrou as dolorosas e lívidas sombras submersas no gelo até esse misterioso lugar onde estão os órgãos sexuais.

Triste destino tem as pessoas lunares; seu rosto está voltado para baixo, sua boca dá mostras de frio e em seus olhos terrenos congelam-se as lágrimas.

Somente o fogo pode derreter os lagos gelados, onde vivem os perdidos.

O fogo secreto dos alquimistas é o Kundalini, o fogo serpentina, o poder anular que trabalha no corpo do asceta.

Realmente, este é um poder ígneo, elétrico, oculto ou fohático; uma grande força prístina e maravilhosa, surpreendente, que jaz em toda matéria orgânica e inorgânica.

Fora de toda dúvida, é uma força de tipo eletro-espiritual, um poder criador que, quando desperta para a ação, pode facilmente curar ou matar, criar ou destruir. Agora compreenderão o porquê da advertência dantesca a aqueles que têm a ousadia de baixar à Nona Esfera (o sexo).

Com referência a esse fogo vivo e terrivelmente divino, os gnósticos rosacruzês dizem:

“As potencialidades são despertadas na natureza pela ação do fogo secreto, ajudado pelo fogo elemental.

O fogo secreto é invisível e está contido em todas as coisas; é o mais potencial e poderoso fogo com o qual o externo e visível não pode ser comparado.

É o fogo que Moisés usou para queimar o bezerro de ouro e aquele que Jeremias ocultou e que setenta anos mais tarde foi encontrado pelos conhecedores, mas que então já estava transformado em água (2 Macabeus 1:19-20).

Sem a presença desse fogo mágico nenhum processo alquímico será perfeito. É nele que se recomenda buscar, nos secretos símbolos dos rosacruzês, tudo aquilo que os estudantes de alquimia desejam achar”.

A autêntica e legítima Escola Rosacruz não existe no mundo físico. Em nome da verdade, devo afirmar que tenho a alta honra de ser membro do templo Rosacruz de Kummenes, nos mundos internos.

As quatro regras alquímicas são:

1 Domina a natureza animal: Recorda que os animais intelectuais, débeis, covardes e sem Thelema (vontade) fracassam na Grande Obra.

2 Primeiro conhecer, depois agir: Lembra que o real conhecimento só é obtido por meio da meditação profunda.

3 Não use procedimentos comuns: use somente uma vasilha, um fogo e um instrumento. Lembra que isso significa que só é lícito praticar maithuna, yoga sexual, entre esposo e esposa em lares legitimamente constituídos.

Aqueles que utilizarem o maithuna para adulterar, ingressarão na involução submersa dos mundos inferiores.

4 Mantenha o fogo sempre ardendo: Quero que recordes, bom discípulo, que quem ejacula o licor seminal perde o fogo sagrado.

Infeliz do Sansão da Kabala que se deixa adormecer por Dalila. Infeliz do Hércules da ciência que troca o cetro de poder pelo fuso de Ônfale, porque bem cedo sentirá a vingança de Djanira e não restará outro remédio que a fogueira do Monte Eta para escapar dos devoradores tormentos da Túnica de Nesso.

O simbólico escudo de Aracena, Espanha, composto pelo próprio Dom Benito ou por seus antecessores templários, é um magistral compêndio de heráldica que encerra em si mesmo todo o Magistério do Fogo.

Esse magistral compêndio consta realmente de três quartéis separados por algo assim como uma tau templária, formada por um trono horizontal de nuvens ao qual se sobe pelo pau vertical dessa Tau; esta, por sua vez, é formada por uma espada e um bastão simbólicos, unidos por cinco traves ou degraus, onde há coroas de príncipes, coroas mundanas, coroas passionais, coroas vãs, que o aspirante deve calcar com os pés para subir ao trono celeste, sobre o qual apenas se vê, entre nuvens, uma porta hermeticamente fechada (porta caeli) para a qual se dirige, sem dúvida, uma misteriosa mão armada com uma chave guardadora do grande segredo da Iniciação aos Mistérios do Reino, fechados por aquela porta mística.

O quartel da esquerda ostenta maravilhosamente uma torre ameçada semelhante à do escudo cardinalício do bispo de Moya, da qual sai resplandecente uma esplêndida torrente de água viva – o ens seminis.

No quartel da direita, vê-se os Campos Elíseos com a própria Deusa Eva, Vesta, Héstita ou a Terra coroada de flores e frutos sob uma árvore paradisíaca.

Em torno do maravilhoso escudo resplandece gloriosa aquela frase latina:

Hac via itur ad astra. Este é o caminho que nos leva ao céu.

O escudo inteiro é símbolo da tau sexual, cujo travessão horizontal está formado pelas nuvens do Mistério que ocultam o estreito caminho que conduz à verdade, e cujo travessão vertical é uma penosa escada apoiada na espada flamejante e no cetro ou bastão do domínio sobre as paixões.

Cinco coroas principescas que têm de ser pisadas para se subir pela escada lembram que, na ascensão pelos graus esotéricos das cinco Iniciações de Fogo, devemos calcar com os pés toda a grandeza e toda a ambição humana para se chegar, escada acima, à porta fechada (porta caeli), cuja chave mágica só o Mestre pode nos entregar.

À esquerda e à direita desse pau vertical da tau sexual ficam respectivamente o castelo da preciosa guardada, falando ao estilo cavalheiresco, do qual brota a torrente de água viva (o ens seminis) que fecunda o mundo ego sum resurrectio et vita e os Campos Elíseos, onde Ceres, a Mãe Terra, aparece coroada de flores e frutos.

O simbólico escudo de Aracena é cem por cento sexual. Na união do falo com o útero está a chave de todo o poder.

O fogo eletrônico solar tem sete graus de poder. São sete serpentes: dois grupos de três com a sublime coroação da sétima língua de fogo que nos une com o Uno, com a Lei, com o Pai.

Levantar através do maithuna, o yoga sexual, as cinco serpentes fundamentais, é a base, porque as duas serpentes superiores sempre estão levantadas.

Quando observamos cuidadosamente um homem solar, podemos verificar que cada uma de suas sete serpentes está levantada no canal medular do seu respectivo corpo.

A primeira serpente corresponde ao corpo físico; a segunda corresponde ao corpo vital ou linga sarira; a terceira serpente levanta-se vitoriosa pelo canal de sushumma do autêntico e legítimo corpo astral solar; a quarta serpente sobe pelo canal medular do verdadeiro corpo mental solar; e a quinta serpente levanta-se pelo verdadeiro corpo solar da vontade consciente. A sexta e a sétima serpentes correspondem a Buddhi e a Atman, respectivamente.

CAPÍTULO 25

O PRANAYAMA

Um criterioso estudo sobre A Voz do Silêncio, essa magistral obra esotérica de Helena Blavatsky, leva-nos à conclusão lógica que existe sete tremendos portais iniciáticos.

É lógico que o fundamental é chegar à quinta porta porque as duas superiores estão sempre abertas ao guerreiro.

Em vários graus maçônicos faz-se referência a essa simbólica escada esotérica que une a Terra ao Céu, a mesma que o anjo Israel, quando encarnado e atendendo pelo nome profano de Jacó, viu em sonhos.

Muitos creem equivocadamente que o chacra do cóccix, com as suas quatro pétalas maravilhosas, é o primeiro escalão ou o primeiro degrau dessa santa escada.

Muitos supõem que o chacra prostático, esplêndido lótus de seis pétalas, é o segundo escalão da mística escada.

Há quem opine que o chacra umbilical, a luminosa gema de dez pétalas do centro da região lombar, seja o terceiro escalão.

Muitos pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas querem ver no cárdias, com suas famosas doze pétalas, o quarto degrau.

Em tudo isso, há opiniões e opiniões, e alguns creem que o chacra da laringe e suas dezesseis pétalas preciosas seja o quinto degrau.

Há os que estão convencidos erroneamente que o sexto centro, situado na cabeça, entre as sobrancelhas, e que tem duas extraordinárias e resplandecentes pétalas, seja o sexto degrau da mística escada.

Finalmente, não faltam aqueles que ainda creem ser o lótus das mil pétalas, o assento de Shiva, situado na glândula pineal, na parte superior do cérebro, o último degrau da escada de Jacó.

Pode-se dizer, em síntese, que sahasrara, o milupe ou o precioso lótus das mil pétalas, está no vértice da cabeça.

Pode-se afirmar que este é o assento do Espírito Santo, que só espera a sua união luminosa e extraordinária com a Shakti, que é a força sexual ígnea, que em forma de serpente de fogo, dorme enroscada três voltas e meia no mais inferior dos sete centros.

Pode-se dizer que com essa esplêndida união consegue-se a liberação, que é o objetivo da yoga. Porém, outra coisa é analisar, experimentar e compreender as terríveis circunstâncias que envolvem o laboratorium oratorium do Terceiro Logos.

Já dissemos e voltamos a repetir: o fogo sagrado tem sete graus de poder; são sete serpentes, dois grupos de três com a sublime coroação da sétima língua de fogo que nos une com o Uno, com a Lei, com o Pai.

Saibam que as sete serpentes são os sete degraus da escada de Jacó, os sete portais do A Voz do Silêncio.

As duas primeiras serpentes (as do corpo físico e vital) só chegam até o campo magnético da raiz do nariz, depois de terem posto em atividade o lótus das mil pétalas.

As demais cinco serpentes chegam sempre ao cárdias pelo amrita nadi. Ninguém consegue transpor os sete portais iniciáticos de forma instantânea ou simultânea.

Nenhum Iniciado pode saltar ao último degrau de forma imediata; em tudo isso há graus e graus.

Quem quiser levantar a terceira serpente já deve estar com a segunda levantada e ninguém pode levantar a segunda sem antes ter levantado a primeira. É absurdo tentar levantar a quarta víbora sagrada sem antes ter levantado a terceira. É ignorância tentar levantar a quinta serpente sem antes haver levantado a quarta.

Milhares de estudantes pseudo-ocultistas e pseudo-esoteristas cometem o vergonhoso erro de acreditar ser possível

o desenvolvimento revolucionário de Kundalini trabalhando apenas com o sistema de fole. No Limbo vivem muitos yogues que, apesar de terem praticado pranayama intensamente durante sua vida, não conseguiram sequer despertar Kundalini.

Com exercícios respiratórios muitas chispas de fogo sobem pela medula espinhal, porém jamais alguém conseguirá com essas práticas, a subida de uma das sete nobres serpentes de fogo.

Usar as chispas do fogo sagrado, encerrado no chacra do cóccix, para despertar a consciência, é muito recomendável, porém isso não significa o despertar de Kundalini.

Sob todos os aspectos, é bem claro que as narinas estão unidas às gônadas sexuais através de Ida e Pingala; por isso torna-se fácil utilizar certas chispas sagradas através de exercícios respiratórios para despertar a consciência.

Os melhores Iniciados da Laya Yoga, do Zen e do Chan, compreendendo a urgente necessidade de despertar a consciência, combinam inteligentemente a meditação com o pranayama.

Quando uma minúscula fração de energia vital viaja ao longo de uma fibra nervosa, provoca reação em certos centros. A percepção é um sonho ou uma imaginação, porém quando sob o efeito do pranayama combinado com a meditação, uma minúscula fração do fogo sagrado consegue subir pelo canal medular, a reação dos centros é formidável, imensamente superior à reação do sonho ou da imaginação.

Qualquer minúscula fração da reserva de Kundalini é formidável para despertar a consciência; por isso resulta maravilhoso combinar a meditação com os exercícios respiratórios.

A meditação e o pranayama servem para o despertar da consciência, porém não servem para o despertar de Kundalini.

O místico, através da oração e da meditação, consegue a subida de algumas chispas sagradas pelo canal medular, mas isso não quer dizer que despertou o Kundalini.

Qualquer mínima fração do Kundalini pode produzir iluminação durante a oração e a meditação, porém isso não significa o despertar do Kundalini.

Há mantras formidáveis para despertar Kundalini, mas eles só dão resultado quando cantados na Nona Esfera, durante o maithuna ou magia sexual.

Vem-me à memória nestes momentos aquele formidável mantra que me ensinou o anjo Aroch – um anjo de mando: Kandil Bandil R.

Kan deve ser cantado em voz bem alta. Dil se canta em voz baixa. Ban em voz alta, e Dil em voz baixa. O som da letra R entoa-se como o ruído de um motor, porém de forma bem aguda: Rrrrrrrrrrrrrrrrr.

Este é um dos mais poderosos mantras de magia sexual. Todo alquimista gnóstico deve usá-lo durante o maithuna.

Com o pranayama pode-se e deve-se purificar os canais de Ida e Pingala. Com o pranayama pode-se sublimar energias sexuais, porém não serve para o despertar de Kundalini. Este só entra em atividade com o contato sexual dos polos positivo e negativo, masculino e feminino, durante o ato sexual.

Neste mundo há de tudo. Para o cúmulo dos males, há certos néscios que creem que, como dentro de todo ser humano há os dois polos, pode-se, segundo eles, despertar Kundalini sem necessidade do Maithuna. Esses imbecis deveriam brindar às mulheres com a fórmula de conceber filhos sem necessidade de contato sexual. Esses tontos deviam obsequiar, dar de presente aos homens, a chave de gerar filhos sem a participação da mulher.

CAPÍTULO 26

TANTRISMO NEGRO

Entre as neves perpétuas do Tibete milenar, carregado de tantas tradições, há várias escolas de tantrismo negro. Infeliz daquele que se filia a uma delas; mais lhe valeria não ter nascido ou haver atado uma pedra de moinho no pescoço e ter se atirado ao fundo do mar.

O objetivo básico e fundamental dessas escolas tântricas negras é desenvolver o abominável órgão kundartiguador, o rabo de Satã.

A yoga sexual branca ensina que com o contato dos átomos solares e lunares do sistema seminal no triveni, perto do cóccix, desperta-se a serpente ígnea de nossos mágicos poderes para iniciar a sua marcha para dentro e para cima pelo canal medular.

Os yogues negros do clã dos dagdupa não realizam esse contato dos átomos solares e lunares dentro do organismo, mas sempre fora dele.

Os yogues negros (assura samphata) cometem o crime de ejacular o sêmen (shuhra) durante o maithuna para misturá-lo com o raja feminino e assim conseguir o contato dos átomos solares e lunares no próprio yoni da mulher.

Não há dúvida que o mais difícil para esses bonzos e dugpas de turbante vermelho é reabsorver o licor seminal depois de haverem-no derramado.

Nesse processo de reabsorção há uma técnica e uma força de tipo psíquico terrivelmente maligno.

O vahroli mudra combinado com a força mental permite aos bonzos e dugpas de turbante vermelho reabsorver pela uretra o licor seminal derramado.

Durante o ato sexual comum e corrente, o animal intelectual derrama milhões de átomos solares de altíssima voltagem, os quais imediatamente são substituídos por milhões de átomos satânicos do Inimigo Secreto, recolhidos de dentro dos infernos atômicos do homem através do processo de contração dos órgãos sexuais depois do coito.

Quando o sêmen não é derramado, os átomos solares regressam para dentro e para cima, por Ida e Pingala, multiplicando-se extraordinariamente em quantidade e qualidade.

O sêmen reabsorvido pelos tântricos negros através da uretra – extraíndo-o da vagina – converteu-se de fato num espantoso acumulador de átomos satânicos.

Quando esse tipo especial de átomos satânicos tenta subir ao Gólgota do Pai (o cérebro), são lançados violentamente contra o cóccix pelos três alentos akáshicos que trabalham em Ida, Pingala e Sushumna.

Esses átomos seminais malignos precipitam-se por Ida e Pingala lutando violentamente para chegar ao cérebro, porém todo seu esforço é inútil porque os três alentos akáshicos os expulsam de volta contra essa região do cóccix onde está o átomo maligno, o qual tem poder para pôr em atividade o abominável órgão kundartiguador.

Em toda pessoa normal e comum, a serpente ígnea de nossos mágicos poderes permanece encerrada no centro coccígeo, enroscada maravilhosamente três voltas e meia.

Quando a serpente sobe pelo canal medular, converte-nos em anjos, porém quando ela desce do cóccix para os infernos atômicos do homem, converte-nos em demônios lunares terríveis e malignos.

A serpente subindo é Kundalini; baixando, é o abominável órgão kundartiguador.

Subindo pelo canal medular, é a serpente de bronze que curava os israelitas no deserto; baixando, é a serpente tentadora do Éden, a terrível serpente Píton, de sete cabeças, que se arrastava pelo lodo da terra e que Apolo feriu com seus dardos.

O abominável órgão kundartiguador confere aos tântricos negros poderes psíquicos (siddhis) terrivelmente malignos.

O abominável órgão kundartiguador jamais poderia abrir as sete igrejas do Apocalipse, os sete centros vitais da espinha dorsal, porque jamais conseguiria subir pelo canal medular. No entanto, ele põe em atividade as antíteses das sete igrejas, os sete centros malignos ou os sete chacras tenebrosos do baixo ventre.

Os maometanos afirmam que o inferno tem sete portas e que elas existem no baixo ventre; o abominável órgão kundartiguador tem o poder de abrir essas sete portas.

Desenvolver o abominável órgão kundartiguador e pôr em atividade os sete chacras inferiores do baixo ventre equivale, de fato, a converter-se em besta imunda de sete cabeças e dez chifres, sobre a qual se assenta a Grande Rameira, cujo número é 666.

Aqueles que cometem o crime de desenvolver o abominável órgão kundartiguador divorciam-se da trindade espiritual (Atman-Buddhi-Manas) para sempre, e afundam nos mundos inferiores.

Kundalini é uma palavra composta: kunda lembra-nos o abominável órgão kundartiguador e lini é uma palavra atlante que significa fim.

O Fogo de Pentecostes subindo pelo canal medular significa o fim do abominável órgão kundartiguador.

O fogo do Espírito Santo subindo pelo canal medular abre a igreja de Éfeso (o chacra do cóccix), abre a igreja de Esmirna (o chacra prostático), abre a igreja de Pérgamo (o chacra umbilical), abre a igreja de Tiatira (o chacra do coração), abre a

igreja de Sardes (o chacra da laringe), abre a igreja de Filadélfia (o chacra frontal) e abre a igreja de Laodicéia (o lótus das mil pétalas, a coroa dos santos na glândula pineal), terminando com o abominável órgão kundartiguador.

A serpente maldita, o fogo luciférico, a cauda de satã, abre de fato as antíteses das sete igrejas, os centros inferiores do baixo ventre.

O fogo ascendente confere ao Íntimo, ao Espírito, poderes sobre pritvi – o elemento terra – na igreja de Éfeso; poderes sobre apas – água – na igreja de Esmirna; poderes sobre tejas – fogo – na igreja de Pérgamo; poderes sobre vayu - ar – na Igreja de Tiatira; poderes sobre akasha – éter – na de Sardes; poderes sobre a luz com o Olho de Shiva na igreja de Filadélfia e união com o Íntimo na de Laodicéia.

O abominável órgão kundartiguador, o fogo descendente, ainda que confira ao yogue negro certos poderes mágicos (siddhis), intimamente relacionados com os sete chacras inferiores do baixo ventre, converte-o em habitante do mundo subterrâneo, converte-o em escravo dos elementos.

Os adeptos da mão esquerda fundaram no hemisfério ocidental muitas escolas de tantrismo negro; essas organizações tenebrosas ostentam sublimes títulos.

Conhecemos o caso de um grande Iniciado que antes de desencarnar fundou uma escola de tantrismo branco. Infelizmente, cometeu o erro de deixar seu filho, um jovem inexperiente, como diretor geral. Esse ingênuo rapaz, sem verdadeira experiência esotérica, logo se deixou enganar por certos tântricos negros e terminou ensinando publicamente o tantrismo negro.

O resultado foi espantoso: alguns membros da referida irmandade, também inexperientes, aceitaram o ensinamento tântrico negro e converteram-se em demônios terrivelmente malignos.

O sexo é pedra de tropeço ou rocha que faz cair. O sexo é a principal pedra angular, escolhida e preciosa.

Jamais devemos esquecer as palavras de Pedro, o Mestre do maithuna, quando nos previne contra os falsos profetas e falsos mestres, que introduzem disfarçadamente e com inefáveis e sublimes colorações, muitas heresias destrutivas, muito tantrismo negro e práticas perniciosas.

Irmãos gnósticos, segui sempre o caminho reto, o caminho da perfeita castidade, da absoluta santidade e do grande sacrifício por todos os nossos semelhantes.

CAPÍTULO 27

TANTRISMO CINZENTO

Se observarmos cuidadosamente o simbólico Caduceu de Mercúrio, descobriremos com assombro místico que as duas serpentes enroscadas na vara santa formam o Santo Oito.

Ida e Pingala enroscadas na espinha dorsal são realmente o oito perfeito.

Feliz aquele que compreende os profundos mistérios do Santo Oito.

O oito, colocado em forma horizontal, é o símbolo do infinito. O oito tem a imagem de uma clepsidra. Com o oito indica-se a sucessão do tempo em diferentes ciclos, cada um dos quais é, fora de qualquer dúvida, uma consequência do outro.

No Santo Oito está a espiral da vida. Os processos involutivos e evolutivos realizam-se sempre de forma espiral.

O fogo do Flegetonte e a água do Aqueronte entrecruzam-se na Nona Esfera formando o símbolo do infinito.

Essa dupla corrente, com a qual se deve trabalhar na Grande Obra para se conseguir a autorrealização íntima, está sabiamente representada pelo misterioso oito de Basílio Valentin. Trata-se de uma variação do caduceu simbolizando naturalmente o mercúrio da filosofia secreta, ao qual se unem de forma extraordinária as maravilhosas propriedades do enxofre e a fecundidade produtora do sal. Assim realiza-se o místico conúbio de dois luminares em três mundos.

O mundo e o supramundo enlaçam-se maravilhosamente com o Santo Oito. O submundo e o mundo enlaçam-se com o Santo Oito.

O círculo superior do Santo Oito é uma viva representação do cérebro humano. O círculo inferior esconde-se

no mistério para simbolizar o Vaso de Hermes, dentro do qual está o mercúrio da filosofia secreta, o ens seminis.

Foi-nos sabiamente dito que o templo-coração encontra-se no ponto exato onde o fogo do Flagetonte e a água do Aqueronte se cruzam para formar o símbolo do infinito.

A luta é terrível: cérebro contra sexo, sexo contra cérebro, mas o mais terrível é aquilo de coração contra coração; tu o sabes.

No interior do globo planetário, no nono círculo, todo esoterista encontra

o símbolo do infinito, no qual estão representados o cérebro, o coração e o sexo do Gênio da Terra.

Sobre esta base arquetípica do Santo Oito estão organizados os corpos de todas as criaturas que vivem na Terra, desde o mais insignificante micróbio até o homem.

Com o Santo Oito, com o símbolo sagrado do infinito, estão intimamente relacionados os oito kabires, esses poderosos Deuses semíticos, inefáveis e terrivelmente divinos, adorados mais tarde pelos gregos e romanos, cujo santuário principal estava situado na Samotrácia.

Os oito kabires são os filhos de Hefesto ou Vulcano e de uma adorável filha de Proteu. Nasceram do fogo sagrado que se manifesta nas terríveis profundezas da Terra por sua ação forjadora nesse Proteu, nessa substância universal, disposta, como é natural, a tomar qualquer forma.

São, pois, esses oito kabires as inteligências fundamentais desta natureza, os extraordinários regentes dos grandes mistérios da vida e da morte.

Segundo uma antiquíssima tradição esotérica, um desses kabires foi assassinado por seus próprios irmãos, porém, mais tarde, ressuscitou com a ajuda de Hermes.

Isso nos faz recordar a morte e a ressurreição simbólicas de Hiram, de Osíris e de Jesus, que devem ser compreendidas a fundo pelos MM.

O Santo Oito é, pois, a base e o fundamento vivo da Grande Obra. Se alguém violar as regras e os princípios científicos contidos no símbolo do infinito, fracassará completamente na Grande Obra.

Quem quiser trabalhar com êxito no Magistério do Fogo, não deve jamais derramar o Vaso de Hermes (nunca deve ejacular o sêmen) para não fracassar na Grande Obra.

A dupla corrente, de fogo e água, deve cruzar exatamente na Nona Esfera para formar o símbolo do infinito.

Se o alquimista perde a água, quer dizer, se comete o erro de ejacular o sêmen, o cruzamento das duas correntes torna-se impossível.

Na cruenta luta do cérebro contra o sexo e do sexo contra o cérebro, muitas vezes o cérebro costuma fracassar.

As batalhas íntimas do coração costumam conduzir os alquimistas à derrota final.

Uma fábula grega traz-nos o relato de Sísifo, aquele colosso que, levando sobre as costas uma grande pedra, tenta uma e outra vez chegar ao cume da montanha. No entanto, sempre que está prestes a atingir a anelada meta, fracassa no seu intento, caindo a pedra no fundo do precipício.

Quem às vezes derrama o Vaso de Hermes e às vezes não, mas depois torna a derramá-lo, viola as leis dos oito kabires e converte-se em um tântrico cinza.

Para tudo existe evasivas e falsas justificativas neste mundo de Samsara.

O tantrismo cinza também tem seus partidários e sua doutrina.

Qualquer viajante esoterista que se proponha a fazer investigações de fundo nas escolas secretas do continente asiático poderá verificar, por si mesmo, a crua e dolorosa realidade do tantrismo cinzento.

Tantrismo existe em toda a Ásia e abunda em diversas escolas do Theravada (Hinayana), Mahayana, Chan, Zen, budismo tântrico, etc.

Os animais intelectuais sempre encontram evasivas e justificativas falsas para todas as suas debilidades. Portanto, não deve nos surpreender que em escolas tão enaltecidas e dignificantes, como o zen, o budismo tântrico e outras, seja encontrado, por estes tempos, muito lastro de tantrismo cinza.

É lamentável que alguns desorientados instrutores dessas escolas orientais ofereçam valiosas técnicas e práticas de yoga sexual sem compreender o aspecto fundamental do tantrismo: a urgente necessidade de jamais na vida se cometer o crime de derramar o sêmen.

Isso de prolongar o coito com o único objetivo de gozar o prazer animal sem dar importância alguma à questão da ejaculação seminal é, fora de qualquer dúvida, tantrismo cinza que facilmente pode degenerar em tantrismo negro.

Felizmente, há muito tantrismo branco no taoísmo, no tantrismo hindu e tibetano, no Zen puro e no Chan original.

Na velha Europa existiram algumas seitas de origem persa, como a dos famosos maniqueus, que praticavam tantrismo branco ou coitus interruptus e que o chamavam de karezza, palavra de origem persa.

Os cavaleiros medievais no Donoi também praticaram magia sexual branca.

Os alquimistas que trabalham de acordo com todos os princípios e leis do

Santo Oito auto-realizam-se a fundo e convertem-se em hierofantes.

Todo o esoterista autêntico sabe muito bem que o símbolo do infinito é igual à pentalfa, a famosa estrela de cinco pontas.

Os esoteristas sabem muito bem que os oito kabires estão intimamente relacionados com os oito ventos:

1. Bóreas: o vento norte; considerado como raptor de jovens.
2. Noto ou Austro: vento sul; arrastava as tempestades e as nuvens.
3. Zéfiro: vento do ocidente; venerado como o Deus da primavera.
4. Euro ou Volturno: ora seco, ora úmido; venerado no inverno.
5. Kaécias: famoso vento do nordeste.
6. Apeliotes: vento do sudeste.
7. Lips: vento do sudoeste.
8. Skiron: vento do noroeste.

O trabalho com a Pedra Filosofal, as oito etapas da yoga, são exclusivamente para aqueles que respeitam os princípios e as leis do Santo Oito; jamais para os sequazes do tantrismo negro ou cinza.

CAPÍTULO 28

ABSTENÇÃO SEXUAL

As investigações esotéricas realizadas em corpo astral me permitiram verificar que as pessoas que renunciam ao sexo, sem antes ter trabalhado no Magistério do Fogo, sem antes ter conseguido o Segundo Nascimento, carregam-se de vibrações venenoskirianas terrivelmente malignas.

É necessário saber, com urgência máxima, que esse tipo especial de vibrações perniciosas, depois de saturar totalmente os corpos lunares, têm o poder de despertar o abominável órgão kundartiguador.

Qualquer pessoa abstêmia, já intoxicada com as perversas vibrações venenoskirianas, caracteriza-se pelo dualismo fatal: cinismo esperto e fanatismo extremo, em alto grau.

Nos mundos inferiores vivem muitos ascetas equivocados, muitos abstêmios que renunciaram ao sexo sem antes ter criado os corpos solares na Nona Esfera, sem ter conseguido o Segundo Nascimento.

O caminho que conduz ao Abismo está pavimentado de boas intenções. O Averno está cheio de equivocados sinceros.

Neste doloroso mundo em que vivemos, existem muitos pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas adormecidos, que sonham haver despertado, sem compreender que o sonho da consciência ainda os mantêm em suas garras, e que no seu interior existem sombras vingativas que os assediam.

Essas pobres pessoas presumem-se de iluminadas, e renunciam ao sexo sem antes haver trabalhado na Nona Esfera, sem antes ter conseguido o Segundo Nascimento, do qual Jesus falou a Nicodemos.

O resultado de semelhante abstenção absurda é sempre a fatalidade. Essa gente tem a consciência adormecida; se a tivesse

despertada, poderia comprovar por experiência direta a tremenda atividade das malignas vibrações venenoskirianas em seus corpos lunares. Por fim, veriam, com terror indizível, o espantoso desenvolvimento do abominável órgão kundartiguador em sua natureza animal submersa.

Os equivocados sinceros não querem compreender que quem quer subir primeiro precisa descer.

O orgulho místico é uma característica do fariseu interno. Aqueles que se presumem de Iniciados, de santos e de sábios, sem terem antes fabricado seus corpos solares, sem jamais terem trabalhado na Nona Esfera, sem terem previamente chegado ao Segundo Nascimento, terminam renunciando ao sexo e desenvolvendo o abominável órgão kundartiguador.

É bastante difícil tirar os equivocados sinceros desse erro, pois se sentem supertranscendidos; presumem-se de Deuses, quando sequer colocaram o pé no primeiro degrau da escada santa.

Certos tipos infra-sexuais de Lilith maldizem o Terceiro Logos, odeiam mortalmente o sexo e não vêem inconveniente algum em aplicar-lhe os mais infames qualificativos.

Os infra-sexuais odeiam o fato de os gnósticos darem especial preferência ao sexo.

Todo o infra-sexual se presume de sábio. Como é natural, olha com um certo desprezo as pessoas de sexo normal, qualificando-as de gente inferior, de gente equivocada, etc.

O Grande Arcano, que os infra-sexuais tanto odeiam, encontra-se bem oculto nas colunas J e B da maçonaria.

O estudo do novenário sagrado conclui sempre com a pedra cúbica, a qual, em suas nove faces maravilhosas, reúne em si mesma toda a esplêndida perfeição do cubo e a equilibrada elevação da pirâmide de base quadrangular.

Abrindo-se inteligentemente a sagrada Pedra Filosofal e estendendo-se as suas maravilhosas e esplêndidas faces, veremos

com assombro místico outra vez o sagrado símbolo da santa cruz, como expressão perfeita do Magistério do Fogo, pela união de duas cruzes, uma formada pelos cinco quadrados que constituem as faces inferiores da pedra, e a outra, pelos quatro triângulos de seu vértice.

Todo verdadeiro Iniciado sabe muito bem que a primeira cruz, de tipo quadrangular, simboliza a natureza com seus quatro elementos, que se desenvolvem como cristalizações do akasha, mulaprakriti ou ens seminis universal.

A segunda cruz, assim nos foi dito, formada pelos quatro ternários ou esplêndidos triângulos esotéricos, que emanam de um ponto ou centro original, é a cruz esotérica, expressão viva do Logos triuno crucificado na matéria.

Nessa pedra viva do templo, colocada entre as colunas de Adam-Kadmonnec plus ultra – está a chave da autorrealização íntima.

A Pedra Filosofal é o sexo. Esta é a pedra cúbica de Jesod. Resulta estúpido querer se converter em coluna do templo do Deus vivo sem antes ter cinzelado a pedra bruta.

Em outras palavras, ninguém pode chegar à Maestria, ao Adeptado, sem ter trabalhado na Nona Esfera.

A pedra cúbica tem nove faces, nove vértices e dezesseis arestas. A pedra cúbica nos indica, está a nos dizer que toda a elevação requer uma prévia humilhação; primeiro, é preciso baixar aos mundos inferiores, ao nono círculo, sob a superfície da Terra, para então adquirir direito de subir ao Céu.

Impossível entrar no reino quando se violam as leis da pedra cúbica de Jesod. Aqueles que renunciam ao sexo sem antes ter conseguido o Segundo Nascimento, violam as leis da pedra santa.

Aqueles inocentes que vivem do outro lado do mau rio, aqueles místicos sublimes, aqueles sábios veneráveis, aqueles nobres patriarcas que moram no Limbo, culpados do delito de

haverem renunciado ao sexo sem antes ter fabricado os corpos solares, foram os que conseguiram escapar das vibrações venenoskiriana defendendo-se com o escudo protetor da santidade.

É estúpido renunciar ao sexo sem antes ter conseguido o Segundo Nascimento; absurdo violar as leis da pedra santa.

Os inocentes do Limbo precisam se reincorporar para trabalhar na Nona Esfera e conseguir o Segundo Nascimento; só assim poderão entrar no reino.

CAPÍTULO 29

LEIS SOLARES E LEIS LUNARES

As inquietações científicas por estes tempos de crise mundial são formidáveis. Morrison e Cocconi, eminentes físicos norte-americanos, pensam que em alguma parte da Via Láctea talvez existam sociedades científicas de homens extraterrestres imensamente superiores a nós.

Crêem os citados físicos ser bem possível que esses extraterrestres queiram se comunicar conosco, e até descobriram que, as referidas corporações cósmicas, emitem ondas em nossa direção, numa frequência de 1.420 megaciclos por segundo.

A teoria da pluralidade dos mundos habitados já começa a ser compreendida pelos homens de ciência. Um argumento, entre outros, a favor dessa teoria, é que certas estrelas têm, como o Sol, débeis velocidades angulares.

Todo cientista pode verificar, através da observação e da experiência, que o pequeno movimento angular de qualquer Sol acusa, indica e assinala a existência de um sistema planetário.

Os cientistas já começam a compreender que entre esses milhões de mundos da nossa galáxia, alguns podem se encontrar numa situação semelhante à da Terra em relação a sua estrela. É absurdo descartar a possibilidade de que alguns tenham civilizações imensamente mais desenvolvidas que a nossa. Dizem os sábios que essa possibilidade pode e deve ser examinada com muita atenção.

Certas notícias dizem que o famoso cientista Drake tem a intenção de estudar seriamente a interessantíssima zona de Ceti e Eridiano. Essas duas estrelas encontram-se a 11,4 anos-luz, e são as mais próximas, depois de Centauro.

Da formidável lista de astros mais próximos, inteligentemente elaborada por Morrison e Cocconi, é claro que

Ceti e Eridiano, assim como a famosa Indi, são realmente as mais interessantes, depois da eliminação das estrelas duplas.

Pôde-se verificar que, em razão das marcadas perturbações de suas órbitas, os planetas das estrelas duplas não possuem climas uniformes durante longos períodos geológicos.

Nós dizemos que há muitas sociedades galácticas que sabem do momento crítico que vivemos, e querem, desejam, nos ajudar.

Sírio é o Sol dos sóis da Via Láctea. É uma estrela dupla. O irmão gêmeo de Sírio é um mundo negro de terrível e espantosa densidade.

A influência vibratória da estrela dupla Sírio é muito estranha. É uma vibração supra-solar e infra-lunar.

Por simples dedução lógica, podemos dizer que a dupla radiação de Sírio influi decididamente sobre todos os supra-céus e sobre todos os infra-infernos da Via Láctea.

Ainda que seja certo que Sírio é o grande Sol da Via Láctea, também não é menos certo que o seu tenebroso irmão gêmeo tem uma densidade muito mais assombrosa do que qualquer outra que possa ser concebida no interior da lua mais morta.

A dupla estrela Sírio compõe-se de um imenso Sol radiante, 26 vezes mais brilhante que o nosso, com uma trajetória circular periódica de 50 anos ao redor de uma anã branca do tamanho de Júpiter, cinco mil vezes mais densa que o chumbo.

Foi-nos dito que a Via Láctea gravita ao redor da estrela dupla Sírio. Essa estrela dupla parece encher, de alguma forma, a excessiva brecha que há entre os cosmos do sistema solar e a Via Láctea.

A estrela dupla Sírio indica uma intensa atividade solar e lunar em nossa galáxia.

A estrela dupla Sírio influi decididamente sobre nós, aqui e agora.

Libertar-se da influência lunar é algo espantosamente difícil, mas indispensável para conseguir a liberação.

A influência lunar é dupla no mundo em que vivemos porque a Terra tem duas luas. Diante dos telescópios, a segunda lua é vista negra e do tamanho de uma lentilha.

Os ocultistas deram à lua negra o nome de Lilith. Esse segundo satélite lunar é um mundo terrivelmente maligno, uma espécie de oitava esfera submersa.

As sinistras vibrações que vêm da lua negra produzem na Terra monstrosidades, abominações, crimes espantosos e cheios de repugnante sadismo, luxúria inconcebível, homossexualismo em grande escala, masturbação, pederastia, abortos provocados, etc.

Entre os produtos mais abomináveis de Lilith, é oportuno citar o conde Drácula na Rússia. Esse personagem de cinema existiu realmente, e foi citado por Helena P. Blavatsky em uma de suas obras.

Diz a grande Mestra que o referido conde foi, no tempo dos czares, prefeito de certa povoação russa. Ele odiava mortalmente sua mulher, já que os vampiros são homossexuais e detestam mortalmente o sexo oposto.

Depois de morto, o conde Drácula voltou a se apresentar na casa da viúva para açoitá-la com violência. Inutilmente certos sacerdotes católicos tentaram impedir-lhe a passagem. O conde Drácula os atropelou com a sua carruagem na ponte que ficava perto do cemitério, justamente à meia-noite.

Quando abriram a negra e espantosa sepultura do conde Drácula, encontraram seu cadáver vivo e muito bem conservado, submerso em sangue humano, já que os vampiros se alimentam de sangue.

Conta a grande Mestra H. P. Blavatsky que os pés do sinistro cadáver estavam cheios de lodo, o que demonstrava cabalmente que à meia-noite ele escapava da sepultura.

O caso do conde Drácula terminou quando os sacerdotes cravaram-lhe uma estaca no coração.

Na Palestina existe uma ordem de vampiros que se esconde atrás do seguinte título: Ordem dos Imortais Guardiões do Santo Sepulcro.

Os vampiros são o resultado do homossexualismo combinado com o tantrismo entre pessoas do mesmo sexo: Abominação espantosa, monstruosidade...

A dupla influência lunar no mundo em que vivemos é terrivelmente mecânica. Precisamos urgentemente nos alimentar com as Maças de Ouro ou Maças de Fréya e com o licor soma ou o bíblico maná para fabricarmos os corpos solares e nos libertarmos das leis lunares.

Foi-nos dito que nosso sol físico, como demonstram as cronologias bramânicas, gira em torno de um sol infinitamente maior ou mais luminoso; tão luminoso que se torna invisível aos olhos terrenos, mas que é citado em antigas teogonias com rigor matemático.

Mas não existe unicamente esse Sol Equatorial ou Astral, desconhecido centro do qual nosso sol é tão só mero planeta. Além desses dois, existem, nos Mundos Superiores ou nas hiperdimensões espaciais, outros sóis, ainda mais elevados, aos quais os calendários tamis – como Tiruchanga e Panchanga – denominam respectivamente de Sol Polar (ou Centro Galáctico) de nossa Nebulosa de cem mil sóis e Sol Central (o centro dos centros) que enlaça e unifica várias nebulosas com bilhões de sóis.

Diante dos olhos do místico resplandece abrasadoramente o Sol Astral ou Sol Equatorial, localizado nessa

constelação que conhecemos como Plêiades ou Sete Irmãs da constelação de Touro.

Sírio, com toda a sua magnificência, centro de gravitação da Via Láctea, tem de orbitar em torno do Sol Polar.

A ordem cósmica seria impossível sem o Sol Central. A variedade é unidade. O Sol Central unifica, governa e estabelece a unidade dentro da variedade infinita.

CAPÍTULO 30

O CORPO ASTRAL

Muito foi escrito na literatura ocultista sobre o interessante tema do desdobramento astral.

Resulta oportuno citar aqui os indesejáveis fenômenos hipnóticos de Laurent através dos quais o famoso coronel Rochas conseguiu, em 10 de julho de 1894, com lamentável imprudência de experimentador, desses que desprezam o clássico *ars magna, vita brevis, experimentum periculosum*, os estados hipnóticos separados entre si por outras tantas letargias que podem ser resumidas, assim como o sabem muito bem as pessoas que se dedicam a todas estas, aos três típicos estados hipnóticos conhecidos como letargia, catalepsia e sonambulismo.

O coronel Rochas acrescentou outros, cada vez mais e mais profundos, até chegar ao número treze. Esses estados estavam separados entre si por sucessivas letargias, nas quais o paciente parecia dormir mais e mais para em seguida despertar em novos estados, cada vez mais afastados do estado de vigília.

No estado número 5, um fantasma azul apareceu pelo lado esquerdo das costas do hipnotizado e no número 6 surgiu, por sua vez, outro fantasma, agora vermelho. Ao chegar ao sétimo estado, ambos os fantasmas reuniram-se num único e se compenetraram em bandas irregulares branco-violáceas no 8º estado. No 9º estado hipnótico, o duplo astral, agora integrado, começou a adquirir uma relativa liberdade de movimento, ainda que sem romper o cordão de prata que o ligava ao corpo físico; a ruptura desse cordão acarretaria a morte.

No estado hipnótico número 11, segundo o dizer do próprio coronel Rochas, o duplo astral propendeu a se emancipar, a se soltar totalmente de suas amarras, enquanto que certas repugnantes formas ou eus-diabos mexeram-se viscosamente dentro e fora daquele duplo, produzindo no paciente terríveis movimentos convulsivos.

Ao chegar a esta parte do presente capítulo, convém esclarecer que foi o coronel Rochas quem deu a esses eusdemônios o qualificativo de ‘repugnantes larvas’.

Vendo-se assaltado por tais criaturas, cada vez em maior número, o infeliz paciente hipnotizado sentiu perder suas forças vitais pedindo angustiosamente que o despertassem, que o livrassem de semelhante pesadelo; este foi o estado número 12.

O estado número 13 é definitivo. O paciente hipnotizado rompeu completamente as amarras físicas e viajou livremente nas dimensões superiores do espaço.

Sob todas as luzes, torna-se fácil compreender que todas essas experiências hipnóticas são no fundo criminosas. O hipnotizador, nesses casos, é semelhante ao impiedoso vivisseccionista que, com seu pouquinho de inteligência, presumindo-se de sábio, tortura os pobres animais para descobrir os enigmas da natureza. Só que neste caso concreto, a cobaia é o infeliz paciente hipnotizado.

O Movimento Gnóstico Cristão Universal ensina sistemas práticos e efetivos para sair do corpo físico à vontade e viajar conscientemente no duplo astral sem a necessidade de transe hipnóticos daninhos e prejudiciais.

A sábia lei da analogia dos contrários convida-nos a compreender que, assim como existem 13 estados subjetivos negativos, durante um desdobramento hipnótico, também existem 13 estados objetivos positivos durante um desdobramento são e natural.

Antes de tudo, compreendam que para alguém aprender a viajar conscientemente no duplo astral, primeiro terá que despertar sua consciência (ver capítulo 11).

Quando a consciência desperta, o desdobramento já não é problema. As sagradas escrituras insistem na necessidade de despertar, mas as pessoas continuam com a consciência adormecida.

Chegou a hora de compreender que o duplo, registrado em chapas fotográficas e analisado pelo coronel Rochas, não é de fato o corpo astral. O duplo foi, é e será sempre de natureza molecular, lunar, protoplasmática.

O corpo astral é um corpo de natureza solar e eletrônica. Ele nada tem de vago, vaporoso e subjetivo. Ele é um corpo de carne e osso, carne que não vem de Adão, carne do Paraíso.

Os seres humanos comuns, salvo algumas raríssimas exceções, nascem sempre com o famoso duplo lunar, e jamais com o corpo astral solar.

O pobre animal intelectual possui corpo molecular, corpo de desejos, duplo lunar; ele não tem corpo astral solar, porém deve fabricá-lo.

Os animais intelectuais vivem dentro ou fora do corpo físico, durante o sono ou depois da morte, vestidos com o duplo molecular. Os pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas costumam chamar o referido corpo molecular de corpo astral, porém ele não é o corpo astral.

As chamadas ‘viagens fora do corpo’ são feitas sempre com o duplo lunar. Este, depois de se soltar das amarras físicas, pode viajar livremente por toda a Via Láctea sem perigo algum.

Qualquer monge pode desenvolver o centro emocional superior e eliminar da sua natureza inferior os baixos desejos e paixões animais, se realmente se propuser a isso, o que, porém, não significa fabricar o corpo astral.

Isso de fabricar corpo astral foi, é e será sempre um problema absolutamente sexual.

Existe uma máxima ocultista que diz: Assim como é em cima é em baixo.

Se para gerar um corpo físico precisa-se da união do falo e do útero, para se gerar o corpo astral solar – e isto é uma conclusão lógica – é preciso igualmente o ato sexual.

Dentro desse complicado e difícil labirinto do pseudo-esoterismo e do pseudo-ocultismo, não poderia faltar, de vez em quando, algum infra-sexual degenerado dizendo e espalhando por aí que, como temos dentro de nós os dois polos – masculino e feminino – podemos fabricar o corpo astral sem necessidade do ato sexual.

Esses imbecis não querem compreender que o tempo dos hermafroditas lemurianos já passou, e que só o autêntico hermafrodita pode realizar uma criação sem precisar da cooperação sexual, sem precisar do ato sexual entre um homem e uma mulher.

O hermafrodita lemuriano tinha em si, completamente desenvolvidos, o falo e o útero; tinha os órgãos do macho e da fêmea; por isso podia criar e reproduzir-se sem necessidade de ato sexual. Porém, todos esses pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas, que odeiam a magia sexual, jamais mostraram que têm os órgãos do macho e da fêmea totalmente desenvolvidos.

O que mais existe por aí, como erva daninha, nesta civilização perversa e corrompida, são os falsos hermafroditas, os homossexuais de Lilith, os maricões.

O hidrogênio sexual desenvolve-se dentro do organismo humano de acordo com a escala musical DÓ RÉ MI FÁ SOL LÁ SI.

O hidrogênio sexual SI-12 está no sêmen; cristaliza-se em novos corpos humanos e, sabiamente transmutado, toma forma no corpo astral.

Refreando-se o impulso sexual, para evitar a ejaculação do sêmen, o hidrogênio sexual SI-12 recebe um choque especial, que o leva a uma segunda oitava superior, a qual se processa de acordo com as sete notas da escala DÓ RÉ MI FÁ SOL LÁ SI.

Nenhum ocultista deve ignorar que a transformação das substâncias, dentro do organismo, processa-se de acordo com a lei das oitavas.

A união do SI-12 macho e fêmea e tudo o que acompanha essas duas unidades permite-nos levar o hidrogênio sexual a uma segunda oitava superior, cujo resultado vem a ser a cristalização do mencionado hidrogênio na maravilhosa forma do corpo astral.

Dito corpo de perfeição nasce do mesmo material, da mesma substância, da mesma matéria, da qual nasce o corpo físico. Justamente essa é a transmutação do chumbo em ouro, a transmutação do corpo físico em corpo astral.

Todo organismo necessita de alimento, e o corpo astral não é exceção. O alimento desse corpo de ouro é o hidrogênio 24.

CAPÍTULO 31

O CORPO MENTAL

Emanuel Kant, o grande filósofo alemão, demonstrou em sua obra intitulada *Crítica da Razão Pura* a possibilidade de uma lógica transcendental.

Muitos séculos antes de Bacon e de Aristóteles, nas sagradas escrituras hindus, foram entregues à humanidade as fórmulas de uma lógica superior, transcendental, que por si mesmas têm o poder de abrir as formidáveis portas do mistério.

A filosofia esotérica jamais acreditou na infalibilidade e onipotência totalitária da lógica aristotélica.

É necessário e urgente compreender que a lógica superior existiu antes que os métodos indutivo e dedutivo fossem formulados.

A lógica transcendental é a lógica da intuição, a lógica do infinito, a lógica do êxtase.

O investigador esoterista poderá encontrar essa lógica superior nos trabalhos de Plotino, naquele precioso estudo que trata da *Beleza Inteligível*.

Ouspensky diz: “Chamei este sistema de lógica superior de *Tertium Organum* porque para nós é o terceiro cânone, o terceiro instrumento do pensamento, depois dos de Aristóteles e Bacon. O primeiro foi o *Organum*, o segundo o *Novo Organum*, mas o terceiro já existia antes do primeiro”.

Resulta claro compreender que o homem, com esta chave da mente em seu poder, pode e deve abrir a porta maravilhosa do mundo das causas cósmicas, sem temor algum.

Pudemos evidenciar, através de muitos anos de observação e experiência, que o êxtase autêntico processa-se dentro de leis matemáticas e lógicas.

Em primeiro lugar, recordemos isso que se chama acertadamente ‘Unidade da Experiência Mística’. Durante o estado de ‘arrebato sagrado’, todos os místicos sentem concretamente algo em comum, com laços inconfundíveis de idêntico caráter.

Em segundo lugar, consideremos o interessantíssimo caso da linguagem mística. Mediante um judicioso estudo comparativo das religiões, pudemos verificar que os místicos de várias idades falam a mesma linguagem esotérica e usam as mesmas palavras. A tremenda realidade da experiência mística está totalmente demonstrada.

Em terceiro lugar, mencionemos a assombrosa concordância de dados que, de forma bem íntima, relacionam as experiências místicas com as condições intrínsecas do mundo.

De tais condições, pode-se deduzir corretamente a ‘sensação da unidade do todo’; uma nova e peculiar sensação disso que se chama tempo; sensação de infinitude, prazer e horror; conhecimento íntegro do todo na parte, e por fim, a inolvidável experiência da vida infinita e da consciência infinita.

As pessoas reacionárias, de tipo regressivo e retardatário, têm a mente engarrafada na lógica formal. Jamais estudaram lógica superior; por isso, comportam-se como verdadeiros asnos quando tentam interpretar um livro esotérico.

Os velhacos do intelecto repelem a experiência mística porque não conseguem engarrafá-la na sua lógica formal.

O mais grave de tudo isso é que os sabichões da lógica reacionária, não somente ignoram, mas também ignoram que ignoram.

Qualificar de ilógicos os dados da experiência mística é, de fato, o cúmulo da ignorância.

O esoterismo puro baseia-se na experiência mística, e esta está submetida às matemáticas dos números transfinitos e às leis inconfundíveis da lógica superior.

No capítulo precedente estudamos o corpo astral, mediante o qual se consegue a plena manifestação do centro emocional superior.

No presente capítulo, devemos compreender o que é o corpo mental, o que é a mente e o que é a lógica superior.

Somente através de um corpo mental legitimamente solar, pode alguém conseguir pleno desenvolvimento do centro mental superior.

As pessoas comuns e normais têm apenas o corpo mental lunar; esse corpo protoplasmático é de natureza animal.

O Manas Inferior ou mente concreta, do qual fala a teosofia, é unicamente o mental lunar.

Não é uma maravilha que o animal intelectual tenha veículo mental animal. Os animais irracionais também têm, só que estes últimos jamais deram à mente forma intelectual. Esta é a única diferença.

Torna-se urgente, indispensável, fabricar o corpo mental solar, se é que de verdade queremos pensar com Mente-Cristo, com lógica superior, com a inteligência de um Arhat gnóstico.

Refreando-se o impulso sexual para evitar a ejaculação do sêmen, o hidrogênio sexual SI-12 recebe um segundo choque especial, que o leva a uma terceira oitava superior, que se processa de acordo com as sete notas da escala musical DÓ RÉ MI FÁ SOL LA SI.

A cristalização do hidrogênio sexual SI-12, na esplêndida forma do corpo mental solar, realiza-se de acordo com a sábia lei das oitavas musicais.

Seria impossível a fabricação do corpo mental solar sem as sete notas da terceira escala.

O yogue que jamais praticou o maithuna pode se converter num verdadeiro atleta da concentração mental, mas jamais fabricará seu corpo mental solar com pranayama e ou

exercícios mentais, uma vez que isso será sempre um problema cem por cento sexual.

O autêntico e legítimo corpo mental solar é um corpo do Paraíso, um corpo de felicidade cheio de perfeições incalculáveis.

Equivocam-se lamentavelmente aqueles que supõem ser o corpo mental solar um corpo vaporoso ou fluídico. O corpo mental solar é também um organismo de carne e osso, carne do Paraíso, carne que não vem de Adão.

O corpo mental solar nasce do ato sexual sem ejaculação do ens seminis e necessita de alimento para a sua nutrição e crescimento. O corpo mental solar alimenta-se com o hidrogênio 12.

O corpo mental solar tem trezentos mil clãs ou centros magnéticos, os quais devem vibrar no mesmo tom e sem a menor arritmia.

Os Iniciados que possuem corpo mental solar pensam sempre com lógica superior, com lógica transcendental.

Tomando os axiomas de Aristóteles como modelo, poderíamos expressar inteligentemente o principal axioma da lógica superior da seguinte maneira: A é tanto A como NÃO-A. Tudo é tanto A como NÃO-A.

A fórmula lógica ‘A é tanto A como NÃO-A’ corresponde a certa fórmula das matemáticas transfinitas que diz: Uma grandeza pode ser maior ou menor que si mesma.

Os velhacos da mente, engarrafados na lógica formal, ao lerem estas frases, qualificarão as fórmulas depreciativamente, afirmando serem ilógicas e absurdas.

As pessoas de mente lunar são incapazes de compreender a lógica superior do homem solar.

Agora, querido leitor, estás compreendendo porque motivo os velhacos da mente se convertem em verdadeiros asnos quando tratam de interpretar as antigas teogonias.

A mente lunar é um verdadeiro asno que devemos montar, se quisermos efetivamente entrar vitoriosos na Jerusalém Celestial no Domingo de Ramos.

CAPÍTULO 32

O CORPO CAUSAL

Com este capítulo chegamos ao Mundo Causal, ao maravilhoso mundo da vontade consciente, à região eletrônica.

Lá em baixo, no mundo molecular, do outro lado do mau rio, existe um lugar triste, não pelos martírios, mas pelas trevas, onde, ao invés de gritos e lamentos, só se ouvem suspiros.

Ali, nesse Limbo do mundo molecular, vive Virgílio, o poeta de Mântua, o Mestre do florentino Dante. Ali, residem todos esses inocentes párvulos do pseudo-esoterismo e do pseudo-ocultismo que não foram lavados do pecado original.

Ali estão os que pensaram poder se Auto-Realizar a fundo sem precisar trabalhar com o maithuna na Nona Esfera; aqueles que cometeram o erro de não se vestir com as três virtudes santas, os três corpos solares: astral, mental e causal.

Nos capítulos precedentes, estudamos os corpos solares astral e mental; agora vamos estudar o corpo da vontade consciente, o corpo causal.

Os estudantes gnósticos precisam ter muita fé e cobrirem-se bem com as três virtudes santas, se é que de verdade quiserem sair do Limbo.

O faquir oriental luta de forma espantosa para desenvolver em si mesmo a força da vontade.

O caminho do faquir consiste de múltiplas práticas físicas incrivelmente difíceis.

Qualquer faquir é capaz de permanecer quieto em qualquer posição incômoda durante horas, meses e anos. Ele é capaz de sentar-se sobre um formigueiro, sob uma árvore ou sob os inclementes raios de um Sol tropical.

Ele é bem capaz de sentar-se com os braços abertos em forma de cruz sobre uma pedra nua, sob o Sol ou em espinhos e abrolhos, durante meses ou anos inteiros.

Por meio de todas essas torturas físicas, o faquir desenvolve o poder da vontade de forma realmente terrível, porém não consegue fabricar o corpo da vontade consciente ou corpo causal porque este é um problema cem por cento sexual.

Se o corpo da vontade consciente, ou corpo causal, pudesse ser fabricado com as torturas físicas típicas do faquirismo, então, de acordo com a lei das correspondências e analogias, em obediência à máxima hermética que diz “assim como é em cima é em baixo”, teríamos de admitir também que o corpo de carne e osso poderia ser fabricado com práticas semelhantes; conseqüentemente, o ato sexual do pai e da mãe ficaria sobrando.

Afirmar semelhante absurdo seria de fato a lamentável conseqüência de uma ideia equivocada.

Só na Forja Acesa de Vulcano o corpo da vontade consciente, ou corpo causal, pode ser fabricado.

Através do maithuna na Nona Esfera podemos e devemos dar um terceiro choque muito especial no hidrogênio sexual SI-12 para levá-lo a uma quarta oitava superior DÓ RÉ MI FÁ SOL LÁ SI.

A cristalização do hidrogênio sexual SI-12 na extraordinária forma do corpo causal, ou corpo da vontade consciente, realiza-se de acordo com as sete notas da escala.

O corpo astral solar nasce na terceira Iniciação do Fogo; o corpo mental solar nasce na quarta Iniciação do Fogo; o corpo causal, ou corpo da vontade consciente, nasce na quinta Iniciação do Fogo.

Possuir um corpo causal, um corpo da vontade consciente, equivale a se tornar um Mahatma, um Adepto da Loja Branca.

A primeira Iniciação do Fogo ocorre quando a serpente do corpo físico faz contato com o átomo do Pai no campo magnético da raiz do nariz.

A segunda Iniciação de Fogo se dá quando a Serpente do corpo vital faz contato com o átomo do Pai no campo magnético da raiz do nariz.

A terceira Iniciação do Fogo acontece ao chegar a Serpente do corpo astral na terceira câmara do coração, depois de ter passado pelo amrita nadi.

A quarta Iniciação do Fogo advém quando a Serpente do corpo mental chega à quarta câmara secreta do coração, depois de ter passado do cérebro ao cárdias pelo amrita nadi.

A quinta Iniciação é um maravilhoso evento cósmico que ocorre quando a quinta Serpente, ou seja, a cobra do corpo causal, chega à quinta câmara esotérica do coração depois de ter alcançado o cérebro.

O quinto festival cósmico é esplêndido. A recém-nascida criança causal é levada ao templo no carro dos séculos. O altar é revestido, para esse glorioso evento, com o sagrado pano de Verônica, no qual resplandece o rosto divino coroado de espinhos.

O lenço de Verônica representa a Vontade-Cristo, o corpo da vontade consciente.

A Vontade-Cristo só sabe fazer a vontade do Pai, tanto no Céu como na Terra. “Meu Pai, se possível afasta de mim esse cálice, mas não se faça a minha vontade, e sim, a tua”.

Nas arcaicas ruínas da Idade de Bronze foram encontradas muitas cabeças com coroas de espinhos esculpidas na rocha viva.

A figura do Ecce Homo não tem uma coroa apenas para nos recordar o fato histórico do martírio do nosso adorável Jesus Cristo, mas também para nos indicar a necessidade de fabricar o corpo solar da Vontade-Cristo.

É necessário compreender, é urgente saber que o corpo causal é um organismo inefável que também precisa de alimento para sua nutrição e crescimento. O alimento do corpo causal ou corpo da vontade consciente é o hidrogênio 6.

Muito falamos sobre os quatro corpos: físico, astral, mental e causal. Algumas pessoas me escreveram perguntando por que eliminamos o lingua sarira, o corpo vital. Sempre respondi a essas pessoas que o corpo vital é tão somente a seção superior do corpo físico; portanto, esotericamente, é considerado uno com o corpo celular.

Os clarividentes inexperientes confundem os corpos lunares com os corpos solares, e até caem no erro de acreditar que o pobre animal intelectual, equivocadamente chamado homem, já tenha uma constituição septenária perfeita.

Resulta lamentável que os clarividentes sem experiência confundam o buddhata, depositado dentro dos corpos protoplasmáticos lunares, com o autêntico e legítimo corpo causal, ou corpo solar da vontade consciente.

O budhata, a essência, é tão somente uma fração da alma humana em nós; é absurdo confundi-lo com o corpo causal.

Em certa ocasião, meu real Ser, o Íntimo, sentou-se à mesa do banquete com mais duas pessoas: a primeira era minha Buddhi, minha Walkyria; a outra, era eu mesmo, a alma humana, vestida com o corpo causal.

O Senhor tomou a palavra, e disse: “Eu tenho duas almas; a primeira (Buddhi) é a alma espiritual, e é feminina; a segunda é a alma humana, e é masculina. A alma humana é a que trabalha; enquanto a alma humana trabalha, a alma espiritual brinca. Esta é a minha doutrina”.

Esta lição me foi ensinada pelo meu real Ser, Samael, no mundo causal, no mundo da vontade consciente.

CAPÍTULO 33

O SEGUNDO NASCIMENTO

No capítulo anterior dissemos que o Ser, o Íntimo, o Espírito Divino de cada criatura viva, tem duas almas: Buddhi e Manas superior.

O Ser, em si mesmo, é Atman, o inefável. Se cometêssemos o erro de dar-lhe os qualificativos de ‘eu superior’, ‘alter ego’, ‘eu subliminal’, ‘ego divino’, etc., cometeríamos uma blasfêmia porque Isso que é o divino, o real, jamais poderia cair na heresia da separatividade.

Superior e inferior são duas seções de uma mesma coisa. ‘Eu superior’ e ‘eu inferior’ são duas seções do mesmo ‘eu pluralizado’ (Satã).

O Ser é o Ser e a razão de ser do Ser é o próprio Ser. O Ser transcende a personalidade, o eu e a individualidade.

Atman, o Ser, desdobra-se em Buddhi e Manas. Buddhi é a nossa Walkyria, a nossa divina esposa, a Beatriz de Dante, a alma espiritual.

Manas ou Manas superior, erroneamente chamado de ‘ego causal’ na teosofia, é a alma humana, o eterno esposo da Walkyria.

Buddhi e Manas são as duas almas gêmeas, os dois peixes do signo zodiacal de Peixes que nadam nas profundas águas da eterna Mãe-Espaço.

Os opostos masculino e feminino conciliam-se na Mônada para formar a tríada imortal: Atman-Buddhi-Manas.

A imortal tríada de toda a criatura lunar não está encarnada. Ela vive livre na Via Láctea, porém está ligada ao corpo físico pelo fio da vida, o cordão de prata, o famoso antakarana.

O pobre animal intelectual, indevidamente chamado homem, possui, em seus corpos protoplasmáticos lunares, apenas uma fração da alma humana, a essência, o budhata, e ainda assim, engarrafado no eu pluralizado.

Assim como Atman se desdobra em Buddhi e Manas superior, assim também este último desdobra-se na essência, no budhata.

O pobre animal intelectual certamente não poderia encarnar em si e dentro de si a sua imortal tríada porque, como só tem corpos internos protoplasmáticos lunares, não resistiria à tremenda voltagem eletro-espiritual de AtmanBuddhi-Manas, e morreria.

Quem quiser encarnar em si, e dentro de si, sua alma total, sua divina tríada imortal, deve primeiro baixar à Nona Esfera (o sexo) para criar os seus corpos eletrônicos solares.

Em Atman vive Is-abel. Neste instante, vem à minha memória a partícula Is, o princípio feminino eterno, e os mistérios isíacos. Abel é o nobre esposo da amada eterna, a alma humana.

Encarnar a imortal tríada divina, significa, de fato, sair da Nona Esfera para o Segundo Nascimento.

A criança que nasce sai da matriz. Quem nasce nos mundos superiores sai da Nona Esfera (o sexo).

Quem alcança o Segundo Nascimento ingressa no templo dos Duas-Vezes-Nascidos. Quem chega ao Segundo Nascimento deve renunciar ao sexo para toda a eternidade. O ato sexual está terminantemente proibido aos Duas Vezes-Nascidos. Quem violar esta lei perderá os seus corpos solares e cairá no vale da amargura.

Quem chega ao Segundo Nascimento, do qual falou Jesus a Nicodemos, ingressa de fato e por direito próprio no magis regnum ou no regnum Dei.

Ninguém poderia entrar no reino vestido de roupas de mendigo, com farrapos lunares. Conheço o caso de uma Dama-Adepto que fabricou suas vestes de gala, seus corpos solares, em dez anos de intenso trabalho na Nona Esfera. Essa Dama, agora, é um habitante do reino, e convive com os Elohim.

Difícil é fixar o tempo preciso para o Segundo Nascimento. Isso depende da qualidade do trabalho. Alguns podem atingir o Segundo Nascimento em quinze ou vinte anos de intenso trabalho na Nona Esfera; outros podem demorar muito mais.

Irmãos gnósticos, lembrem-se que nosso lema-divisa é Thelema (vontade).

A Auto-realização íntima é só para homens e mulheres de Thelema. Diante de todos os Duas-Vezes-Nascidos abrem-se dois caminhos: o da direita e o da esquerda.

Pelo caminho da direita seguem os que trabalham na dissolução do eu; já na senda da esquerda estão os que cometem o erro de não trabalhar na dissolução do eu.

O Duas-Vezes-Nascidos que não reduz seu ego lunar a poeira cósmica converte-se num aborto da Mãe Cósmica, converte-se em marut dos quais há várias categorias.

Certas seitas orientais e algumas tribos muçulmanas cometem o terrível erro de render culto a essa família de maruts.

Todo marut, todo hanasmussen, tem, de fato, duas personalidades: uma branca e outra negra, solar e lunar.

O Íntimo, o Ser, vestido com seus corpos eletrônicos solares, é a personalidade solar branca, enquanto que o eu pluralizado, vestido com os corpos protoplasmáticos lunares, é a personalidade lunar negra do hanasmussen. Esses maruts têm, pois, duplo centro de gravidade.

Compreender cada um de nossos defeitos psicológicos em todas e em cada uma das 49 regiões do subconsciente é vital,

porém não chega a ser o suficiente para a eliminação dessas entidades submersas que personificam nossos erros.

A mente não pode mudar nada radicalmente. A mente pode se dar ao luxo de esconder seus próprios erros, de justificá-los, de condená-los, de passá-los de um departamento para outro, etc., mas é incapaz de dissolvê-los, de eliminá-los.

Precisamos de uma ajuda extra, de um auxílio especial, de alguém que tire, extraia e expulse esses eus, essas entidades submersas, que personificam os nossos erros psicológicos, e que os lance nos mundos inferiores.

Felizmente, cada um de nós tem uma Mãe Cósmica particular, uma Mãe Divina. Esse ponto matemático da Mãe-Espaço, esse ponto-mãe, de onde surgiu o Ser, Atman, é, de fato, a própria raiz da Mônada, a mãe particular da Mônada.

Esse ponto matemático, esse ponto máter, é, em si mesmo, imensurável, e, no entanto, existe de uma forma mais real do que tudo aquilo que é mensurável.

A mensurabilidade é, sem dúvida alguma, uma indicação bem tosca da existência, porque a própria mensurabilidade é um conceito bastante condicionado.

Os monges de um pagode buddhista na China ensinaram-me uma maneira de orar muito especial. Trata-se de uma asana ou postura sagrada para pedir ao Buda Íntimo, e também à Mãe Cósmica particular do Buda Íntimo.

Procedimento:

Ajoelhar-se.

Sentar-se sobre os calcanhares no estilo muçulmano.

Abrir os braços em cruz.

Orar à Mãe Divina, inclinando-se com os braços abertos para a frente e para trás, porém permanecendo firmemente sentado sobre os calcanhares.

Depois de termos compreendido tal ou qual defeito psicológico, em todos e em cada um dos níveis subconscientes da mente, devemos clamar, pedir ajuda à nossa Mãe Divina particular, rogar para que Ela elimine dos corpos lunares o eu que personifica o defeito.

Sem ajuda da Mãe Divina é impossível eliminar esses eus-demônios que vivem nos corpos lunares.

A compreensão prévia de qualquer defeito psicológico é indispensável para que a Mãe Divina proceda a eliminação da entidade submersa que personifica o defeito.

Quando o eu pluralizado foi eliminado por completo, saímos dos infernos atômicos e entramos na região molecular do purgatório.

No purgatório, devemos fritar ou frigir as sementes do eu, porque se elas não forem queimadas, voltam a germinar. Recordemos que o eu pluralizado também pode ressuscitar como a ave Fênix de suas próprias cinzas.

A eliminação dos corpos protoplasmáticos lunares só é possível depois da morte do eu pluralizado, e somente depois que as más tendências, ou sementes, foram reduzidas a poeira cósmica através do fogo.

“Dai a Deus o que é de Deus e a César o que é de César”. Os corpos lunares pertencem à natureza; ela os emprestou; portanto, a ela devemos devolvê-los.

CAPÍTULO 34

PEDRO, JUDAS E JOÃO

Está escrito que só existe um caminho estreito, apertado e espantosamente difícil, porém, para maior compreensão, vamos dividi-lo em dois aspectos ou em dois caminhos:

Pedro, o Mestre do maithuna, Patar, morre crucificado com a cabeça para baixo e os pés para cima.

João – I E O U A M – o próprio Verbo, apóia sua cabeça no coração do grande Kabir Jesus como que dizendo “o amor se alimenta do amor”.

A crucificação do hierofante Pedro nos indica o trabalho na pedra bruta.

Foi preciso que Patar morresse crucificado com a cabeça para baixo e os pés para cima para nos indicar a descida à Nona Esfera, ao nono círculo do inferno dantesco.

Existe uma íntima relação entre a Nona Esfera e a pedra cúbica.

Recordemos que o estudo do novenário termina sempre com a pedra cúbica de ponta. Irmãos gnósticos, lembrem-se que a sagrada pedra tem nove faces e que reúne em si mesma a perfeição do cubo e a equilibrada elevação da pirâmide de base quadrangular.

É urgente saber que o cteis formal cruza-se com o falo vertical para formar cruz. A cruz em si mesma é cem por cento fálica. É indispensável saber que ao se abrir a pedra cúbica de ponta e ao se estender suas faces, obtém-se inevitavelmente o símbolo da cruz como expressão perfeita do Magistério do Fogo.

A cabala hebraica coloca o sefirote Jesod no sexo. A pedra cúbica de Jesod é o próprio sexo.

É urgente e indispensável transportar o Vaso da Eleição, o Vaso de Hermes, ao céu, porém, primeiro temos que trabalhar

a dura pedra para dar-lhe a forma cúbica perfeita e percorrer o caminho de Pedro.

Consta nas escrituras sagradas que Pedro disse a Jesus: “Senhor, e deste o que será? – referia-se a João. O grande Kabir respondeu-lhe: Se eu quero que ele fique até que eu venha, que te importa a ti? Segue-me tu”.

João, o Verbo, vela acordado no fundo da arca, aguardando o instante de ser realizado.

Ninguém pode trabalhar no caminho de João sem antes ter andado pelo caminho de Pedro.

A chave fundamental do caminho de Pedro é o maithuna. No caminho de João, o ato sexual está proibido.

Entre o caminho de Pedro e o caminho de João existe um abismo. É indispensável estabelecer uma ponte sobre o precipício para unir os dois caminhos. É urgente enforcar Judas na ponte...

Judas é o eu pluralizado, o mim mesmo, que trai o Cristo Íntimo, de momento a momento. Dante, em sua Divina Comédia, coloca Judas na boca de Lúcifer, agitando para fora tão somente as pernas.

Judas, a legião lunar de eus-diabos, que todo animal intelectual leva dentro de si mesmo, está composto pelas granulações do fogo luciférico, ou fohat negativo.

Lúcifer existe nos infernos atômicos do animal intelectual. É esse fogo passional, instintivo, sexual, bestial, que toda pessoa carrega dentro de si.

Judas é a cristalização de Lúcifer; é a palavra de Lúcifer que tomou forma. Por isso, Dante coloca Judas na sinistra boca luciférica. Sem Lúcifer, seria impossível a existência de Judas. Assim como o peixe morre fora da água, Judas também morre fora do fogo luciférico.

O pecado original é totalmente luciférico, sexual, passional. A raiz de todo defeito psicológico é cem por cento luciférica. Em Lúcifer está a origem de todo o mal. Judas é o verbo de Lúcifer.

Se queres enforcar Judas na ponte, para unir os caminhos de Pedro e de João, primeiro mate Lúcifer.

Querido leitor, lembre-se que Lúcifer vive no centro da Terra, na Nona Esfera (o sexo), no fundo do universo.

Lúcifer é escada para subir e escada para descer. Dante põe na boca de Virgílio a seguinte frase: “Segura firme porque por esta escada é preciso partir da mansão da dor”.

Extinguir dentro de nós mesmos de forma gradativa o fogo luciférico equivale a subir degrau por degrau a escada luciférica.

Virgílio, o poeta coroado de lauréis, com o sublime Dante abraçado como uma criança ao colo, agarrou-se às cabeludas costas de Lúcifer, e, de pelo em pelo, desceu pelo hirsuto costado e pelas geladas ilhargas. Quando chegou ao lugar em que a coxa se desenvolve, justamente sobre o grosso dos quadris, com fadiga e com angústia, virou a cabeça para onde aquele tinha as ancas e se agarrou ao pelo, como um homem que sobe, de maneira que o nobre florentino acreditou que voltava ao inferno.

Baixa-se à Nona Esfera pela escada luciférica; sobe-se e sai-se da Nona Esfera pela escada luciférica.

Lúcifer é o miserável verme que atravessa o mundo, o fogo passional, a serpente tentadora do Éden, a repugnante víbora que brindou Eva com um amargo manjar. Ele é o nosso pior adversário.

Lúcifer é a antítese do Cristo. Ele é o réptil maligno que, astutamente desliza em meio a erva verde e as perfumadas flores da espiritualidade.

É impossível reduzir Judas a poeira cósmica sem previamente ter extinguido o fogo luciférico.

Dentro de nossos próprios infernos atômicos temos de fazer um duplo trabalho: transmutar o chumbo em ouro e enforçar Judas.

Quando Dante realizou esse duplo trabalho alquimista e mágico, seu Guru disse: Levanta-te! A rota é longa, o caminho é difícil, e o Sol já se aproxima da metade da terça.

O lugar onde estavam o Mestre e o discípulo não era como a galeria de um palácio, porém como uma caverna de piso maltratado. Todo o gnóstico que tiver concluído o duplo trabalho poderá constatar isso por si mesmo.

Está escrito que quem abandona os infernos atômicos da natureza ingressa de imediato na região do purgatório para frigar ou fritar as sementes do eu, como dizem os yogues hindus. Nesses germes malignos estão as más tendências de Judas.

O complicado trabalho purgatorial de incinerar as satânicas sementes é terrivelmente difícil e mais amargo que o fel.

Judas em si mesmo tem três aspectos satânicos porque atraiçoa no mundo dos desejos, no mundo da mente e no mundo da vontade. Isso nos lembra os três traidores de Hiram Abif e as três horríveis bocas de Lúcifer, onde, dentro de cada uma, está um traidor.

Dante afirma que o purgatório tem sete regiões, mas se multiplicarmos este número por si mesmo teremos o cabalístico número 49, as quarenta e nove regiões do subconsciente ou os 49 estábulos de Áugias.

Amarga e difícil é a tarefa de eliminar o fogo luciférico em todas e em cada uma das 49 regiões subconscientes. Quem realizar esse trabalho terá chorado lágrimas de sangue.

As provas esotéricas em todas e em cada uma das 49 regiões subconscientes repetem-se incessantemente, e o Duas-Vezes-Nascidos sofre intimamente em meio aos espantosos tormentos morais do estado purgatorial.

Uma análise de fundo sobre o esotérico trabalho no purgatório permite-nos compreender, de forma íntegra, que sem o auxílio da Mãe Divina, na qual estão todos os poderes mágicos da Mônada sagrada, o fracasso seria inevitável.

A grande lei exclui da esfera de fogo solar e do caminho de João as almas que não mataram Judas em si mesmas, e que não se purificaram entre as chamas do purgatório íntimo.

Os hanasmussens jamais são admitidos nas eternas esferas de felicidade.

O ingresso nos céus solares só é possível depois da queima das sementes do eu pluralizado.

CAPÍTULO 35

O CAMINHO DE JOÃO

O autêntico e legítimo trabalho esotérico, desde os tempos antigos, sempre esteve simbolizado pelo carro e pelos bois que conduzem a arca santa; por isso, é arriscado esquecer este símbolo básico e errar o caminho.

O carro lembra-nos o homem e seus corpos internos. Os bois trazem a lembrança da Vaca Sagrada de cinco patas, o símbolo sagrado da Mãe Divina. A santa arca encerra os mistérios do sexo, e, no fundo, ela é o próprio sexo.

Em outros tempos, o humilde salmista, dançando e saltando, precedia sempre a taça bendita, o Vaso de Hermes, e naquela ocasião era nem mais nem menos que o rei.

Isso nos recorda os dervixes dançantes do esoterismo maometano. O objetivo dessas danças sagradas é despertar a consciência.

Nas antigas escolas de mistérios jamais se ensinou yoga sexual, maithuna, aos neófitos que ainda não tinham cumprido o requisito básico de despertar sua consciência.

Os neófitos adormecidos, inconscientes, não podem ter consciência do trabalho que estão realizando, e, cedo ou tarde, abandonam a Grande Obra.

Por estes tempos de crise mundial, temos que correr o risco de ensinar yoga sexual publicamente, custe o que custar, porque já está tudo perdido, e vamos salvar apenas o chapéu do afogado.

Nós, seres humanos, somos simples vermes do lodo, nascidos para formar em nós mesmos a angelical borboleta que dirige seu voo, sem qualquer impedimento, para a justiça divina. Infelizmente, esses insetos defeituosos, essas crisálidas miseráveis, ficaram quase todas sem desenvolvimento algum.

Agora, só podem servir de alimento às entranhas do mundo em que vivemos.

É urgente percorrer o caminho de Pedro e enforçar Judas na ponte para termos o direito de entrar na senda celestial, o caminho do Verbo, o caminho de João.

Se no caminho de Pedro a prática da magia sexual é obrigatória, no caminho de João o sexo está absolutamente proibido.

A águia do espírito, com suas vívidas plumas de ouro, voando altaneira pelo firmamento estrelado, costuma caçar exclusivamente na zona do purgatório. Essa misteriosa águia precipita-se terrível como o raio para arrebatrar a alma das esferas do fogo universal. Ganimedes, transformado em águia, foi transportado ao Olimpo para servir de copeiro aos Deuses.

Resulta impossível entrar na senda celestial sem uma prévia preparação nos terrenos da região do purgatório. Aquele que entra no purgatório interior é marcado com a letra P na testa.

O anjo guardião do purgatório escreve sete vezes a letra P na testa sideral do Duas-Vezes-Nascidos com a aguda ponta de sua espada flamejante.

Procura lavar estas manchas enquanto estejas dentro, diz o anjo guardião.

O lava-pés simboliza a mesma coisa.

Está escrito que, na última ceia, antes de subir ao Gólgota, o grande Kabir Jesus lavou os pés de seus discípulos.

Os sete P gravados na testa apagam-se pouco a pouco, conforme o fogo luciférico e as sementes de Judas forem eliminadas.

O carro de prata, carregado de múltiplas pedras desse mesmo metal lunar, deve ser entregue pelo divino casal, Buddhi-Manas, em oferenda ao templo da Mãe Divina.

O ato sexual fica proibido aos Duas-Vezes-Nascidos, não somente no mundo físico, mas também em todas e em cada uma das 49 regiões do subconsciente.

É impossível alguém trilhar o caminho de João se antes não passar pelo purgatório. O caminho de João é o caminho do Verbo. O Exército da Voz desenvolve-se em nove círculos que mantêm correspondência com as nove esferas do mundo sensível.

Começando pelo círculo inferior, o Adepto deve se converter em Anjo, mais tarde em Arcanjo, e, por fim, deve ingressar no reino dos Principados.

Continuando no segundo círculo, o Adepto deve se transformar primeiro em Potestade, depois em Dominação e mais tarde em Virtude.

Concluindo no terceiro círculo, o Adepto deve se converter em Trono, mais tarde em Querubim e por fim em Serafim.

Resulta oportuno aqui lembrar que o Mestre fundador da Loja Branca em nosso planeta Terra foi precisamente um Trono, conhecido com o nome de Sanat Kumara. Esse homem vive num oásis do deserto de Gobi; sua idade é indecifrável. Seu nome é mencionado em antiquíssimas escrituras religiosas.

Quando um bodisatva renuncia à felicidade do Nirvana por amor à humanidade, é considerado, três vezes honrado, e, depois de muitas eternidades e Nirvanas ganhos e perdidos por amor às criaturas, ganha o direito de entrar num mundo de felicidade super-nirvânica.

Quando um Mestre quer se reencarnar para ajudar a pobre humanidade doente, emana, projeta, sua alma humana – o bodisatva – para que entre na ante-sala do mundo, ou seja, numa matriz.

Os bodisatvas possuem corpos solares. Quando um bodisatva se deixa cair, perde os corpos solares. Disseram-nos

que os bodisatvas caídos se reencarnam em condições cada vez mais difíceis até que, no fim, depois de muito sofrerem, tornem a se levantar.

Os bodisatvas definitivamente perdidos, aqueles que apesar de lhes ter sido atribuído um determinado número de vidas para se levantar, não o fizeram, não aproveitaram as oportunidades, entram na involução submersa dos mundos inferiores por três motivos:

Por terem assassinado o Buda.

Por terem desonrado os Deuses.

Por diversas dívidas.

Por estes tempos finais, aquele grande Iniciado do manvantara passado, chamado em cosmologia de Manvantara de Padma ou Lótus de Ouro, enviou seu bodisatva à Terra.

O nome desse grande Iniciado é bastante conhecido no Antigo Testamento. Trata-se do Jeová bíblico, o Ser mais exaltado da antiga cadeia lunar, o governador da antiga Terra-Lua.

Disseram-nos que o bodisatva do Senhor Jeová nasceu numa humilde família de trabalhadores camponeses em certo país da América do Sul.

O bodisatva do Senhor Jeová teve uma infância e uma adolescência felizes, simples, em pleno campo. Agora, porém, é um jovem e isto nos preocupa, devido ao ambiente moderno e aos amiguinhos destes tempos. Esse jovem vive em certa cidade e está fazendo algumas tolices, próprias de todos os jovens desta época.

Se a reencarnação desse bodisatva resultar exitosa, o grande Mestre Jeová poderá encarnar-se em seu bodisatva para realizar uma grande obra.

Quando um bodisatva renuncia a todos os poderes psíquicos, quando de forma radical elimina a falsa ideia de que precisa algo externo para ser feliz, advém-lhe um conhecimento particular, um resplendor maravilhoso, chamado em ocultismo de Dharma Megha, nuvem de virtude.

Esse tipo de bodisatva já não pode cair. Os bodisatvas dessa categoria especial possuem dentro de si mesmos todas as bases do conhecimento, gozam da mais profunda paz e de seus corações brota a substância do amor.

Pelo caminho de João avança-se à base de renúncias cada vez mais terríveis.

Assim como uma árvore tem muitos ramos, também do caminho reto nascem muitos caminhos transversais. Uns levam aos paraísos elementais, onde nos convertemos em gênios ou devas da natureza. Outros conduzem às entranhas do cosmo, onde nos transformamos em Deuses planetários. Outros ainda nos submergem na felicidade nirvânica, etc.

Aqueles que abandonam o caminho direto, aqueles que se metem pelas transversais, cedo ou tarde têm de reencarnar para voltarem ao caminho de João, à senda celestial, ao caminho reto.

A onisciência e a onipotência são qualidades muito cobiçáveis e conferem terríveis poderes sobre a natureza. Se renunciarmos a esses poderes, sobrevém a destruição de certas sementes que, de um jeito ou de outro, sempre nos trariam de volta aos sucessivos manvantaras depois de cada pralaya.

É urgente saber e indispensável compreender que o universo é de natureza ilusória. Precisamos morrer, morrer e morrer em nós mesmos. Renunciar, renunciar e renunciar; deixar de existir em todos os sete cosmos para termos o direito de Ser no Absoluto.

CAPÍTULO 36

A HISTÓRIA DO MESTRE CHINÊS KAO FENG

O Mestre chinês Kao Feng entrou para o sacerdócio aos quinze anos de idade e foi ordenado aos vinte no mosteiro de Chin Tzu.

Kao Feng compreendeu que todos os seres humanos são miseráveis autômatos adormecidos e se propôs despertar a consciência, através da ciência da meditação, o mais cedo possível.

Ele realizou seus primeiros trabalhos sob a inteligente e sábia direção do Mestre Tuan Chiao, que o ensinou a trabalhar com o hua tou (frase misteriosa): Onde eu estava antes de nascer e onde estarei depois da morte?

Kao Feng propôs-se a trabalhar com este hua tou, porém não conseguiu concentrar sua mente por causa da bifurcação da frase. Sua mente dividia-se em muitas opiniões e conceitos opostos. Kao Feng sofria o indizível porque anelava libertar-se, de todo seu coração e de toda sua alma, do dualismo mental.

A experiência do real é impossível enquanto a essência, o budhata, a alma, permanece engarrafada no dualismo intelectual.

O batalhar dos conceitos opostos, as opiniões contraditórias, as ideias antitéticas, correspondem aos diversos funcionamentos ilusórios da mente.

Kao Feng chorava lágrimas de sangue anelando desengarrar-se desse dualismo mental, porém fracassou com o hua tou do Mestre Tuan Chiao.

Conta a tradição que em estado de terrível angústia e desespero procurou o Mestre Hsueh Yen que, compadecido com a sua dor, ensinou-lhe o poderoso mantra WU, mas exigiu-lhe informação diária sobre seus exercícios.

O mantra WU canta-se como um duplo U como que imitando o rugido do vento nas embravecidas ondas do furioso mar: UUUUUUU... UUUUUUU...

Durante esta prática, a mente deve estar completamente quieta e em espantoso e profundo silêncio, tanto externa como internamente. Nem o mais leve desejo nem o mais insignificante pensamento deve agitar o tranquilo e profundo lago da mente.

As explicações do Mestre Hsueh Yen eram tão simples e claras que o seu discípulo Kao Feng caiu na negligência e na preguiça. Isso porque não precisava fazer qualquer esforço para compreendê-las. O Mestre Hsueh Yen, em que pese sua costumeira doçura, também sabia ser muito severo quando era preciso.

Certo dia, como de costume, Kao Feng entrou no quarto de seu Mestre e este num tom muito severo disse-lhe: – Quem trouxe esse cadáver com teu nome?

Nem bem acabou de falar expulsou-o do quarto. Kao Feng seguiu o exemplo de Chin Shan e foi buscar refúgio na sala de meditação.

As práticas de meditação interna provocam de forma gradual o despertar da consciência, o despertar do budhata.

O neófito começa a reagir diante das representações supra-sensíveis internas de forma diferente, bem diferente da usual. Começa por dizer: – Estou sonhando. Isto é um sonho.

Mais tarde exclama cheio de alegria: – Estou fora do corpo físico. Meu corpo físico está dormindo; mas eu estou fora dele e totalmente consciente e desperto.

Em certa ocasião, estando Kao Feng fora de seu corpo adormecido, que roncava na cama, lembrou-se claramente daquele koan que diz: Todas as coisas se reduzem à unidade, porém a que se reduz a unidade?

Contam as tradições chinesas que naquele instante Kao Feng entrou em um estado mental em que já não conseguia distinguir o leste do oeste ou o norte do sul.

Seis dias depois, ainda conservando aquele desditoso estado mental, aconteceu que quando balbuciava com infinita devoção as orações coletivas do Lumisial de Meditação, levantou a cabeça e viu clarivamente aquelas duas últimas e misteriosas frases do poema oriental composto pelo quinto patriarca Fa Yan: Oh! És tu a quem eu sempre conheci e que vens e te vais nos trinta mil dias de um século.

Imediatamente Kao Feng pôs-se a trabalhar com a misteriosa e enigmática frase: Quem trouxe esse cadáver com teu nome?

Tinha ficado de tal forma gravada em sua mente, desde aquele dia em que o Mestre Hsueh Yen a havia pronunciado, que era impossível esquecê-la.

Sentia como se a sua mente e a sua personalidade tivessem perecido e como se seu espírito divino houvesse ressuscitado depois da morte. Sentia-se feliz como se lhe tivessem tirado um enorme e pesado fardo de cima. Contava então 24 anos de idade e havia realizado o desejo de chegar ao despertar da consciência em três anos.

Quando foi perguntado a Kao Feng: Podes dominar a ti mesmo em plena luz do dia? Sim, posso, respondeu com firmeza. Podes te dominar quando estás sonhando? A sua resposta foi novamente: Sim, posso. Quando dormes sem sonhos, onde está o Mestre? Kao Feng não encontrou resposta para esta outra pergunta e novos sofrimentos íntimos afligiram o fundo da sua alma.

O Mestre disse-lhe: De agora em diante, não quero que estudes budismo nem dharma. Não quero que estudes nada, nem antigo nem novo. Quero apenas que comas quando tenhas fome e te deites quando estejas cansado. Quando despertares, põe tua

mente alerta e pergunta: Quem é o Mestre deste despertar? Onde descansa o seu corpo e para onde conduz a sua vida?

Kao Feng era certamente um homem de Thelema (vontade) e decidiu firmemente que iria entender aquilo de alguma maneira, ainda que nesse empenho desse a impressão de ser um idiota para o resto dos seus dias.

Passaram-se cinco anos de intenso trabalho. Um dia, quando trabalhava nesse ponto no meio do sono, um monge companheiro que dormia ao seu lado, no dormitório comum do mosteiro, derrubou inconscientemente o travesseiro e este caiu ruidosamente no chão. Nesse instante, suas dúvidas desapareceram de imediato. Sentiu com imensa alegria que conseguira cair fora de uma armadilha. Todas as frases misteriosas dos Mestres e dos Budas, bem como todos os múltiplos problemas do passado, presente e futuro, tornaram-se claros para ele. A partir daquela hora Kao Feng ficou iluminado.

Há dois tipos de iluminação:

1. O primeiro costuma ser chamado de água morta porque tem ataduras.
2. O segundo é elogiado como a grande vida porque é iluminação sem ataduras, Vazio Iluminador.

O primeiro tipo de iluminação é auto-consciência desperta. O segundo tipo, ainda que seja chamado de quarta via, consciência objetiva, conhecimento objetivo, transcende realmente a isso que se chama consciência.

O segundo tipo de iluminação nada tem a ver com a consciência. O Ser e a razão de ser do Ser é o próprio Ser.

Kao Feng converteu-se num Turiya porque conseguiu a independência absoluta da morte através da meditação profunda.

O mundo é mente cristalizada, por isso é maya – ilusão.

Quando o grande dia cósmico terminar essa forma ilusória da mente, ela será reduzida a poeira cósmica.

Realmente, a minha pessoa, as pessoas, a tua pessoa, as coisas, as criaturas de toda espécie, não existem; são tão somente formas mentais ilusórias que se reduzirão a poeira cósmica.

A única realidade é Brahama, o Espaço-Espírito-Infinito, dentro do qual está contido o eterno feminino e a Mônada sagrada; todo o resto é ilusão.

Em algo temos de nos perder... Milhões de seres humanos perdem-se nos mundos inferiores. Nós, gnósticos, preferimos nos perder em Brahama.

É urgente impedir que o conteúdo mental (chitta) adquira diversas formas (vrittis) durante a meditação interna profunda. Quando as ondas mentais cessarem e o lago intelectual se apaziguar, cessa também a ilusão que produz em nós o marulhar dos opostos; então vem a experiência do real.

Quando o Espaço-Espírito-Infinito, chamado Brahama, assume alguma forma para falar aos seus avatares, ele é Ishwara, o Mestre de todos os Mestres, um Purusha muito especial, desprovido de mente, isento de sofrimentos, de ações, de resultados e desejos.

O intelecto luciférico, infelizmente, serve apenas para nos atormentar com o incessante batalhar dos opostos.

Kao Feng se libertou da mente e se converteu num Turiya.

CAPÍTULO 37

A PAIXÃO DE AL-HALLAJ

O onicósmico e santíssimo Al-Hallaj nasceu no Irã em 857; era neto de um devoto do grande Mestre Zoroastro.

Mansur Al-Hallaj foi iniciado nos grandes mistérios do sufismo. Contam as tradições árabes que quando ele cumpriu 40 anos de idade, entrou em franco desacordo com os juristas e tradicionalistas ortodoxos e saiu à rua para pregar diretamente às multidões os sublimes princípios da vida espiritual.

Está escrito que Al-Hallaj, o grande Mestre Sufi, ensinou com a sua palavra e com o seu exemplo, viajando incansavelmente pelo Irã, pela Índia, pelo Turquestão e outros países, tendo chegado inclusive à fronteira da China.

O grande Mestre Al-Hallaj foi, sem dúvida alguma, um tremendo revolucionário. Os políticos, com ciúmes e invejosos, acusaram-no de perigoso agitador. Os doutores da lei acusaram-no de confundir o humano com o divino. Os próprios integrantes do sufismo não viram inconveniente em acusá-lo de romper a disciplina do arcano, divulgando os mistérios esotéricos para as pessoas comuns. Como é normal nestes casos, não faltaram juízes dispostos a condená-lo por muitos dos supostos delitos, como o de farsante, impostor, mago negro, feiticeiro, bruxo, profanador de mistérios, amotinador do povo, pregador ignorante, inimigo do governo, etc.

Al-Hallaj, o grande místico sufi, foi preso numa infame prisão durante nove anos; depois, foi vilmente mutilado e executado a 27 de março de 922, no ano 309 da Hégira.

Contam as sagradas tradições do Islã que quando veio a terrível noite, em que deveria ser tirado do calabouço para ser justicado na aurora, pôs-se de pé e disse a oração ritual prosternando-se duas vezes.

Os que testemunharam dizem que, concluída a oração, repetiu sem cessar: Engano, engano... até o final da negra noite. Depois, após um longo e profundo silêncio, exclamou: Verdade, Verdade. Voltou a erguer-se, cingiu sua cabeça, envolveu-se em seu bendito manto, estendeu suas sagradas mãos cristificadas, virou seu divino rosto na direção da Caaba, entrou em êxtase, e falou com seu Deus interno.

Já de dia, quando saiu da prisão, as multidões viram-no em pleno êxtase, jubiloso e dançando feliz sob o peso de suas cadeias...

Os verdugos o conduziram sem misericórdia alguma à praça pública onde, depois de o terem flagelado com 500 açoites, cortaram-lhe as mãos e os pés.

Dizem as velhas tradições do mundo árabe que Al-Hallaj foi crucificado depois da flagelação e da mutilação e que muitas pessoas ouviram-no falar em êxtase com o Pai que está oculto em seu próprio Gólgota: ó Deus meu, vou entrar na morada de meus desejos, e ali contemplarei suas maravilhas! ó Deus meu, manifestas o teu amor ainda àquele que te prejudica, como então não o darias àquele que é prejudicado em ti?

Depois dessa oração, saída do coração do santíssimo Al-Hallaj, as pessoas que presenciaram o suplício viram Abu Bakr Al-Shibli avançando para o patíbulo e gritar bem forte o versículo:

Não te havíamos proibido de receber qualquer hóspede, fosse ele homem ou anjo?

E depois acrescentou: – Que é a mística? Al-Hallaj respondeu:

O seu menor grau aqui o vê. E seu grau supremo? Tu não podes ter acesso a ele; não obstante, amanhã verás o que acontecerá. Eu dou testemunho no mistério divino em que existe e para ti permanece oculto.

À hora vespertina, quando chegou o momento da oração, veio a ordem do cruel e sanguinário califa autorizando degolar a santa vítima; mas os verdugos disseram: – É muito tarde! Vamos deixar para amanhã!

A ordem do califa foi cumprida bem cedo, e Al-Hallaj ainda com vida foi baixado da cruz e levado para que lhe cortassem o pescoço. Uma testemunha o ouviu dizer em voz alta: – O que quer o extático, o Único, O só consigo mesmo?

Depois, cheio de êxtase, recitou o seguinte versículo sagrado: “Os que não creem na última hora são arrastados a ela com pressa, mas os que creem, esperam-na com um temor reverente, pois sabem que ela é a Verdade”.

Com estas solenes palavras concluiu-se a vida do onicósmico e santíssimo Al-Hallaj. A sua venerável e bendita cabeça caiu sangrando sob o fio da espada, como um holocausto sangrento na ara do supremo sacrifício pela humanidade.

O venenoso ódio dos verdugos foi tão grande que sequer foi autorizado se amortilhar o cadáver ou dar-lhe sepultura cristã.

Contam as velhas tradições do Islã que as sagradas cinzas do velho sufi AlHallaj foram dispersadas pelo vento no alto da Manarah.

Dizem as antigas lendas árabes que ao invés de um branco lençol, o cadáver do santo foi enrolado numa imunda esteira umedecida com petróleo. Quando o santo corpo ardeu, consumido pelo fogo do holocausto, a natureza inteira estremeceu cheia de infinito terror.

O grande hierofante sufi Al-Hallaj, à base de cinzel e martelo, transformou a pedra bruta, deu-lhe forma cúbica perfeita.

O grande imolado Al-Hallaj, antes de morrer, já estava completamente morto em si mesmo e dentro de si mesmo.

A resplandecente alma de diamante do ímã Al-Hallaj, caminhando pela senda celestial, dirige-se para o Absoluto.

O grande Iniciado sufi Al-Hallaj nasceu, morreu e sacrificou-se totalmente pela humanidade.

Bem vale a pena concluir este último capítulo com esta inefável oração que o Cristo maometano, o ímã Al-Hallaj, nos deixou com infinito amor e que se intitula Ó Todo do meu Todo:

Eis-me aqui, eis-me aqui, ó meu segredo, ó minha confiança! Eis-me aqui, eis-me aqui, ó meu fim, ó meu sentido!

Chamo-te... Não! És Tu quem me chamas para Ti!

Como Te haveria falado, a Ti, se Tu não me houesses falado a mim? ó essência da essência da minha existência, ó fim do meu desígnio! Tu que me fazes falar, ó Tu, minhas enunciações, Tu meus pestanejares! ó Todo de meu Todo, ó meu ouvido, ó minha vista!

ó minha totalidade, minha composição e minhas partes!

ó Todo de meu Todo, Todo de toda coisa, enigma, equívoco, obscureço o todo do Teu todo ao querer Te expressar!

ó Tu, de quem meu espírito estava suspenso, já ao morrer de êxtase! Ah! Continua sendo sua prenda minha desdita!

ó supremo objeto que eu solicito e espero, ó meu hóspede!

ó alento de meu espírito! ó minha vida neste mundo e no outro! Seja meu coração Teu resgate! ó meu ouvido, ó minha vista!

Por que tanta demora, em meu retiro, tão distante?

Ah! Ainda que para meus olhos Te escondes no invisível, meu coração já Te contempla, desde meu afastamento! Sim! desde o meu exílio!

SAUDAÇÕES FINAIS

Concluimos esta Mensagem de Natal de 1967. Por favor, rogo que a estudem profundamente. Praticai-a e vivenciem-na. Não sejam como os mariposeadores que leem de tudo e nada sabem, que hoje estão numa escola e amanhã em outra, e que ao fim desencarnam tendo perdido o tempo de forma miserável.

Estudem profundamente; não sejam superficiais. Lembrem-se que nos poços de águas claras e profundas existe muita vida, onde milhares de peixes se reproduzem, e tudo é alegria.

Observem os charcos rasos à beira do caminho, poças de água, sem profundidade, que logo secam à luz dos raios solares, e acabam se convertendo em lodo.

Sejam profundos, meus irmãos! Compareçam às Salas de Meditação, aos nossos Lumisiais.

Amem de todo o coração e de toda a alma os piores inimigos; beijem o látigo do verdugo; abençoem aqueles que vos perseguem e maldizem; devolvam o mal com o bem.

Amadíssimos, tenho a alta honra de convidar a todos para um permanente intercâmbio epistolar. Mas rogo, peço e suplico absterem-se de todo tipo de elogio e louvação.

É urgente e indispensável que compreendam que minha insignificante pessoa vale menos que as cinzas de um cigarro, algo que não tem a mínima importância.

Com toda sinceridade digo que qualquer carta que chegar contendo elogios ou louvações será descartada. Tratem-me de coração a coração. Lembrem-se da máxima hermética que diz: “Te dou amor no qual está contido todo o sumo da sabedoria”.

Aos meus piores inimigos, esses que tanto me odeiam, maldizem e perseguem, esses que tanto criticam meus livros, por meio desta Mensagem, faço chegar um abraço fraternal cheio de verdadeiro amor.

Adoro meus inimigos, meus críticos e a todos desejo Feliz Natal e Próspero Ano Novo.

Amadíssimos irmãos gnósticos que leem esta Mensagem, digo a todos que me sinto muito feliz em poder responder vossas cartas, mas, por favor, aprendam a ser pacientes; às vezes a resposta demora um pouco devido a que não respondo somente à sua carta, mas a milhares delas – e a todas devo responder.

Amadíssimos, que a Estrela do Natal resplandeça em vosso caminho. De todo meu coração e de toda minha alma, desejo a todos um Feliz Natal e um próspero ano novo.

PAZ INVERENCIAL

Samael Aun Weor.

FIM